UNICAMP
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
IEL – Instituto de Estudos da Linguagem
Departamento de Lingüística

NO FIO DO DISCURSO: O SEQÜESTRO COMO UM FATO DE LINGUAGEM

Dissertação de Mestrado

Marcos Aurélio Barbai

Orientadora: Profa. Dra. Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi

Campinas
Fevereiro de 2004

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida por ***Marcos Aurélio Barbai*** e aprovada pela comissão julgadora.

Campinas, 19 de fevereiro de 2004.

_____

Profa. Dra. Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi
Orientadora

Banca examinadora:
Profa. Dra. Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi
Profa. Dra. Suzy Maria Lagazzi-Rodrigues
Profa. Dra. Carolina Maria Rodriguez Zuccolillo
Prof. Dr. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães (supl.)

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Lingüística.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES

UNIDADE IEL
Nº CHAMADA
T/UNICAMP
B232n
V EX
TOMBO BC/ 61036
PROC. 16-122-04
C D
PREÇO 11,00
DATA 19-11-04
Nº CPD
3.b30 3345 23

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

Barbai, Marcos Aurélio
B232n No fio do discurso: o seqüestro como um fato de linguagem / Marcos Aurélio Barbai . - Campinas, SP : [s.n.], 2004.

Orientadora : Profª. Drª. Eni Puccinelli Orlandi.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Análise de discurso. 2. Violência. 3. Seqüestro. 4. Memória. 5. Subjetividade. I. Orlandi, Eni Puccinelli. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Dissertação de Mestrado defendida em 19 de fevereiro de 2004 e aprovada pela Banca Examinadora composta pelos Profs. Drs.

Profa. Dra. Eni Puccinelli Orlandi Iel-Unicamp

Profa. Dra. Suzy Maria Lagazzi-Rodrigues Iel-Unicamp

Profa. Dra. Carolina Maria Rodriguez Zuccolillo Labeurb-Unicamp

Suplente: Prof. Dr. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães Iel-Unicamp

Este exemplar e a redação final da tese defendida por Marcos Aurélio Barbai

e aprovada pela Comissão Julgadora em 14/09/04.

BC/UNICAMP

As palavras me antecedem e ultrapassam, elas me tentam e me modificam, e se não tomo cuidado será tarde demais; as coisas serão ditas sem eu as ter dito. Ou pelo menos não era apenas isso. Meu enleio vem de que um tapete é feito de tantos fios que não posso me resignar a seguir um fio só; meu enredo vem de que uma história é feita de muitas histórias. E nem todas posso contar.

Clarice Lispector

Para minhas avós, Jasmilina e Alzira.
A meus pais, Maurício e Maria.

AGRADECIMENTOS

Eni *'palavras não alcançam a honra que você merece: obrigado pela orientação e confiança em meu esforço de trabalho'.*

Maria (Lia) *'mãe nem a mais linda gratidão alcança o seu significado...'*

Maurício (Inácio) *'pai obrigado pelo incentivo constante e pela felicidade do abraço em cada encontro'.*

Marcela *'ser seu irmão é um presente...'*

Terezinha (Né), Cleuza e Sandra *'tias, obrigado pela acolhida, pelo amor e incentivo.'*

Fabiana, Cristiane, Renata, Lívia e Ana Cláudia *'o caminho da busca proporcionou a alegria do encontro e da amizade.'*

Castilho e Campinas *'amigos de lá (saudades); amigos de cá (consolo).*
Menção especial à Luciana, Luciano, João, Taynara, Xavier, Walmírian, Rosângela, Alice, Vânia, Viviane, Daniella e Girlene.'

A Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela bolsa de estudos concedida para realização desse estudo e à Unicamp.

'Je peut tout de Dieu, parce que je parle de coeur a coeur'.
Thérèse de Liseux

'Ó Deus, sinto-me agradecido...'

RESUMO

Nosso trabalho busca compreender o funcionamento da situação seqüestro como um acontecimento, sob a perspectiva teórica da Análise de Discurso. A partir da análise de reportagens da imprensa, bilhetes e conversas telefônicas, empreendemos nosso gesto de leitura.

No percurso da análise foi fundamental compreender as especificidades dessa situação: o seqüestro irrompe no domínio da memória como um fato de 'emergência' em que a vida do sujeito seqüestrado está por um fio. O silêncio, o bilhete, a letra, a voz e a imprensa-televisão são os lugares materiais que o acontecimento engendra para se significar.

Há um espaço enunciativo-intersubjetivo que instaura a economia da palavra: não falar, silenciar é um efeito da evidência. Porém, os sujeitos se mostram pela formulação, no corpo da palavra. O traço, a voz e o silêncio são signos de resistência materializados pelo simbólico.

A análise do discurso do acontecimento seqüestro deu visibilidade ao embate subjetivo que irrompe na situação. Há a fragilização da identidade: não se pode deixar matar, os sujeitos estão presos a esse fio. A discursividade do seqüestro exerce nesse espaço os modos de filiação.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Violência. Seqüestro. Memória. Subjetividade.

RÉSUMÉ

Ce travail comprend le fonctionement dans la situation du séquestre comme un événement discursif, sous la perspective théorique de l'Analyse du Discours. Nous avons entrepris notre geste de lecture a partir de l'analyse de textes de la presse, petite lettre et de conversation téléphonique.

Dans le trajet d'analyse, il a été essentiel comprendre la espécificité de cette situation : le séquestre qui fait irruption dans le domaine de la mémoire comme un fait d'émergence dans lequel la vie du sujet est pour un fil. Le silence, la petite lettre, la lettre, la voix, et la presse-télévision sont les lieux matériaux lesquels l'événement engendre pour se signifier.

Il y a un espace enunciatif-intersubjectif qui établi l'économie des mots: ne pas parler, silencier est un effet de l'évidence. Cependant, les sujets s'exposent pour la formulation, dans le corp du mot. Le dessin, la voix et le silence sont signes de résistence matérialisés pour le simbolique.

L'analyse du discours de cette événement a donné visibilité au choc qui fait irruption dans la situation. Il y a la fragilisation de l'idéntité : on ne peut pas laisser tuer, les sujets sont attachés à cette fil. La discursivité du séquestre exerce dans cette espace les façons de filiation.

Mots-clés: analyse du discours, violence, séquestre, mémoire, subjectivité.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 19

1 - A LEITURA: UM NOVO LUGAR PARA INTERPRETAÇÃO 21

2 - ANÁLISE DE DISCURSO: UM ESTATUTO HISTÓRICO PRÓPRIO 27

2.1 - O MATERIALISMO E O SABER SOBRE A LINGUAGEM 31
2.2 - O AMOR, O REAL E O IMPOSSÍVEL NA LÍNGUA... 34
2.3 - A ARTE DE LEVAR AOS EXTREMOS AS QUESTÕES IMPERDOÁVEIS 39
2.4 - O SUJEITO FUNCIONA BEM DEMAIS... 45

3 - POR UMA ANÁLISE DE DISCURSO DO BRASIL 49

4 - A TESSITURA DO RESSENTIMENTO E O SEQÜESTRO 55

5 - UM ACONTECIMENTO: O SEQÜESTRO 67

6 - O FANTASMA DE 16 DE DEZEMBRO 79

CONSIDERAÇÕES FINAIS 125

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 129

APRESENTAÇÃO

Compreender o processo de significação que o discurso engendra pelo trabalho da ideologia é lidar com o acaso e com as condições de produção desse acaso. Essa é uma tarefa em que não há afirmações categóricas.

A presente dissertação objetiva refletir um fato de linguagem nos interstícios de tal consideração. Buscamos compreender e explicitar a especificidade do funcionamento do seqüestro enquanto um acontecimento. Partimos do princípio que a prática do seqüestro é um acontecimento que irrompe no domínio da memória dos ressentimentos como um lugar de embate ideológico. É na 'emergência' desse embate que se dá a corporalidade da linguagem, a formulação. O corpo do sujeito e o corpo da linguagem são atravessados pela discursividade que o acontecimento estabelece constituindo os processos de subjetivação e os jogos de identidade. Para isso, nosso trabalho se inscreve na perspectiva teórica e metodológica da Análise de Discurso.

Escolhemos como objeto de observação a questão do seqüestro, visando não só compreender um objeto específico, mas sobretudo a própria elaboração do gesto de leitura na relação com o arquivo. A nossa leitura dar-se-á sobre o seqüestro de Welington José Camargo, irmão da dupla de cantores sertanejos Zezé di Camargo e Luciano.

O conjunto das análises é composto por reportagens da imprensa que acompanharam o fato, pelos bilhetes dirigidos à família durante o processo de negociação e pelas conversas telefônicas entre o sujeito seqüestrador e o sujeito negociador e entre os sujeitos seqüestradores e seu grupo.

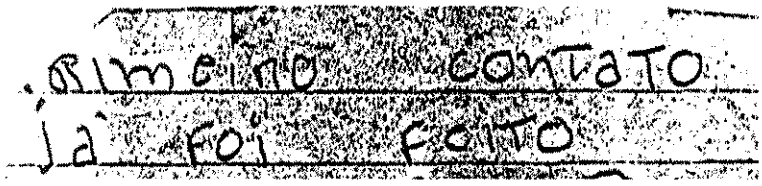
Para empreender o nosso gesto analítico o dispositivo teórico do trabalho é construído no seguinte percurso: num primeiro momento consideramos no **capítulo 1**, o movimento intelectual em torno da noção de leitura que se dá na conjuntura dos anos de 1960 com interesse de explicitar o surgimento da Análise de Discurso nesse espaço.

Em seguida dedicamo-nos, no **capítulo 2**, a tratar da Análise de Discurso em um percurso histórico, acentuando as rupturas e deslocamentos para a constituição da disciplina. No **capítulo 3**, focalizamos o próprio da Análise de Discurso em se desenvolvimento no Brasil.

Abordamos, no **capítulo 4**, a questão da memória dos ressentimentos - espaço em que a violência se textualiza. Já o **capítulo 5** é dedicado à reflexão do seqüestro pelo viés do acontecimento discursivo. Procedemos, no **capítulo 6**, ao nosso gesto analítico.

E, finalmente, buscamos, em nossas **considerações finais**, a organização do desenvolvimento de nossa reflexão.

Antes de entrarmos diretamente no universo do trabalho é importante, ao nosso ver, registrarmos com um recorte de nosso arquivo, o embate ideológico desencadeado no momento em que a memória encontra a atualidade e irrompe no jogo das redes de filiação a força material do sentido. Vejamos:



Esse enunciado é um "ato" – no sentido de Pêcheux (1969), ato ao nível simbólico, isto é, gesto - que coloca em movimento a relação identitária que constitui os sujeitos na situação de enunciação.

Essa formulação prefigurada pelo enunciado **primeiro contato já foi feito** vai legitimar e trabalhar o acontecimento do seqüestro no contexto particular e no espaço da memória que ele convoca e começa a reorganizar: a família, a polícia, a imprensa...

O enunciado, circulando em uma conjuntura e situação dada, ao se instalar, em seu estatuto discursivo único, no silêncio fundante e estruturante que impõe o embate material das relações de força e de sentidos, que refletem os confrontos ideológicos, materializados na língua e na história, pode deslocar qualquer ponto dos processos discursivos. O confronto discursivo desse acontecimento pelo trabalho das formulações não vai parar de retomar, balançar a rede, deslocar, jogar com os pontos de impossível: o real.

1 - A LEITURA: UM NOVO LUGAR PARA INTERPRETAÇÃO

> "A promessa de uma ciência régia conceptualmente tão rigorosa quanto as matemáticas, concretamente tão eficaz quanto as tecnologias materiais, e tão onipresente quanto a filosofia e a política!...
> Como a humanidade poderia ter resistido a semelhante pechincha?"
> Pêcheux (1983:35)

No contexto científico dos anos de 1960, no interior do estruturalismo, surge um movimento de reflexão em torno da noção de leitura e interpretação: há a necessidade de se compreender o que significa ler em uma conjuntura teórica dada, isto é, explicitar a natureza da leitura. Essa necessidade produz deslocamentos nas práticas científicas e nas configurações epistemológicas, pois é preciso na ciência estabelecer um lugar para a leitura, ou seja, acentuar a sua não-transparência e construir maneiras de ler.

Nessa conjuntura teórica, política e histórica podemos destacar autores como Althusser (na releitura do marxismo); Lacan (na releitura de Freud); Foucault (e a arqueologia) e Pêcheux (com a Análise de Discurso). Pretendemos, nesse espaço textual, pontuar brevemente o movimento de reflexão que se dá com esses autores. Nosso objetivo é acentuar o contexto em que a Análise de Discurso irrompe de modo a marcar na história da ciência um lugar em que se reconhece a impossibilidade de um acesso direto ao sentido e considerar a interpretação como objeto de reflexão.

Althusser rejuvenesceu o marxismo com uma (re)filiação do materialismo[1]. Seu artigo *Freud e Lacan* e sua leitura de *O Capital* permitem pensar o marxismo fora do

[1] O materialismo, tal como nos reporta Althusser (1979), tem por objeto constitutivo os modos de produção que surgiram e surgem na história, a sua estrutura, seu funcionamento e transformações. O materialismo expressa as condições da prática que produz o conhecimento, fundamentados em dois princípios: a primazia do real sobre seu conhecimento (primazia do ser sobre seu pensamento) e a distinção entre o real e seu conhecimento. O materialismo, como teoria das formações sociais e seu funcionamento, examina o modo como cada *ciência existente* é produzida.

mecanicismo, já que ele se tornara uma doutrina do Estado. Há assim o encontro entre o marxismo, a psicanálise e a lingüística. Observemos o que escreve Althusser (1979:14) na introdução de *Ler o Capital*.

> *"Depois de Freud é que começamos suspeitar do que dizer, o escutar, e portanto o falar (e o calar); e que o 'querer-dizer' do falar e do escutar revela, sob a inocência do falar e do escutar, a profundidade de uma fala inteiramente diversa, a fala do inconsciente."*

Althusser marca o encontro da trilogia Marx/Freud/Saussure que se estabelece como um desafio intelectual de modo a engajar uma revolução cultural que coloca em causa as evidências da ordem humana. Ela é um ataque ao narcisismo da consciência humana.

Convém salientar, agora, o retorno de Lacan a Freud. Esse gesto significativo é uma volta à teoria madura, isto é, para além de um infantilismo teórico. Um dos aspectos essenciais do trabalho de Lacan se dá com sua referência constante à Lingüística, ao trabalho de Saussure, Jakobson e outros. Aliás, sem a Lingüística, a tentativa de teorização de Lacan teria sido impossível. Freud dissera que tudo dependia da linguagem e Lacan dá sustentação a essa tese ao afirmar que '*o discurso do inconsciente é estruturado como uma linguagem*'.

O trabalho de Lacan não foi uma tarefa suave. Um fato da ordem política/histórica pode acentuar isso: em 1963 ele foi expulso da Sociedade Francesa de Psicanálise, pois essa instituição desejava se associar à *International Psycho-Analitic*, que exigia como condição a 'cabeça' de Lacan. Um professor que acolhia seus seminários na Universidade de *Sainte-Anne* aproveitou-se da situação e 'livrou-se' de Lacan. É importante comentar nessa situação que Althusser, já secretário da famosa *École Normale Supérieure* da rua *d'Ulm*, convida Lacan para ali continuar seus seminários. Se paga um 'preço' por abrir caminhos de ordem teórica que afetam a materialidade das instituições.

Há que se ressaltar, com relevância, os trabalhos de Michel Foucault e o de Michel Pêcheux. Eles são o cavalo de Tróia destinado a fazer uma reviravolta no campo das Ciências humanas e sociais. Primeiro observemos, em um breve percurso histórico, o trabalho de Foucault e depois o de Pêcheux.

O projeto de Michel Foucault - a Arqueologia do Saber - é um trabalho que se desenvolve no conjunto de suas obras. Em 1961 ele publica a *História da Loucura* que estudou, em diferentes épocas, os saberes sobre a loucura para determinar o momento e as condições do nascimento da psiquiatria. Este projeto demonstrou como a psiquiatria, ao invés de ser a 'descobridora' da loucura, torna-se a radicalização de um processo de dominação do louco que começou muito antes dela.

Já em 1963, com *O Nascimento da Clínica*, ele procurou explicitar os princípios de organização da medicina em épocas diferentes (oposição entre a medicina clássica e a moderna). Foucault ressalta que a medicina clássica se funda na história natural, ao passo que a medicina moderna na biologia, porém essas disciplinas articulam os saberes com o extra-discursivo, ou seja, (as instituições) como o hospital, a família, a escola e também com as transformações políticas e sociais da Revolução Francesa.

As Palavras e as Coisas, publicação de 1966, aprofunda e generaliza inter-relações que situam os saberes constitutivos das ciências humanas sem pretender articular as formações discursivas com as práticas sociais. Estas três obras abrem caminho para a análise histórica sobre as ciências que se constitui com a *Arqueologia do Saber*, publicada em 1969. Estabelece-se desse modo instrumentos para a análise dos saberes, com ênfase nas inter-relações discursivas e suas articulações com as instituições.

Para nós, após a publicação dessas obras a reflexão de Foucault muda, pois ele estrutura na arqueologia os princípios teóricos e metodológicos capazes de constituir um instrumento para uma análise mais rica, que explicite a produção dos saberes.

Segundo Foucault (1997), a arqueologia busca definir os próprios discursos enquanto práticas que obedecem a regras. Ela se dirige ao discurso em seu volume próprio, na qualidade de *monumento*, definindo sua especificidade e mostrando seu jogo de regras. A arqueologia descreve os discursos como práticas específicas no elemento do arquivo. Enquanto instrumento não pretende se apagar em uma leitura que se deixa voltar. Ela é *a descrição sistemática de um discurso-objeto.*

É oportuno apresentarmos, nesse espaço, a conjuntura em que o trabalho de Michel Pêcheux se desenvolve. Para empreender seu projeto, o fundador da escola francesa de Análise de discurso, só tinha a indicação formulada por Althusser sobre o paralelo entre a

evidência da transparência da linguagem e o efeito ideológico elementar, isto é, a evidência segundo a qual somos sujeitos.

Althusser estabeleceu o paralelo sem definir uma relação. E para expressar esta ligação Pêcheux introduz o *discurso* (o cavalo de Tróia para as Ciências Humanas e Sociais, um *instrumento* para abertura de campo nas pseudo-ciências). Ele desenvolveu uma teoria do discurso e um dispositivo operacional de análise do discurso (A Análise Automática do Discurso).

Com uma postura não reducionista frente à linguagem Pêcheux vai estabelecer uma teoria materialista dos processos discursivos em que recusa a interpretação formalista dos mecanismos lingüístico-discursivos.

> "*Podemos, então, de agora em diante, afirmar que uma teoria materialista dos processos discursivos não pode, para se constituir, contentar-se em reproduzir, como um de seus objetos teóricos, o 'sujeito' ideológico como 'sempre-já dado': na verdade, e isso por razões imperiosas que dizem respeito à intrincação dos diferentes elementos que acabamos de enunciar, essa teoria não pode, se deseja começar a realizar suas pretensões, dispensar uma teoria (não subjetivista) da subjetividade. Dessa forma, o domínio teórico de nosso trabalho se enquadra definitivamente determinado por três regiões interligadas, que designaremos, respectivamente, como subjetividade, a discursividade, e a descontinuidade ciências/ideologias*" (Pêcheux, 1988:131).

Orlandi (2002:27) diz que o deslocamento produzido de Marx a Althusser e o mesmo gesto feito por Lacan em relação a Freud, se coloca no lugar em que, pela consideração da linguagem na relação com que teoriza Althusser sobre a ideologia e o sujeito, funda um novo campo na relação com a Lingüística, na figura de seu fundador Saussure. Mesmo sendo filósofo e não lingüista, Pêcheux busca o concurso do conhecimento lingüístico para inaugurar, no domínio do conhecimento, um novo campo de questões, que produz um novo objeto em sua relação com a língua. A questão do sujeito e do sentido toma uma dimensão, ou como explicita a autora, continua sendo a pedra de toque, pois há o efeito da introdução da noção de linguagem em sua relação com a ideologia (e como diz Orlandi, da Interpretação). Neste contexto surge uma equação teórico-política com: Freud/Marx/Saussure e Lacan/Althusser/Pêcheux.

O trabalho teórico no contexto dos anos de 1960 está marcado por rupturas: com a lingüística já é possível não mais considerar o sentido como conteúdo e há um novo olhar em relação à leitura. Ao nosso ver são estes gestos e, principalmente a reflexão de Pêcheux na relação da língua com a ideologia, que permitirão à Análise de Discurso ocupar o lugar teórico de disciplina da interpretação. Enquanto des-disciplina da interpretação (E. Orlandi, 1996b) e por ter como lugar fundamental o entremeio, podemos afirmar que essa posição epistemológica permite à Análise de Discurso um trabalho de questionar/provocar/pôr em questão a interpretação.

Ao assinalarmos a conjuntura intelectual dos anos de 1960 e inscrevermos a Análise de Discurso nesse espaço seguiremos nosso percurso teórico. Concebemos a Análise de Discurso como um lugar de entremeio capaz de explicitar a compreensão do lingüístico na relação com o discursivo incidindo fundamentalmente a questão do sujeito e do sentido: não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Para isto, construiremos, em nosso próximo capítulo, o dispositivo teórico da interpretação de nosso objeto: o seqüestro.

2 - ANÁLISE DE DISCURSO: UM ESTATUTO HISTÓRICO PRÓPRIO

"uma disciplina ... inquieta com seu objeto."
Maldidier (2003:76)

Denise Maldidier (1997:15), ao elencar um retorno histórico sobre a Análise de Discurso, no solo francês, marca um interessante encontro que se centra entre a lingüística e o materialismo. De certo modo podemos dizer que essa disciplina, na conjuntura teórico-política do fim da década de 1960, tem um estatuto de dupla fundação.

É com as figuras de Michel Pêcheux e Jean Dubois[2], no comum espaço do marxismo e da política, porém com uma diferença muito sucinta, que o projeto da Análise de Discurso toma corpo: *"A AD como um modo de leitura"* (idem: 18). Para Dubois, que tem sua formação em lingüística, a Análise de Discurso constitui-se como uma prática a substituir a subjetividade do leitor pelo aparelho da gramática. Ele insere a Análise de Discurso nos estudos dos grandes textos políticos. De certa maneira, podemos destacar, que a disciplina é pensada em uma passagem do estudo da palavra (lexicologia) ao estudo do enunciado (análise do discurso), como uma extensão e progresso da lingüística: o corpus, de estatuto constratativo, conduz a um dispositivo estrutural ao relacionar um modelo da lingüística com um outro modelo (de cunho sociológico), para tratar das variantes e variáveis.

A constituição do *corpus* e o método no trabalho de Dubois o conduzem a reter uma certa definição do corpus aos fins da pesquisa. Isso se dá, principalmente, pela problemática da constituição do corpus discursivo. Havia o propósito de demarcar um conjunto de objetos empíricos a manipular a fonologia ou os dados gramaticais na descrição da língua. Esses princípios empíricos, com o objetivo de definir a estrutura do discurso, em uma descrição exaustiva, representativa e homogênea do corpus, tem no dizer de Courtine (1981) um procedimento de agrupar e organizar os dados empíricos para um estatuto teórico que parece fazê-lo falhar:

---

[2] As questões de Dubois o levam a modelos interpretativos centrados na análise lexical e no funcionamento dos enunciados. Sobre esses pontos ver: Dubois, J. (1997) Lexicologia e Análise do Enunciado. In: Gestos de Leitura: da história no discurso. Eni P. Orlandi (org). Campinas, SP: Editora da Unicamp.

> *"Le discours, comme objet, entretient un rapport déterminé à la langue, et la possibilité même d'une analyse du discours se loge dans tel rapport. Tout procédure d'analyse du discours trouve dans la linguistique son champ de validation... et le risque corrélatif de réduire le discours à la langue."* (1981:10)

Ao nosso ver, e apoiados nas palavras de Courtine, a falha se dá porque a especificidade do discurso ancora-se em uma correspondência entre a língua e o que surge do exterior desta (marcado pelo sociológico, histórico e psicológico).

O trabalho de Michel Pêcheux, com um estatuto discursivo fundador[3], se encontrava na conjuntura histórica da década de 60 do século XX, envolvido nos debates teóricos que se desenvolvem na rua Ulm, centrados no marxismo, na psicanálise e na epistemologia.

Sob o pseudônimo de Thomas Hebert (uma verdadeira 'brincadeira' com a autoria) Pêcheux publica entre 1966 e 1968 dois textos com conceitos e noções chaves com referência ao materialismo histórico e à psicanálise e, principalmente, dois artigos, esses sob seu nome, de Análise de Discurso.

Henry (1997a:16-17) nos diz que os textos publicados por Hebert foram uma estratégia de evitar incômodos à carreira de Pêcheux: os artigos dizem respeito à situação teórica nas ciências sociais e têm como objetivo fornecer a esse campo um instrumento científico.

É importante destacar as posições fundamentais dos dois textos: o primeiro refere-se às condições de estabelecimento do objeto de uma ciência e aqui a noção de instrumento é extremamente relevante, pois para Hebert-Pêcheux, "*toda ciência é, antes de tudo, a ciência da ideologia com a qual ela rompe*" e dessa forma, o objeto de uma ciência não é empírico, mas uma construção. Já o segundo estabelece o processo de reprodução metódica deste objeto, em que cada ciência explora seu exterior testando sua consistência e sua necessidade, ou seja, é um processo que ajusta o discurso teórico a si mesma.

---

[3] O que denominamos fundador ecoa da reflexão de Orlandi sobre o Discurso Fundador "*...o fundador busca notoriedade e a possibilidade de criar um lugar na história, um lugar particular. Lugar que rompe o fio da história para reorganizar os gestos de interpretação.*" IN: Orlandi. E. P. (2001) (org.) Discurso Fundador. Campinas, SP: Pontes, 2ª edição, p. 16.

A relação (fundamental) entre o instrumento científico (tarefa de uma construção) e o processo de reprodução metódica revelam que um instrumento não pode ser concebido independentemente de uma teoria. Isto porque todo empréstimo para construir o instrumento precisa ser reinventado e apropriado pela teoria.

A estratégia elaborada por Pêcheux constitui-se em um presente de grego para as ciências humanas e sociais, ou seja, há um trabalho teórico/político/instrumental que se centra também em uma crítica sob a utilização de instrumentos nas ciências sociais, principalmente no que se refere à ligação delas com o político, que não permitiam nenhuma re-invenção e apropriação do instrumento pela teoria. Na busca da objetividade adequava-se o instrumento às práticas técnicas no espaço em que o próprio instrumento se desenvolvera e fora utilizado.

Entretanto, há ainda outros destaques necessários que demonstram a ilustração e utilização ideológica das ferramentas e instrumentos na prática científica: entre elas está o uso das ferramentas e dos instrumentos pela epistemologia e filosofia do conhecimento empírico e a busca pela validação e comprovação para autorizar (ou contestar) posições ideológicas na direção de intervir nas mesmas orientações ideológicas, o que de certa forma pode excluir questões da ordem social. Todo esse processo marca a história da epistemologia do conhecimento empiricista.

Henry (1997a:24) nos aponta um relevante dado da leitura dos textos de Hebert-Pêcheux:

> *"as ciências sociais desenvolveram-se principalmente nas sociedades em que, de modo dominante, a prática política teve como objetivo transformar as relações sociais no seio da prática social de tal modo que a estrutura global desta última ficasse conservada. Elas consistem, em seu estado atual, na aplicação técnica a uma ideologia das relações sociais tendo em vista a adaptação ou a re-adaptação das relações sociais à prática social global, considerada como invariante do sistema."*

Para Pêcheux, a intervenção no político, praticada no seio das ciências sociais (e de certo modo também pela psicologia social), é de certo modo idealista[4]. As alianças teóricas praticadas na década de 60, anos do estruturalismo ortodoxo, faz da Lingüística a ciência-

[4]Quanto ao idealismo, desenvolveremos o efeito desta prática científica em outro momento da reflexão.

piloto e esta é eleita a sair de seu domínio, de modo a 'emprestar' seu(s) instrumento(s) de prática científica para ser(em) apropriado(s), por outros domínios teóricos, aos seus fins específicos, o que de certa forma gerou um reducionismo às tentativas de especificar a natureza humana.

Nessa conjuntura emerge o instrumento político de intervenção e transformação social '*capaz de reformular a demanda social*' (Henry, 1997a: 24), apoiado em uma 'arma científica', como um modo de leitura portador de uma crítica ideológica a fazer uma reviravolta no domínio teórico-prático-instrumental das ciências sociais: ***o discurso***.

A emergência do discurso como um objeto-instrumento no campo da ciência marca-se em importantes linhas divisórias. Henry (1997a:14) nos diz que o que interessava Pêcheux no estruturalismo era uma atitude não reducionista frente à linguagem. Althusser, em seu trabalho na releitura de Marx, renova o materialismo e fornece novas vias para pesquisas de examinar o modo como cada *ciência existente* é produzida. Nesse contexto Althusser renova o materialismo, o que permite novas elaborações teóricas.

Althusser (1985b:53) faz acerca do conceito de ideologia o seguinte comentário:

> *"Segue-se que, tanto para vocês como para mim, a categoria de sujeito é uma 'evidência' primeira (as evidências são sempre primeiras): está claro que vocês, como, eu, somos (sujeitos livres, morais, etc.). Como todas as evidências, inclusive as que fazem com que uma palavra 'designe uma coisa' ou 'possua um significado' (portanto inclusive as evidências da' transparência' da linguagem), a evidência de vocês e eu somos sujeitos – e até aí que não há problema – é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar. Este é aliás o efeito característico às ideologias..."*

Althusser aponta uma ligação entre ideologia e linguagem, porém não desenvolve esse encontro. É aqui que Pêcheux assume um estatuto fundador, pois na relação entre ideologia e linguagem é que vai se dar a constituição do discurso e, por conseguinte, o desenvolvimento de teoria do discurso e um dispositivo operacional de análise de discurso.

Esse primeiro dispositivo operacional (a *AAD69*) se dá em uma forte relação com a informática (uma outra paixão de Pêcheux), a lingüística, o materialismo e a psicanálise, porém houve a possibilidade de se usar esse sistema de análise como uma ferramenta no sentido empírico. Nessa direção as questões que surgiram, com outros pesquisadores,

possibilitou a Pêcheux e seu grupo um continuum de perguntas. Assim, "*os instrumentos científicos não são feitos para dar respostas, mas para colocar questões*" Henry (1997a:36).

2.1 - O materialismo e o saber sobre a linguagem

> "Olha aí! Pensarão alguns. Tudo o que foi dito até agora foi só para chegar nisso: agora tentarão nos persuadir de que a filosofia materialista (marxista-leninista) contém 'justamente o que é preciso' à Lingüística para resolver seus problemas. Uma vez mais, trata-se de chamar a Lingüística para fora de seu domínio, de explorá-la em proveito de uma filosofia, e o fato de que ela seja materialista não via mudar nada. Em nome do materialismo, vão-se impor proibições à Lingüística, classificar os enunciados em 'científicos' ou em 'ideológicos' e refazer as línguas a partir da oposição entre noção e conceito. Realmente, uma grande solução!..." Pêcheux (1988:89).

Orlandi (1999:20) nos diz que as noções de sujeito e de linguagem que estão na base das Ciências Humanas e Sociais no século XIX já não têm atualidade após a contribuição da Lingüística e da Psicanálise. Por outro lado, a noção de língua como um sistema abstrato não pode ser a mesma com a contribuição do materialismo.

Pêcheux (1971) ressalta que a dicotomia que tornou possível a ciência Lingüística, com objeto e métodos próprio, intercambiável com outras ciências indica um mito: uma ciência universal com a pretensão de ser considerada uma filosofia das ciências.

Pêcheux e Gadet (1981) nos dizem que a reflexão sobre a linguagem não possui um começo histórico[5] assinalado, pois antes da 'ciência lingüística' o fato da língua já se encontrava em um centro de debates: de um lado o *aristotelismo* que sustenta a ligação entre as palavras e as coisas, constitutiva de uma lei/fato natural (a língua é concebida como um código formando um sistema 'estendido' ao mundo exterior para o efeito dos atos humanos, um produto da regularidade) e o *estoicismo* para quem a linguagem é uma atividade natural que reflete o ajustamento harmonioso entre o homem e a natureza. A língua, nessa abordagem, é produto de uma irregularidade característica de uma anomalia lingüística. Essa posição de certo modo 'acusa' os analogistas de serem gramáticos rígidos aplicados a corrigirem os defeitos das regularidades lingüísticas.

No paradoxo das concepções regulares/irregulares da língua temos assim constituídas duas formas controversas (teórico-políticas) que afetam a lei, a ordem, a regra e o código e sobre essa pedra de toque se divide os que pretendem teorizar sobre a língua (cf. Gadet e Pêcheux, 1981: 26). O saber lingüístico se encontra constitutivamente afetado por uma dupla deriva: a do empirismo (em uma concepção histórica dos fenômenos sociais que se marcam sobre a figura contemporânea do sociologismo) e a do racionalismo que tenta fundar a unidade da língua e a coerência sistêmica do pensamento (sob a figura do logicismo).

É importante ressaltar que uma mudança de terreno e de perspectiva sobre a linguagem só é possível se esta for determinada por duas necessidades: uma luta contra o empirismo (que se debruça da problemática subjetivista centrada no indivíduo) e contra o formalismo (não confundir a língua como objeto da lingüística com o campo da linguagem). A resposta teórica para essa reformulação é o conceito de materialismo histórico: um suporte para favorecer o desenvolvimento da teoria do discurso e da teoria das ideologias (cf. Pêcheux 1971).

Pêcheux foi um leitor muito atento de Saussure. Ele e Françoise Gadet (1981) 'lêem/falam' do centro teórico, ou seja, do nó da própria teoria lingüística. O saber constitutivo na relação entre real e equívoco (que elaboraremos a seguir) abre na obra de Saussure paradoxos: como haver revolução científica se a descoberta de Saussure se dá no

[5] Atualmente há um importante trabalho em desenvolvimento - História das Idéias Lingüísticas - coordenados do lado francês por Silvain Auroux e do lado brasileiro, por Eni Orlandi e Diana Luz Pessoa de Barros, que refletem a constituição histórica do conhecimento sobre a linguagem.

seio das práticas dos gramáticos comparatistas e se Saussure porta (ele mesmo) uma divisão, ou seja, o Saussure do *Curso de Lingüística Geral*, conhecido pela leitura dos editores e o Saussure dos *Anagramas*[6] que trabalha os versos saturnianos?

Toda apresentação do projeto saussureano é uma tomada de posição sobre as condições históricas de cientificidade da lingüística. Situou-se, por exemplo, a noção de signo governado pela relação entre significante e significado. A noção de valor, que sustenta o caráter arbitrário da língua, em um sistema '*où tout se tient*' faz da língua um verdadeiro '*trésor des signes*'. A relação de oposição entre os signos permite que todos os indivíduos lhes atribuam o mesmo valor.

Em Saussure a relação de idéia e de analogia remete à oposição valor/significação, ou seja, o primeiro (valor) domina o segundo (significação). Temos, assim, o princípio da subordinação da significação que pode ser considerado como o nó da ruptura saussureana[7], uma vez que a "*la signification est de l'ordre de la parole et du sujet, seule la valeur concerne la langue*".

O signo lingüístico, análogo ao simbolismo de sua dualidade constitutiva, distingue-se pela ausência de toda relação natural entre os termos dessa dualidade. A língua, nesse processo, se dá como um sistema de signos (uma imensa folha frente/verso) regulado pela arbitrariedade, que traduz o efeito constitutivo das convenções sociais (relações sociais) imposta à língua.

É interessante apontar que o conceito de língua assim definido metaforiza as velhas representações das moedas: a língua como tesouro de signos (a exemplo dos signos monetários) não adquire seu valor nas condições de circulação da comunicação, de permuta ou troca, entre as coisas ou entres os signos. O conceito de valor lingüístico aparece como um caso particular do valor monetário, ou seja, uma simples conseqüência dedutível do sistema.

Convém dizer que o caráter relativo do valor não pode depender da natureza arbitrária do signo. Dizer que o valor é relativo significa que eles são relativos uns aos outros (opostos eles se mantêm em mútua relação de necessidade).

---

[6] O trabalho de Saussure sobre os anagramas faz da poética uma introdução inerente a toda linguagem: o que Saussure estabelece não é uma propriedade do verso saturniano, nem mesmo da poesia, mas uma propriedade da língua ela mesma. Nessa conjuntura o poeta seria somente aquele que consegue acentuar a propriedade da linguagem a seus limites, o que destitui da língua toda possibilidade de sua poesia.

[7] (cf. Pêcheux 1971:95)

Estruturar o valor como peça essencial do projeto científico equivale a conservar a língua como uma *rede de diferenças sem termos positivos*, os signos no jogo de seu funcionamento oposto e diferencial e não de sua realidade. Conserva-se o não dito, o efeito (em ausência) da associação de seu primado teórico, sob a (presença) do dizer e do sintagma; o não-dito é constitutivo do dizer, porque o todo da língua sob a forma finita do não-todo é efeito da não-língua. Uma língua (mestre do pensamento) impõe nela mesma a ordem do negativo, do absurdo e da metáfora. E é nessa ordem que a ciência da linguagem pode ser concebida pelo registro do inconsciente.

O texto de Pêcheux (1971) apresenta o corte saussureano língua/fala, analisando a noção de valor e lutando contra o empirismo e o formalismo (o que permitirá a possibilidade de definir duas necessidades: uma 'nova semântica' para os estudos lingüísticos e a importância do estudo enunciado/enunciação e o efeito do pré-construído). O texto de 1981 reflete a língua em seu real constitutivo (real da língua e da história), marcando o impossível, o político, a loucura, a falha, o equívoco. Essa última direção retomaremos no próximo item.

2.2 - O amor, o real e o impossível na língua...

Milner (1987), em um interessante trabalho denominado *'O amor da língua'*, estabelece como objetivo pensar a Lingüística pelo viés da Psicanálise. Esse título tem um efeito-pergunta interessante, pois como aponta o autor: *"o que é preciso que a língua seja para que se possa designar tão bem o objeto de uma ciência quanto o objeto de um amor?"* (e ainda) *"o que é a língua se a psicanálise existe?"* (idem: 17).

Durante muito, nos diz ele, se desconheceu que a língua é da ordem do **real** (impossibilidade de se dizer tudo na língua), pois se traduz a língua em termos de realidade, situando-a na rede do útil a título de instrumento de comunicação, ou na rede das práticas sociais. Essa realidade pode ser observada nas teses que procuram sustentar o real como representável: a gramática representa a língua, mas não por uma escrita simbólica, e para isso, constrói uma imagem de completude e toma uma colaboração imaginária e se transpõe em termos de totalidade: totalidade qualitativa, isto é, perfeição. Nessa ótica, toda

gramática é, ao mesmo tempo, um elogio da língua escrita (totalidade qualitativa), e por isso que só concebemos uma gramática se ela for completa.

Sabemos que Milner faz uma crítica ao estruturalismo e ao projeto saussureano (marcado entre o Saussure do Curso e dos Anagramas), incidindo, nessa crítica, os caminhos que aponta Lacan com o conceito de *lalangue*[8]. Temos a indissociabilidade dos dois Saussure (já apontados no item anterior) e também o ponto cego em que a lingüística não resolve a contradição invisível para ela, que une a língua ao inconsciente.

Milner desloca o termo *lalange* da psicanálise e o desenvolve para pensar na lingüística a impossibilidade de dizer 'tudo' e marcar nas línguas a irrupção do equívoco.

> "*Aqui se toca na essência do que, da lingüística, interessa à psicanálise. Para resumi-la a seu mínimo, a tese freudiana poderia ser dita assim: o fato de que haja língua tem a ver com o fato que haja inconsciente, de onde se segue os mecanismos de uma repetem aqueles do segundo (é a tese dos sentidos opostos nas palavras primitivas) e reciprocamente. Donde se segue mais precisamente que um ponto pode ser definido onde a língua- ao mesmo tempo o fato de que exista, e o fato de que tenha tal forma- e o desejo inconsciente se articula. Este ponto, ao contrário de Freud, Lacan o nomeou: lalangue, ou, o que é o mesmo conceito; o ser falante, o falar-se.*" (1987: 42)

É importante destacar o trabalho desse lingüista que traz contribuições importantes ao marcar o real da língua como o impossível do dizer. A tese *tudo não se diz* pode ser entendida em muitos sentidos: um deles é a posição que figura o real tal qual o encontra o

---

[8] O termo correspondente à '*lalange*' em português é 'alíngua'. É interessante observar a grafia singular no conceito. Temos langue (língua) e (la)langue (alíngua). Nelas marcam-se a diferença entre língua (da ordem do todo, do real representável, domesticado e possível) e real da língua - alíngua - da ordem do não-todo, do impossível, inscrito na língua. Vejamos, também, o comentário que Milner (1987: 62) faz à respeito do conceito: "*a lalangue é aquilo através do que um ser pode ser dito falante [...] o que é um ser falante? Para introduzir esta possibilidade, Lacan toma de bom grado emprestado um estilo clássico: é, diz ele, porque dois seres não podem juntar-se que eles falam. Tese aparentemente bem filosófica ela toma sentido pela construção de um caso hipotético contrário: ou seja, puros espíritos (Anjos) que conhecendo imediatamente tudo do outro, ele não tem nenhuma necessidade da linguagem. Isso implica (1) que a relação crucial entre dois seres é o conhecimento que eles podem ter um do outro (2) que a alma sendo o lugar de conhecimento, o obstáculo crucial é construído pelo corpo. Mas não é isso que interessa a Lacan: o ponto que dá seu preço à tese clássica é que ela liga a possibilidade da linguagem à existência de um certo impossível, marcando uma certa relação. Para o filósofo, os termos da relação são sujeitos de representação, dotados de uma lama e de um corpo, o segundo representando a primeira; a relação é de conhecimento por intermédio de uma representação, dito de outra forma uma comunicação (comunicação não no sentido matemático, mas no filosófico: a relação de conhecimento mútuo entre dois sujeitos, tomados no espaço da representação).*"

lingüista, apenas com o risco de traduzi-la por uma locução, marcada como incorreta, e 'proibida'; mas existe o tudo não se diz que designa em **outro** real, com o qual o lingüista só tem a ver: sempre faltam palavras para dizer alguma coisa, ou: existe o impossível a dizer.

A Análise de Discurso considera fundamental a língua constitutiva do-no real, pois temos a possibilidade da língua sujeita a falhas. Entretanto, o que a instância do real pode, como questão, colocar ao materialismo histórico e estar a ele relacionado? Essa pergunta inscrita em 'La langue introuvable' (Gadet e Pêcheux 1981) é fundamental: pois o materialismo excede o puro terreno da epistemologia e se engaja em um jogo político portando sua existência de um real da história. "*O materialismo histórico pretende se fundar sob um registro desse real como contradição*[9]".

A contradição, constitutiva do real da história, é o que Milner recusa, pois considera a história como puro efeito imaginário, eventualmente morto, e não como um real contraditório: a história é concebida como um espaço imaginário, não é suscetível de conclusões práticas.

Ao se fundar sobre o registro do real o materialismo histórico tem a possibilidade de fazer trabalhar o real da história para além das ideologias da Vida e do Direito[10]. Assim, podemos afirmar com Orlandi (1999:37) que "*se o real da língua não fosse sujeito a falhas e o real da história não fosse passível de ruptura não haveria transformação, não haveria movimento possível, nem dos sujeitos nem dos sentidos*".

A teoria materialista aborda o próprio da Lingüística ao fio de sua evolução: em suas origens pré-científicas; em seu estabelecimento enquanto ciência; no seu encontro com a modernidade política (surda à ordem do político e do inconsciente) e na conjuntura contemporânea (surda ao equívoco).

Quanto às origens pré-científicas já observamos como a Lingüística se relaciona com o 'mundo' teórico-político do aristotelismo e do estoicismo; com relação a seu

---

[9] "*Le materialisme historique prétend se fonder sur um saisie de ce real comme contradiction*". Gadet e Pêcheux (1981:32)

[10] O real da língua ultrapassa os dois caminhos da antropologia, que de certa forma projetam o real da língua na esfera do Direito e da Vida. A antropologia vai se dar como um espaço filosófico de investigação empírica que assinala um duplo aspecto jurídico, filosófico e biológico que dá a possibilidade de termos a lingüística do homem como animal falante (Aristóteles). O exercício do Direito e as ideologias da ciência como escritura lógico-matemática faz da ciência uma máquina lógica. E aqui temos algo relevante: a noção de língua lógica (como desenho do real) garante a coesão do positivismo da ciência com a prática do Direito. (Gadet e Pêcheux: 1981)

estabelecimento consideramos o trabalho dos dois Saussure (o do Curso e dos Anagramas). Porém com referência à modernidade política e à contemporaneidade gostaríamos de tecer algumas considerações.

A modernidade política marca-se com os embates profundos que sofria a discursividade marxista. Orlandi (1998) acentua esse embate como irreversível porque a esquerda começa a ficar fora do discurso e temos assim o 'anúncio' da discursividade neoliberal. Nessa discursividade não há espaço no discurso das ciências sociais para palavras como (imperialismo, luta de classes, operariado etc). A propriedade desse domínio discursivo é trabalhar os espaços da globalização, comunidades e investir outros modos de significar.

Gadet e Pêcheux (1998)[11] ressaltam sob a figura do logicismo e do sociologismo a contradição (crise) da Lingüística. A figura do logicismo compromete-se com o formalismo e é contrária ao sociologismo que se liga ao historicismo. Essas correntes pretendem dar conta do comportamento de um locutor real, em situação real.

Os autores sustentam que o logicismo e o sociologismo constituem duas formas específicas de denegação da política que se encontram recobertas nas questões ligadas à ciência do 'continente-história' fundada por Marx (e desenvolvida por Lênin). A tendência logicista nega a política falando de outra coisa, ao passo que a tendência sociologista recalca a política falando ou acreditando falar dela.

> *"Se prosseguimos ainda em relação a esse 'ponto cego' que regula as ligações contraditórias do logicismo e do sociologismo, encontraremos a questão do estado onde se condensa, sob uma forma resumia (a expressão é de Marx) o conjunto das relações de produção capitalistas. Diremos que as duas tendências* ***recobrem*** *a questão do estado, cada uma a seu modo: (1) o logicismo recobre a questão do Estado considerando as determinações jurídicas-políticas inscritas no funcionamento do aparelho do Estado como se se tratasse de propriedades psicológicas e morais a uma 'natureza humana' universal e eterna'; (2) o sociologismo recobre também a questão do Estado substituindo a análise das relações de produção por uma teria das relações sociais que não é outra coisa que uma psicosociologia das relações inter-individuais (status, papel,prestígio, atitude,motivação...).* ***Como se espantar, nessas condições, que a sociolingüística fique***

[11] O texto a qual fazemos referência é: "Há uma via para Lingüística fora do Logicismo e do Sociologismo?" Tradução de Eni Orlandi. In: *Escritos 3* (1998), LABEURB.

> ***sem voz diante do fenômeno do neo-liberalismo que não tem a concretude psico-social das relações de parentesco, de idade, de sexo, de raça, de nível cultural...?***[12]" (Gadet e Pêcheux, 1998).

Somente uma mudança de terreno (uma luta teórica contra as diferentes formas do humanismo) que não desemboca jamais em uma 'lingüística do proletário' poderá, através do plano da língua e da ideologia, pensar a relação entre línguas e formações ideológicas.

A Lingüística vai reconhecer a Psicologia como a nova ciência-piloto epistemologicamente e politicamente acima de qualquer suspeita. Ela se 'sustentará' no trabalho das pedagogias e tecnologias que tratam o 'próprio da língua' no bloco bio-social do animal humano e lutam incessantemente para 'esquecer' o fato estrutural da castração simbólica (o sujeito não é mais mestre de si).

O 'próprio da língua' preso a esse domínio torna-se um objeto residual que impõe à pesquisa lingüística uma desconstrução teórica. Assim, Pêcheux (1998) ressalta a existência dos universos discursivos logicamente estabilizados, inscritos no espaço da matemática e das ciências da natureza, nas tecnologias industriais e bio-médicas, na esfera do social dos dispositivos de gestão-controle administrativos que apoiados em propriedades das línguas naturais autorizam operações de esquematização, dicotomização, cálculo lógico etc.

Entretanto, é preciso considerar que qualquer língua natural é também a condição de existência de universos discursivos não-estabilizados logicamente, próprios ao espaço sócio-histórico dos rituais ideológicos, dos discursos filosóficos dos enunciados políticos, da expressão cultural e estética. Na segunda categoria (dos universos discursivos não estabilizados logicamente), a ambigüidade, o equívoco, constituem um fato estrutural incontornável que

> *"impõe à pesquisa lingüística a construção de procedimentos (modos de interrogação de dados e formas de raciocínio) capazes de abordar explicitamente o fato lingüístico do equívoco como fato estrutural implicado pela ordem simbólica, ou seja, trabalhar no ponto em que acaba a consistência da representação lógica inscrita no espaço dos mundos normais"* (cf. Pêcheux, 1998:25).

[12] O grifo é nosso.

Dessa forma o objeto da lingüística (o próprio da língua) é atravessado por uma divisão discursiva de dois espaços. O primeiro é o da manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o segundo é o espaço das transformações do sentido em um trabalho do sentido sobre ele mesmo, tomado no lance das interpretações.

O universo discursivo logicamente estabilizado deriva de posições positivistas e neo-positivisas que não levam em conta a historicidade. Por historicidade não estamos considerando o tempo cronológico, mas as condições sociais que determinam o ser humano.

Paul Henry (1992) nos diz que a Lingüística se deixa tomar pelo campo da complementaridade e vai ser condenada a se resolver com o campo do social e do psicológico. Assim, sob o efeito da psicologização ou da sociologização, a Lingüística se reduz a um desses domínios e qualquer pergunta que ela faça é mais bem respondida por um desses domínios.

Pêcheux, ao articular os três domínios (a teoria lingüística, a teoria materialista e a teoria psicanalítica) rompe com a complementaridade, pois dá um estatuto, pelo discurso, ao próprio da língua e faz com que o lingüístico apareça fora do domínio do psicológico e sociológico.

Além disso, concordamos com Pêcheux (1998: 28) que "*mais do que celebrar ou lamentar a volatização do real da língua, tratar-se-ia então de pensá-lo como um corpo atravessado por falhas, ou seja, submisso à irrupção interna da falta*".

A partir do exposto, ou seja, estabelecida a relação entre o saber lingüístico e o materialismo (e de certo modo a psicanálise), avançaremos para o terreno da teoria não-subjetiva da subjetividade: a teoria materialista dos processos discursivos.

2.3 - A arte de levar aos extremos as questões imperdoáveis

O percurso que até aqui desenhamos é um gesto de ler o acontecimento teórico-político da Análise de Discurso pelo viés de alguns textos de Michel Pêcheux, como também, dos pesquisadores que compunham seu grupo de trabalho.

Para nós, o texto de 1975, *Les vérités de la Palice* (tradução brasileira Semântica e Discurso), é uma reflexão teórica de releitura filosófica e histórica tendo o *discurso* como a figura central. Nas palavras de Maldidier (2003: 45) ele (o discurso) liga todos os fios: "*da lingüística e da história, do sujeito e da ideologia, da ciência e da política*". Crítica violenta à filosofia idealista que encontra todas as soluções no logicismo e subjetivismo, Michel Pêcheux toca em uma questão nodal: a semântica.

Em 1892 o filósofo e matemático Gottlob Frege publica seu artigo clássico 'Sobre o Sentido e a Referência' (Über Sinn und Bedeutung) inaugurando um novo modo de se pensar ou olhar a linguagem. Frege é a origem de todo o movimento renovador da lógica e o pai de todas as direções da filosofia analítica, chegando Dummett à opinião de que a famosa expressão *linguistic turn* (virada lingüística), característica da filosofia contemporânea, já se realizou de fato.

Frege preocupava-se com a conexão entre matemática e filosofia e queria submeter os raciocínios usados na construção da aritmética a uma prova mais severa. Nessa tentativa, Frege achou a linguagem natural incapaz de exprimir as estruturas lógicas com precisão.

Pêcheux faz um retorno a Frege e o lê pelo materialismo, apontando seu antipsicologimo (ponto encantador para ele) e seu logicismo (o ponto cego). Frege diz que o sujeito não é portador do objeto de seu pensamento, pois para ele o funcionamento da língua (a relação entre independente e subordinada relativa) induz no pensamento uma ilusão, ou seja, a posição de existência. Essa ilusão no domínio da linguagem se dá porque a linguagem natural é 'mal feita' e contém armadilhas e ambigüidades que podem desaparecer na análise lógica (em uma língua artificial).

Na tentativa de libertar a matemática dos efeitos da linguagem natural na construção de línguas lógicas (artificiais) há uma valorização do lógico em detrimento do psicológico, pois se tudo fosse da ordem da representação a psicologia conteria todas as ciências[13].

[13] No tempo de Frege há uma confusão entre o lógico e o psicológico. A psicologia preocupa-se com o que é subjetivo (com as representações que surgem no sujeito por meio das recordações das impressões sensíveis e atividades que produzem uma imagem interna). Para Frege, o pensamento, enquanto conteúdo de um ato de pensar, não é elemento da consciência, ele não pertence ao conteúdo da consciência: o pensamento é objetivo (todos tem acesso a ele) e as representações não, pois o pensamento pertence ao domínio das entidades atemporais e imutáveis e sua existência independe de ser captada e expressa. Assim, constitui-se a dicotomia radical entre o objetivo e o subjetivo. Sobre esse e outros pontos ver: Oliveira, M. A *(1996) Reviravolta Lingüística-Pragmática na Filosofia Contemporânea.* São Paulo: Edições Loyola; Frege, G (1949). *Function and Concept* Translations from the Philosophical Writings of Gottlob Frege, Geach, P & Black, M. (eds),

Dentro desta divisão entre lógica e psicologia Frege procura um esclarecimento e aprofundamento das conexões lógicas no campo da predicação e elabora a sua semântica.

Nessa (re)leitura de Frege, Pêcheux passa do terreno lógico-lingüístico para o discursivo e faz retornar o político. Ele 'bombardeia' a relação língua-pensamento e toma o fenômeno sintático da relativa[14] determinativa/restritiva e da relativa explicativa/completiva para estabelecer, pelo conceito de pré-construído - o efeito discursivo ligado ao encaixe sintático - de modo a mostrar que um elemento de um domínio irrompe num elemento do outro como se já se encontrasse sempre aí.

A característica essencial do pré-construído é a separação entre o pensamento e o objeto de pensamento, com a pré-existência do último, marcada por uma discrepância entre dois domínios de pensamento, de tal modo que o sujeito encontra um desses domínios como o impensado do pensamento, impensado este que pré-existe ao sujeito. (cf. Pêcheux, 1988:102).

Assim, Pêcheux nos aponta o engano idealista ao não considerar a independência do pensamento em relação ao ser: nesse processo toda designação sintática correta constrói um objeto de pensamento. A Lógica, com a ambição de se tornar o núcleo de toda ciência, com sua ficção lógica, e a filosofia neopostivista, com 'sua linguagem rigorosa e descrições que não acarretam a crença de uma existência', dirigem-se ao sujeito universal que em toda parte e em todo lugar pensa por meio de conceitos.

O percurso lógico-lingüístico permite a Pêcheux acentuar o mascaramento da descontinuidade entre o conhecimento científico e o desconhecimento ideológico. Há o mito (e erro central) que concebe ideologia como idéias e não como *forças materiais* que *constituem os indivíduos em sujeitos*. Esse engodo central consiste em conceber um sujeito individual concreto pertencente a elementos de um conjunto como personificação de uma

---

pp.21-41 e Frege, G. (1978) *Lógica e Filosofia da Linguagem*, São Paulo, Cultrix. Nesse último livro observar os dois artigos: "sobre o sentido e a referência e sobre o conceito e o objeto".

[14] Entre as relativas explicativas e as relativas restritivas a questão se coloca com a determinação é a da referência e do sujeito e de uma possibilidade de referência para o sujeito. Paul Henry (1990:52) nos diz que *"A relação de paráfrase é constitutiva do efeito de sentido e da relação a um referente que implica este efeito. O efeito de sentido não está nas unidades, mas nas relações"*. Assim, irrompe uma noção discursiva de paráfrase que referida ao conceito de formação discursiva, enquanto determinação daquilo que pode em uma conjuntura dada e uma posição dada, ser substituído por uma unidade dada. As relações parafrásticas não podem ser definidas fora do discurso. O importante é que nesse domínio irá trabalhar o conceito de interdiscurso. Sobre essas colocações ver: Henry, P. (1975) Constructions relatives et articulations discursives. *Langages* 37. Paris: Didier-Larousse. Trad. Bras. "Construções relativas e articulações discursivas" In: *Caderno de Estudos Lingüísticos* (19):43-64, Campinas, SP: IEL-UNICAMP, 1990.

metáfora do homem único (e também fonte única de todas as operações de pensamento/sentido: o efeito ideológico 'sujeito' em que a subjetividade é fonte/origem/ponto de partida de toda aplicação).

A leitura materialista, ao se desvencilhar do idealismo e do subjetivismo, impõe uma transformação da metáfora (o efeito ideológico da subjetividade como causa de si) para um processo não subjetivo no qual o sujeito se constitui e desse modo inscreve o domínio teórico da teoria materialista do discurso "em três regiões interligadas, respectivamente, com *a subjetividade,* a *discursividade* e a *descontinuidade ciências/ideologias*" (cf. Pêcheux, 1988:131), de modo a fundar a teoria materialista dos processos discursivos.

Pêcheux (idem:149) avança para a teoria materialista dos processos discursivos relendo de forma singular o artigo de Althusser "Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado", com sua tese central "a categoria de sujeito ... é a categoria constitutiva da ideologia".

Ao ligar materialmente a Ideologia ao Inconsciente, como podemos observar na citação que se segue, "*É no interior desse processo natural humano da história que a Ideologia é eterna (omni-histórica) - enunciado esse que faz eco à expressão de Freud: o inconsciente é eterno.*" (idem:152), Pêcheux designa essas duas estruturas/funcionamentos constitutivas do sujeito e, assim, determina o fundamento de todo o trabalho: a questão da constituição do sentido juntar-se-á com a constituição do sujeito (na tese central), na figura da interpelação (idem:153).

Considerar a tese central (a Ideologia interpela os indivíduos em sujeito) é referir que o não-sujeito é interpelado-constituído em sujeito pela Ideologia. A interpretação (que se dá por um efeito retroativo) faz com que todo indivíduo seja "sempre-já-sujeito".

Orlandi (1996b:145) acentua a ligação *solidária* entre a ideologia e o inconsciente, porém, ressaltando que essa relação necessária não se reduz uma à outra ou vice-versa. A afirmação de que a ideologia e inconsciente estão materialmente ligados pode ser interpretada como uma definição que situa a língua como esse lugar material.

A autora (2002:29) diz que o estatuto dessa relação implica que o inconsciente e a ideologia se materializam na língua mas um não absorve outro.

"Dada minha filiação à análise de discurso, trabalho com a relação da língua com o interdiscurso, relação característica do trabalho analítico sobre o sujeito discursivo da ideologia. Por outro lado, pressuponho, mas não trabalho diretamente, a relação da língua com a alíngua, relação característica trabalhada pela análise do sujeito e do inconsciente. O que é preciso, talvez, acentuar é que a ideologia é estrutura/funcionamento (tal como o inconsciente)".

A Análise de Discurso trabalha o efeito ideológico em face a um conjunto de questões colocadas em relação à significação e à história. Na construção de seu dispositivo ela teoriza sobre o fato da interpretação.

Françoise Gadet (1978)[15] em seu artigo "La double faille" diz que há um investimento teórico que favorece a idéia de um sujeito mais afetado pelo inconsciente que pela ideologia. Orlandi (2002:46) ressalta que essa recusa se dá em admitir-aceitar o real da história "*insuportável pelo sujeito capitalista é saber-se significado pela ideologia*".

Para Pêcheux o caráter material do sentido, trabalho da ideologia que designa (ao mesmo tempo) o que é e o que deve ser fornecendo as evidências nas quais 'todo mundo sabe', é sustentado pela introdução do conceito de formação discursiva e por duas teses: o sentido não existe em si mesmo, mas é determinado pelas posições ideológicas no jogo do processo sócio-histórico em que as palavras, expressões e proposições são produzidas e mudam de sentido segundo as posições sustentadas por quem as emprega. Essas posições se inscrevem no complexo das formações ideológicas e no interior do complexo das formações discursivas que determina o que pode e deve ser dito em uma dada conjuntura.

De acordo com essa perspectiva uma palavra não tem um sentido que lhe seria próprio (vinculado à literalidade). Seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras ou expressões mantêm com outras palavras ou expressões de uma mesma formação discursiva. O processo discursivo é um sistema de substituição, paráfrase, sinonímia que funcionam entre os elementos lingüísticos (significantes) em uma formação discursiva dada. (cf. Pêcheux, 1988:161).

---

[15] Registramos aqui um trecho deste artigo que destaca o domínio da sintaxe inscrito e marcado pelo domínio do inconsciente e da história enquanto real contraditório (trabalho da ideologia). "*L' inconscient et l'histoire (...) s'inscriraient en des lieux marqués au coeur même de celle-ci, si l'on parvient à la concevoir comme un réel intégrant les contradictions qu'il met en jeu*". In: Gadet, F. (1978:515) *La double faille*. Actes du Colloque de Sociolinguistique de Rouen.

Já com a segunda tese temos a introdução do conceito de interdiscurso. Maldidier (2003:51) em sua 'resenha' do "Le vérités de la Palice" denomina o interdiscurso como conceito chave, e ainda, *"o fecho da abóbada"* do projeto de Pêcheux. O próprio de toda formação discursiva é dissimular na transparência do sentido que nela se forma a objetividade material contraditória do interdiscurso. Essa objetividade faz referência a uma afirmação fundamental na Análise de Discurso: *"algo fala sempre, antes, em outro lugar independentemente"* (cf. Pêcheux, idem:162).

O interdiscurso enquanto discurso-transverso atravessa e coloca em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo interdiscurso enquanto pré-construído: a matéria na qual o sujeito se constitui como sujeito falante (ao estar no nível das articulações, argumentos e explicações para significar o mundo, ele é aquele que já está lá e sua decorrência histórica já o faz apagado enquanto causa). O intradiscurso - fio do discurso de um sujeito - é um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma interioridade determinada do exterior.

Orlandi (1999:32) ressalta que o fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia. Há uma relação entre o já dito e o que se está dizendo (trabalho do interdiscurso no intradiscurso), um jogo entre a constituição do sentido e sua formulação, *"sempre tomadas em redes de memória dando lugar a filiações identificadoras"* (cf. Pêcheux, 1988a:54).

Cabe ainda acentuar que o interdiscurso (memória, saber discursivo) produz efeito em um sujeito afetado pelo mundo. O sujeito se constitui (trabalho da ideologia e do inconsciente) pela língua e pelo mundo. Há uma relação do simbólico e da história que marca na discursividade a inscrição dos efeitos da língua, sujeita a falhas, na história.

No jogo, na tensão, entre a paráfrase e a polissemia, pelos deslocamentos, retomadas, inversões, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer, entre a diferença e a repetição, produz-se o discurso, a formulação. O corpo da palavra resulta dessa tensão, jogo no qual se movimentam os sujeitos e os sentidos (Orlandi, 1999:36). Concebemos, assim, a historicidade (idem:1996a,1996b,1999, 2002). A paráfrase e a polissemia são duas forças que continuamente trabalham o dizer.

Era preciso o grande encontro entre Discurso e Ciência...

2.4 - O sujeito funciona bem demais...

A análise de discurso, ao instaurar o discurso como objeto de reflexão, tornou-se o centro de atenção das teorias da linguagem em geral. Enquanto disciplina que provoca a interpretação (Orlandi, 1996b) ela institui novas maneiras de ler as materialidades escritas e orais (um novo tratamento do arquivo) (Pêcheux, 1983-1997)[16] em uma relação com a leitura, a memória e o pensamento.

Em '*Les vérités de la Palice*' Michel Pêcheux realiza um trabalho (um bate-boca teórico e político) em torno da Tríplice Aliança (Althusser, Lacan, Saussure). Estrutura-se a teoria materialista não subjetiva da subjetividade - teoria dos processos de constituição do sujeito e do sentido. Nesse processo de construção, afirmações sobre a categoria do sujeito e do sentido, trabalho da Ideologia, eram inevitáveis.

Pêcheux (1983) 'funda' a Análise de Discurso como disciplina do entremeio: o contexto epistemológico em que a Análise de Discurso se inscreve é dos espaços discursivos não estabilizados logicamente, derivados dos domínios filosóficos, sócio-histórico, político ou estético e dos múltiplos registros do cotidiano não estabilizado.

Enquanto disciplina da interpretação a Análise de Discurso está no entremeio, se funda entre disciplinas, mas como afirma Orlandi (1996) ela funda-se nas contradições, produz um outro lugar de conhecimento com sua especificidade . Ela não é mera aplicação da lingüística sobre as ciências sociais: forma-se no lugar em que a linguagem tem de ser referida necessariamente à sua exterioridade, para que se apreenda, enquanto processo significativo.

Com Pêcheux temos também desenhados os processos de identificação do sujeito nos processos de constituição do discurso. Para o autor (1988:215-216), no jogo da prática do discurso a interpelação do indivíduo em sujeito se realiza pela identificação do sujeito com a formação discursiva.

Já no terreno da luta contra a evidência ideológica, afetada pela negação, o sujeito se contra-identifica com a formação discursiva imposta pelo interdiscurso como determinação exterior de sua interioridade subjetiva, porém há o efeito sobre a forma sujeito de uma desidentificação, ou seja, uma tomada de posição não subjetiva. Nessa relação a ideologia

[16] Os textos a que fazemos menção é Análise de Discurso: Três Épocas (1983) e Ler o arquivo hoje (1997).

não desaparece, mas funciona às avessas sobre si mesma, lutando contra uma estrutura e seu funcionamento.

Pêcheux (1988:300) nos diz que levar demasiadamente a sério a ilusão de um ego-sujeito pleno em que nada falha, *"eis precisamente algo que falha em Les vérités de La Palice"*.O anexo de onde retiramos essa citação é um trabalho do autor na tentativa de ajustamento da formulação base de *Les vérités de La Palice*: a forma-sujeito do discurso, na qual coexistem, indissociavelmente, interpelação, identificação e produção de sentido, realiza o *non-sense* da produção do sujeito como causa de si a forma da evidência primeira.

Esse comentário do autor nos permite pensar que não há lugar para a 'falha' (non sense). Obra de grande repercussão no solo das ciências da linguagem, os debates e reflexões sucessivas permitiram um outro olhar de Pêcheux sobre seu trabalho. Aqui lembramos Ricoeur (1991:185) que diz que *"no momento em que uma obra desata de seu autor, todo o seu ser é recolhido pela significação que o outro lhe atribui"*.

Assim, Pêcheux enuncia algumas considerações sobre dois pontos incontornáveis: (1)*"não há dominação sem resistência (primado prático da luta de classes, que é preciso 'ousar se revoltar"*. (2) *"Ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja (primado prático do inconsciente, que significa que é preciso suportar o que venha a ser pensado, isto é, é preciso 'ousar pensar por si mesmo')"*.

Desse modo é possível depreender o papel da semântica na Análise de Discurso e destacar assim como se dá a questão semântica para o analista de discurso: a questão dos sentidos é aberta, uma questão filosófica. Análise de Discurso é a elaboração do ponto nodal em que a semântica tem a ver com a Lingüística, com a Filosofia e com as Ciências Sociais (cf. Orlandi, 2002:45).

As novas maneiras de ler as materialidades não cessam de encontrar o real. (cf. Pêcheux, 1983). Ele está sempre lá. Real que não se aprende, não se transmite, mas produz efeitos. Com Pêcheux há um verdadeiro golpe na consciência humana que sempre deseja um mundo semanticamente normal.

A escrita de Michel Pêcheux é um trabalho de empreiteiro: a escrita atravessada pela metáfora, pelo chiste, o traço de um amor à língua. Sua reflexão, aquilo que *"ele teorizou sob o nome de 'discurso' é apelo de algumas idéias tão simples quanto*

insuportáveis: o sujeito não é a fonte do sentido; o sentido se forma na história através do trabalho da memória, a incessante retomada do já-dito; o sentido não pode ser cercado, ele escapa sempre. Por causa de Michel Pêcheux, o discurso, no campo francês, não se confunde com sua existência empírica; ele representa uma forma de resistência intelectual à tentação pragmática. (...) Para além da lingüística, ele permitiu a abertura de novas pistas na história, em sociologia, em psicologia, por todo lugar onde se tem a ver com textos, onde se produz o encontro da língua com o sujeito" Maldidier (2003:96). Sempre Pêcheux...

3 - POR UMA ANÁLISE DE DISCURSO DO BRASIL

> "Parafraseio Cora Coralina: quanto mais longe vou, mais volto para casa. Sei hoje mais sobre a língua do que sabia quando trabalhava na lingüística strictu sensu. Quanto ao discurso, falta muito para eu saber o que realmente é".
> Orlandi (2002:39)

Cremos ter desenvolvido o estatuto histórico-teórico-político da Análise de Discurso, no solo francês, disciplina que emerge da reflexão singular com Michel Pêcheux.

Entretanto, para nós, uma questão de ordem teórico-política se instaura: a Análise de Discurso é o grande acontecimento teórico no campo do saber da linguagem na França, mas ela também é um acontecimento singular no Brasil, com uma reflexão 'fina' e crítica que assume o trabalho de Michel Pêcheux, não o recusa, mas porém o (re)elabora.

Essa questão de ordem teórico-política toma-nos em uma problemática: o olhar do colonizador imposto ao colonizado. Por uma ilusão (eficácia do imaginário da colonização-trabalho da ideologia) se toma a ciência muitas vezes no espaço da transferência: o que foi (é) enunciado-estruturado em um espaço 'chega' a outro espaço igualmente, sem modificações, o que talvez, produz o efeito que impede de se assumir uma posição, ou seja, se denego o outro como sou eu?

A Análise de Discurso no âmbito das relações institucionais, ao emergir no campo das teorias da linguagem, impõe-se uma primeira linha divisória: a Análise de Discurso européia e norte-americana. A primeira marca-se por uma tendência lingüístico-pragmática, já a segunda por uma tendência materialista.

Michel Pêcheux é a iniciativa de reflexão que interroga as próprias teorias que constituem as relações contraditórias do seu campo de existência. Ela, ao colocar questões, dicotomiza a história do pensamento sobre a linguagem e nesse processo a América do Sul (o Brasil) tem uma contribuição e especificidade própria.

No corpo de nosso dispositivo teórico já apontamos algumas contradições que acentuam o traçado necessário das formulações que tornaram a Análise de Discurso um acontecimento no solo da ciência: o discurso (enquanto objeto) reconfigura o traçado disciplinar do campo das ciências da linguagem com efeitos sobre as ciências humanas e sociais. Esse processo marca o grande encontro entre discurso e ciência, ideologia, sujeito e sentido: enfim, lingüística, materialismo e psicanálise. Aqui também é importante destacar os pontos de atrito na emergência dessa conjuntura teórico-política: os grandes embates com o logicismo e (principalmente) com o sociologismo.

Em se tratando do Brasil, no campo das ciências da linguagem, a relação teórico e política com os americanos e europeus marca a dominância da lingüística norte-americana e de certo modo a emergência da pragmática. A peculiaridade da Análise de Discurso aqui é a sua institucionalização com uma produção e alcance teórico que a torna uma disciplina com conseqüências para a prática do saber lingüístico.

A batalha teórica (os atritos aqui no Brasil) toma três dimensões: que está a favor da questão lingüística (querendo silenciar o discursivo), o que para Orlandi (2002:32) se configura na recusa da relação da língua com a ideologia; a que considera a ideologia mas o faz sob o modo de análise sem lugar próprio (o que pela autora é denominado informalmente 'puxadinho teórico' – uma espécie de análise de conteúdo 'travestida'); e os que questionam continuamente seu campo teórico (considerando-o aberto) esquecendo que a abertura não é um defeito (é uma propriedade) que a constitui e a define.

A Análise de Discurso da filiação de Michel Pêcheux desenvolve-se no Brasil de forma particular. Nesse processo de desenvolvimento fecundo é importante destacarmos o caminho teórico-político que se dá enquanto prática do saber da linguagem em Campinas, na figura de Eni Orlandi e um conjunto de pesquisadores.

Podemos ressaltar como processo fecundo trabalhos que questionam a doença infantil da Análise de Discurso, que fora considerada o modo de des-subjetivar a leitura de textos políticos, dando para noção de tipos de discurso (trabalho de Guespin[17] e outros) um novo estatuto.

É interessante destacar que, no estudo da tipologia, Orlandi (1987:153.) considera que enquanto resultados e enquanto produto, os tipos são cristalizações de funcionamentos

[17] Guespin, L.(1976) "Types de discours, ou fonctionnements discursifs?" Langages 41.

discursivos distintos, havendo a relação entre a atividade e produto do dizer. Os tipos passam a fazer parte das condições de produção do discurso.

> *"Com o uso e a sedimentação, funcionamentos discursivos que se configuram com discurso jornalístico ou discurso jurídico etc, ganham legitimidade, se institucionalizam historicamente e passam a contar nas condições de produção. Como tipos cristalizados que retornam ao processo da interlocução, como modelos. O produto se repõe ao processo."*

A pesquisadora estabelece três tipologias discursivas, mas levando em consideração o modo como os interlocutores se consideram e a relação dos interlocutores com o objeto do discurso. Temos, então o discurso lúdico (em que há o efeito do jogo), o discurso polêmico (em que há o efeito de questionamento, discussão) e o discurso autoritário (com o efeito de verdade e monossemia). Entretanto, o que a noção de tipo de discurso aponta é a categoria do funcionamento desses tipos discursivos.

Ainda nessa direção é oportuno lembrar o trabalho de Lagazzi-Rodrigues (1998) que rejeita uma tipologização do político em seu trabalho e coloca-se como tarefa pensar o político como funcionamento e funcionamento discursivo.

A pesquisadora (idem:38) nos diz que

> *"não basta dizer de um discurso que ele é político, ou pedagógico, religioso...É importante mostrar o funcionamento do político, do pedagógico e do religioso, do jurídico, mas não apenas numa relação interna a cada um. É necessário romper com a tradição (tipo) lógica que delimita categorias, ainda que se digam categorias discursivas. Parece-me incoerente que em uma disciplina que tem na desterritorialização um papel fundamental, análises mantenham delimitações estanques"*

Além disso, podemos também acentuar outras contribuições e construções teóricas (deslocamentos produtivos) extremamente relevantes: a tensa relação entre paráfrase e polissemia (ponto ao nosso ver fundamental) que contribuiu para 'desmanchar' um outro embate teórico na Análise de Discurso em torno da noção de formação discursiva. Conceito foucaultiano, emprestado por Pêcheux e interpretado muitas vezes como

mecanismo discursivo de assujeitamento, dotado de uma estrutura semiótica e voltado à repetição (o que apagaria o acontecimento-estrutura que é o discurso).

Aqui se torna relevante um comentário: a noção de formação discursiva traz em seu engendramento uma concepção estrutural do funcionamento discursivo que marca um certo incômodo, pois sabemos que o real está sempre a marcar o impossível, o que permite a afirmação de que a ideologia é ritual com falhas e a língua é passível de falhas e o discurso de equívoco.

Esse processo, ao nosso ver, advém da leitura de Foucault, preocupado em estabelecer as bases da episteme de uma ciência e o funcionamento institucional nas relações de força no social, denegando o lugar da resistência. Assim, o sujeito é capturado pelo institucional e reproduz a instituição em um efeito contínuo. A revolta é totalmente impensada. Tomar a emergência da palavra na tensa relação entre paráfrase e polissemia é um modo de não trabalhar com o risco do fechamento nas formações discursivas.

Há que se considerar, na Análise de Discurso do Brasil, contribuições como a afirmação da incompletude dos sujeitos e do sentido (que permite acolher a noção de alteridade e falha); o deslocamento com relação a Foucault da noção de autoria e de texto permitindo diferentes posições-sujeito no mesmo espaço textual; a noção de forma material (lingüística e histórica) redefinidas a partir de Hjelmslev e, por fim, a reflexão singular do **silêncio** no discurso, da **interpretação** e do **discurso fundador**.

Nosso objetivo não é listar deslocamentos teóricos em um campo específico, mas dar visibilidade ao próprio da Análise de Discurso em seu desenvolvimento no Brasil, tendo em vista que aqui a ciência da linguagem tem um percurso diferente daquele da França, mas mantém uma sólida afinidade teórica específica.

> *"Na relação entre a 'tradição' lingüística brasileira e a lingüística geral, minha prática nessa história aponta para o deslocamento a presença simultânea, no Brasil, de uma 'escola' de análise de discurso 'aqui'. Podemos mesmo falar em uma escola Brasileira de Análise de Discurso, em cuja fundação me situo – ressaltando a presença de um grupo de pesquisadores fortes e conseqüentes -, na sua relação com a escola Francesa de Análise de Discurso (a que foi fundada por M. Pêcheux, o predecessor)".*

Queremos destacar que o processo de institucionalização que a Análise de Discurso encontra aqui se dá de modo diferente na França e nessa diferença há lá o lapso entre a Análise de Discurso e sua estrutura institucional.

Por fim, afirmamos que o nosso trabalho que tem por objeto de reflexão o seqüestro inscreve-se na Análise de Discurso do Brasil, des-disciplina da interpretação, em um processo contínuo de elaboração teórico-político conseqüente e responsável. É nesse espaço de reflexão que realizaremos nossa pesquisa.

4 - A TESSITURA DO RESSENTIMENTO E O SEQÜESTRO

> "Acreditar no mundo é que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos. É ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. Necessita-se ao mesmo tempo de criação *e* povo".
> Deleuze (2000)

Pensar uma tessitura (textualização) do ressentimento em uma prática discursiva é considerar a forma-sujeito histórica no jogo da identidade-atualidade do sujeito e dos sentidos em um movimento na história, em que os sentidos são trajetos simbólicos e históricos não terminados (cf. Orlandi, 1990).

A tessitura do ressentimento (memória da potência, do totalitarismo, da agressividade, do ódio recalcado) é tomada por nós como um trabalho da exterioridade em que os universos subjetivos irrompem, na tessitura do discurso, tecendo e (des)tecendo um manto que nunca cessa de engendrar e significar o mundo.

Deleuze (1998:335) nos diz que os problemas sociais só podem ser apreendidos numa 'retificação', ou seja, quando a faculdade de sociabilidade se eleva a seu exercício transcendente e quebra a unidade do senso comum. O objeto transcendente da faculdade de sociabilidade é a revolução. Ela (a revolução) é a potência social da diferença, o paradoxo de uma sociedade, a cólera da Idéia social.

No que diz respeito ao seqüestro Souza (1983) faz um interessante trabalho com objetivo de traçar uma radiografia dessa situação. Nesse estudo o autor, experiente agente policial, aponta um histórico da situação de seqüestros no Brasil, como também de seu desenvolvimento.

O autor (idem:13) ressalta que a história dos seqüestros no Brasil pode ser divida em quatro fases. A primeira, ocorrida no final dos anos 1960 e início dos anos 1970, foi a

época dos seqüestros políticos em que atuaram as Organizações de esquerda Movimento Revolucionário (MR-8) e Aliança Libertadora Nacional -ALN.

Nos anos de 1980, as vítimas passaram a ser grandes empresários e banqueiros. O objetivo dos seqüestros já não era político, mas financeiro, e os grupos de criminosos, organizados, exigiam resgates milionários.

Em 1990 as vítimas selecionadas eram pequenos empresários, comerciantes, profissionais liberais (o autor destaca uma reviravolta no tipo de crime e dá ênfase na diminuição do valor de resgate). Já na quarta fase, que caracteriza a maioria dos casos ocorridos, há a banalização dos seqüestros.

Souza ainda identifica sete fases no planejamento-execução de um seqüestro: a *seleção do alvo* (levantamento dos recursos financeiros de modo que o resgate seja pago); o *reconhecimento* (a vigilância sobre o alvo e os modos de familiarizar-se com sua rotina); o *seqüestro propriamente dito* (abordagem, condução da vítima e notificação do caso); *cativeiro* (local anteriormente preparado para o confinamento).

A quarta fase, ou seja, a *negociação*, é identificada como a parte mais importante na solução de um seqüestro: aqui há o contato entre seqüestradores e família, que muitas vezes é auxiliada pela polícia. Temos também a *coleta do resgate* (momento de exposição dos seqüestradores para recolher o dinheiro negociado) e a *libertação do refém* (que geralmente se dá após a média de 30 horas do pagamento do resgate). Ao identificarmos estas sete fases temos assim a radiografia do seqüestro.

É interessante notar o forte olhar institucional da polícia na leitura dessa situação. De nossa parte não desconsideramos essa força material que faz significar a situação seqüestro, porém é nosso interesse seguir uma via de reflexão que possa nos apontar quais são os efeitos que em uma formação social dada fazem o seqüestro significar como um gesto de violência. Nessa direção, convém formular, duas questões: Qual seria a especificidade do seqüestro? E, como a violência significa nessa situação?

Hanna Arendt (1998:16) aponta uma interessante metáfora da violência inscrita no espaço logicamente estabilizado do mito e da narrativa bíblica. Fato intimamente relacionado com a violência e atestado pelos lendários primórdios de nossa História relatam que: Caim matou Abel (narrado em Gênesis 4, 1-16) e Rômulo matou Remo (caso clássico

da literatura greco-romana). A violência foi o começo e, justamente por isso, nada poderia ser iniciado sem o emprego da violência, sem violação.

Os primeiros feitos registrados na tradição bíblica e clássica, concebidos ou não como lendários, ou reconhecidos como fatos históricos,

> *atravessaram os séculos com a força que o pensamento humano atinge nos raros momentos em que produz metáforas irretocáveis, ou narrativas universalmente aplicáveis. A lenda falou claramente: toda a fraternidade de que os seres humanos possam ser possuidores nasceu do fratricídio; qualquer que seja o grau de organização política que os homens possam ter atingido, teve sua origem no crime. Essa convicção de que, no princípio houve um crime – da qual a expressão ' estado de natureza' é apenas uma paráfrase teoricamente purificada – manteve, ao longo dos séculos, a primeira frase de São João, 'No princípio era o Verbo', teve para os problemas da salvação* (Arendt, 1998:16).

A autora ressalta que a teoria de um estado de Natureza interpretou e desenvolveu teoricamente essa metáfora muitas vezes para justificar a guerra e sua violência, em função de um mal original inerente às coisas humanas.

Concordamos com Arendt (1994:44), que afirma "*que a violência advenha freqüentemente do ódio é um lugar-comum. Não há dúvida de que é possível criar condições sob as quais os homens são desumanizados, tais como os campos de concentração, a tortura, a fome* [e inserimos aqui o seqüestro], *mas isto não significa que eles se tornem animais; e sob tais condições, o mais claro indício da desumanização não é o ódio e a violência, mas a sua ausência notável*". Recorrer à violência face aos eventos ou condições ultrajantes é sempre extremamente tentador em função de sua imediatidade e prontidão.

Corroborar no espaço social uma 'guerra civil' e denegar cada vez mais a revolução[18] é de certo modo apontar para crescente incapacidade das forças armadas institucionalizadas em diferentes corporações, que da função básica de defesa da população civil passou a utilizar a estratégia de intimidação que alterou o papel do militar de protetor para um ser vingador.

---

[18] É oportuno destacar que a revolução não é a mudança de uma estrutura, mas transformação de uma forma social.

Se a solução de conflitos materiais-existênciais passar pela via da compaixão (não é ela que modifica as condições materiais) a fim de aliviar o sofrimento humano, ela elimina os demorados a extenuantes processos de persuasão, negociação e acordo (processos da lei e da política), e empresta voz ao próprio sofrimento, que deve clamar por ação direta e rápida, isto é, ação com os meios de violência.

É importante destacar com Maffesoli (1987) que a violência (ou dissidência) é um elemento estrutural do fato social que se inscreve em um duplo movimento de destruição e de construção: esse movimento é revelador, pois de uma desestruturação social manifesta invoca uma nova construção. Desse modo a estruturação social é fundamentada num vai-e-vem entre ordem e desordem.

A adoção de normas (o funcionamento dos mundos discursivos logicamente estabilizados no corpo social e institucional) cria um centro (ou centros) e periferias

> *o louco, o anormal não está mais integrado numa organicidade social da qual ele é parte integrante; ele entra na grande categoria de excluídos que não podem se submeter à dominação absoluta da razão. Essa dominação é insidiosa, ela se ramifica no conjunto do corpo social e produz o reino da equivalência, o que significa que a determinação da normalidade não pode suportar a diferença* (ibidem:22).

O crime revela muitas vezes uma energia que o autor denomina potência social, ou seja, a vida social (forma material que se inscreve em um tecido de fios na relação sempre inacabada do sujeito consigo mesmo) não suporta ser toda compartimentalizada pela norma. A ilegalidade, em suas diversas modulações, pode ser entendida como a expressão de um desejo de viver irreprimível. Por essa via a violência irrompe como uma recusa à atomização em uma sociedade sempre voltada para a produção e ela também possui um aspecto utilitário "*o que significa que o barulho, a fúria, a desordem têm uma função estrutural na sociedade*" (cf. Maffesoli, 1987:24).

Foucault estabelece uma diferença entre ilegalidade e delinqüência: a primeira é da ordem das relações sociais (viva, ousada e dinâmica) e a segunda é fechada, separada, mas útil, pois há um processo que torna próximo o delinqüente e "*invade parte da imprensa [...]* (inscrevendo) *a notícia policial* (e significando como) *aceitável o conjunto dos controles*

judiciários e sociais que vigiam a sociedade; conta dia a dia uma espécie de batalha interna contra um inimigo sem rosto, constituindo um boletim diário de alarmes ou de vitória". (1987b: 251).

Dessa maneira, a delinqüência permite o controle, a compartimentalização generalizada da esfera social e funciona como um observatório do político do qual se servem policiais, estatísticos e sociólogos. O funcionamento da compartimentação constitui a estrutura de um controle social onipotente e onipresente (cf. Foucault, 1987).

Entretanto, esse funcionamento onipresente e onipotente muitas vezes falha: o seqüestro é um acontecimento discursivo que pode atestar esse fato em sua especificidade. Por mais que as práticas de poder tentem controlá-lo, dividi-lo e mensurá-lo em seqüências controláveis e parciais, há aí algo da ordem da vida, das relações com a vida, que o torna sempre atual-virtual-funcional e terrível...

A violência instalada no corpo social é também a emergência da simbolização da força, isto é, ela é vivida coletiva e ritualmente, assegurando a coesão e o consenso. Ao passo que a violência sanguinária é a manifestação da impossibilidade de simbolização.

Maffesoli (1981:260) destaca o totalitarismo difuso e autoritário de órgãos estatais sobre o conjunto das atividades da vida social que marca "*a busca de uma pureza original ou final de um 'melhor-estar' que se formula sempre pela imposição de um 'dever-ser' e conduz inefavelmente ao totalitarismo*". O totalitarismo é o que oferece um Estado-ético com a existência de uma segurança paga por um alto preço: você quer a proteção, isso acarreta a submissão. Ele é uma lógica ligada a um processo de atomização: por seu efeito não há mais sociabilidade e sim individualidade.

> "*O resultado do individualismo e do totalitarismo é o igualitarismo e a uniformização que concorrem para formar a indiferença cuja concomitância mais certa é o triunfo do impulso de morte. O tédio da uniformidade nada encontra que lhe sirva de contrapeso, e é essa unidimencionalidade que engendra* (gera, produz) *as tendências mais mortíferas cuja importância a atualidade não ocupa*" (1981:305).

O individualismo, o totalitarismo e a indiferenciação fazem do homem um ser sem qualidade alocado pelo Estado no conjunto da vida social e individual e reduz o ser a expectador passivo de seu próprio destino.

Cabe, portanto, ressaltarmos, com Baudrillard (1985:62), o espetáculo que se dá às massas: os meios de comunicação reduzem o simbólico unidimensionando e doutrinando os conflitos. A integração simbólica é substituída pela integração funcional, instituições funcionais se ocupam dos resíduos da desintegração simbólica – uma instância social aparece onde não existia e não havia nem mesmo nome próprio para dizê-la.

É interessante destacar com o autor a multiplicidade do social, ou seja, não é possível mensurá-lo. Em uma perspectiva da gestão de resíduos o social pode aparecer como um direito, uma necessidade, um serviço e um puro e simples valor de uso. Nem mesmo mais uma estrutura conflitiva e política: ele é uma estrutura de acolhimento. Uma espécie de espaço fetal de segurança que provê em toda a parte a qualidade da vida, isto é, segurança para todos os riscos. Por outro lado se o tomarmos sob o efeito da distribuição da riqueza ele reduzir-se-ia a uma utopia. Baudrillard nos diz que ele não é um equívoco nem uma utopia, pois todo espaço da simulação é da confusão do real e do modelo.

> "*O social jamais teve tempo de levar à revolução: ela foi rapidamente tomada pelos signos do social e da revolução. O social nunca teve tempo de levar ao socialismo, ele teria sido curto-circuitado pelo hiper-real, pela hiper-realidade do social (mas talvez o socialismo não seja isso?).* (...) *Nada foi nem irá doravante ao termo de sua história, porque nada escapa a essa antecipação de simulacros. E o próprio social está morto antes de ter revelado seu segredo*" (idem:70).

Pelo desenho que desenvolvemos é possível depreender a violência em três instâncias: ela é ao mesmo tempo potencializadora (e aí temos uma visão 'poética' – não em um sentido depreciador – da capacidade utilitária da violência); ela é totalitária (em torno de um valor dominante de unidade para perdurar o social) e institucional/disciplinadora (do domínio do espaço, do corpo, do olhar, enfim, da sujeição).

Para além de uma pressão da literatura: os mitos revelam fortemente o próprio do ser humano, ou seja, em Dionísio a espécie humana nasce dos resíduos de um crime. Os titãs assassinos de Dionísio são reduzidos a pó pelo raio de um Zeus colérico, e é de suas cinzas que os homens vão surgir; ou de uma vulgarização da psicanálise: com Freud o golpe na consciência humana já é uma realidade. A ilusão da religião e seu funcionamento, o mal-estar da civilização: a tendência à destruição, à agressão, à crueldade, é um dado da vida psíquica, um dado social. É por esse lugar material que a violência pode irromper fora do domínio do logicamente estabilizado.

Com essa formulação não estamos fazendo apologia à violência ou à criminalidade, mas refletindo e deslocando o próprio da violência para um outro lugar, ou seja, seu funcionamento estabilizado se dá em uma relação normatizada de cada um com o corpo, com o outro e com seu arredor. O bem e o mal permanecem, isto é, as fronteiras emergem e coincidem com a construção de laços de dependência, com coisas-a-saber, pensar, sentir e não-sentir, revoltar. "*Se não me aloco nesse*(s) *lugar* (es) *o que será de mim?*" Pêcheux (1983).

Freud (1978a:114) diz que

> "*se a única razão pela qual não se deve matar nosso próximo é porque Deus proibiu e nos punirá severamente por isso nesta vida ou na vida futura, então, quando descobrirmos que não existe Deus e que não precisamos temer Seu castigo, certamente mataremos o próximo sem hesitação e só poderemos ser impedidos de fazê-lo pela força terrena. Desse modo, ou essas massas perigosas terão de ser muito severamente submetidas e com todo cuidado mantidas afastadas de qualquer possibilidade de despertar intelectual, ou então o relacionamento entre civilização e religião terá de sofrer uma revisão fundamental*".

O autor aponta um disfarce simbólico na verdade das doutrinas religiosas, pois elas pensam 'deter' a verdade. A verdade como um todo é inatingível: a verdade toda não se diz e não se possui: o real é impiedoso.

Para além de uma redundância, Freud (1978b:140) diz que a vida "*é árdua demais para nós*", pois proporciona muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis; para suportá-la, não se pode dispensar as medidas paliativas: os derivativos poderosos, que nos

fazem extrair luz de nossa desgraça; as satisfações substitutivas, que a diminuem; e substâncias tóxicas, que nos tornam insensíveis a ela. Ele ressalta que a questão do propósito da vida humana já foi pensada várias vezes e nunca recebeu resposta satisfatória. Alguns daqueles que formularam acrescentaram que, se fosse demonstrado que a vida *não* tem propósito, esta perderia todo valor para eles. Portanto, "*só a religião é capaz de resolver a questão do propósito da vida*". Viver é um esforço para obter felicidade, ou seja, querer ser feliz e assim permanecer, porém esse esforço apresenta dois aspectos: uma meta positiva e uma meta negativa.

Por um lado, se visa a uma ausência de sofrimento e desprazer; por outro, a experiência de intensos sentimentos de prazer. Em seu sentido mais restrito, a palavra 'felicidade' só se relaciona a esses últimos. Assim, nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição.

Já a infelicidade é muito menos difícil de experimentar. O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens.

Freud (1985b:141) diz que o sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro. Tendemos a encará-lo como uma espécie de acréscimo gratuito, embora ele não possa ser menos fatidicamente inevitável do que o sofrimento oriundo de outras fontes.

A (des)construção que Freud realiza em sua reflexão, tem nesse outro momento um ponto alto. Ele diz que não faria objeção ao mandamento instituído por Cristo se figurasse com esta formulação: 'Ama teu próximo como este te ama', porém sua objeção é com o segundo mandamento (para ele incompreensível) "Ama os teus inimigos', pois ele se dá como uma imposição maior.

Com uma ironia assim ele descreve a recusa desse processo com uma nota de rodapé:

> "*Um grande e imaginativo escritor pode permitir-se dar expressão – jocosamente, pelo menos – a verdades psicológicas severamente proscritas. Assim, Heine confessa: 'Minha disposição é a mais pacífica. Os meus desejos são: uma humilde*

cabana com teto de palha, mas boa cama, boa comida, o leite e a manteiga mais frescos, flores em minha janela e algumas belas árvores em frente de minha porta; e, se deus quiser tornar completa a minha felicidade, me concederá a alegria de ver seis ou sete de meus piores inimigos enforcados nessas árvores. Antes da morte deles, eu, tocando em meu coração, lhe perdoarei todo o mal que em vida me fizeram. Deve-se, é verdade, perdoar os inimigos – mas não antes de terem sido enforcados' Gedanken und Einfälle seção I" (idem:116). Assim, estabelece-se que no homem há força de uma poderosa quota de agressividade.

O autor diz que a existência da inclinação para agressão detectada em nós mesmos (e supor com justiça que ela está presente nos outros) constitui o fator que perturba nossos relacionamentos com o nosso próximo e força a civilização a um tão elevado dispêndio de energia. Em conseqüência dessa mútua hostilidade primária dos seres humanos, a sociedade civilizada se vê permanentemente ameaçada de desintegração.

Nessa direção a criminalidade funciona como processo de desintegração do social e o seu instrumento de medida é o grau de justiça de uma sociedade. Maffesoli (1987:41) nos aponta que a história não nos dá exemplos de uma sociedade totalmente justa e é portanto impossível avaliar de uma maneira normativa ou judiciária o que se chama criminalidade. Parece haver mais vitalidade no comportamento destrutivo (caos, nada, morte) que na figura representativa oficial da vida. "*Viver sua morte de todo dia, talvez seja isso o que exprime melhor o que nós entendemos por intensidade e monotonia do presente*" (idem:52).

Nietzsche (1982) inaugura uma problemática interessante: o ressentimento. Ele é o resultado de um conflito conduzido pela religião judaíco-cristã[19], em nossa era, contra os guerreiros aristocratas que exerciam o poder e a vontade de dominação.

"A história da humanidade seria uma coisa insípida sem o engenho com que o ameaçaram os impotentes. Ponhamos o exemplo mais notável. Tudo o que na terra se fez contra os 'nobres', os poderosos', os 'senhores', os 'governantes' não se pode

[19] O texto de Nietzsche é denso e duro. Para acentuarmos o teor dessa luta observemos o trecho que se segue: "*Qual dos povos venceu, Roma ou Judéia? A resposta não oferece dúvida: note-se que hoje na mesma Roma e em metade do mundo em toda parte onde o homem está civilizado ou tende a sê-lo, a humanidade inclina-se diante de três judeus e de uma judia. (Jesus de Nazaré, Pedro, Paulo e Maria, mãe de Jesus). Este é um fato notável, sem dúvida alguma, Roma foi vencida*". (idem:14)

comparar com o que fizeram os 'judeus'. Os judeus vingaram-se de seus dominadores por uma radical mudança dos valores morais, isto é, com uma vingança essencialmente espiritual'. Só um povo de sacerdotes podia obrar assim. Os judeus, com uma lógica formidável, atiraram por terra a aristocrática equação dos valores 'bom', 'nobre', 'poderoso', 'formoso', 'feliz', 'amado de Deus', e, com encarniçamento do ódio afirmaram: 'Só os desgraçados são bons; os que sofrem, os necessitados, os enfermos, são os piedosos, são os benditos de Deus; só a eles pertencerá a bem-aventurança; pelo contrário, vós, que sois nobres e poderosos, sereis por toda eternidade os maus, os cruéis, os cobiçosos, os insaciáveis, os ímpios, os réprobos, os malditos, os condenados..."(idem:9)

Nessa reflexão ele acentua a história dos ressentimentos (a história do ódio: a inveja, o ciúme, o desejo de vingança) sob a figura do trabalho dos padres contra os guerreiros, dos senhores contra os escravos. Ele demonstra como o ódio foi interiorizado-recalcado configurando assim psíquica e culturalmente no próprio de uma civilização o ressentimento e, principalmente, a moral nos processos sociais e políticos. Parafraseando Nietzsche: há uma tendência para se torturar a si mesmo, crueldade do homem interiorizado e encerrado na sua individualidade. Domado pelo "Estado", inventor da má consciência, o homem apoderou-se da hipótese religiosa, para levar o seu próprio suplício a um espantoso grau de dureza e de intensidade. (cf. Nietzsche, 1982:58).

Ansart (2001) destaca que o projeto da *Genealogia da Moral* centrado sob os opostos (os fracos e os padres ascéticos) e sob o ódio recalcado dos dominantes impõe a necessidade de se pensar como o ressentimento se manifesta e inspira condutas conscientes e inconscientes. Essa necessidade se dá à medida que a reflexão de Nietzsche redefine a distinção entre o bem e o mal – o bom e o mau que se opera no ressentimento. Se formos vítimas de indivíduos que nos prejudicam e ferem nossas liberdades, experimentamos e estimamos que esses indivíduos sejam os malévolos enquanto nós seríamos os bons. "*As forças que me são hostis são nefastas e perversas, enquanto eu próprio sou justo e inocente do mal que me é feito*" (1982:21). Os ressentimentos, os sentimentos compartilhados de hostilidade são um fator de cumplicidade e solidariedade no interior de um grupo.

Um mundo erradicado do completo ressentimento é ilusório: as questões míticas-literárias, a psicanálise e o conjunto de saberes da ciência social atestam esse fato. Há na necessidade de hegemonia lógica dos mundos semanticamente estabilizados toda uma

denegação do 'mal-estar' da civilização e assim emerge uma violência simbólica na 'gestão' dos ressentimentos.

O autor, ao tratar do tema do ressentimento, elabora quatro atitudes que perpassam o jogo da memória dos ressentimentos: a tentação do esquecimento (e a contradição do indivíduo que não esquece os fatos de que foi ator ou vítima, mas aferra-se às lembranças desses); a rememoração (e as tentativas de estender os ódios - individuais, sociais e políticos - do passado ao presente); as revisões (guerras de memória em suas diferentes versões da história) e a intensificação (com a reiteração ou exasperação do ressentimento que pode assumir um delírio de ressentimento, por exemplo, no desejo de vingança e revanche ao ódio da riqueza capital dos judeus e franco-maçons).

Sutilmente vê-se um encorajamento atual a novos ressentimentos e sua legitimação pelo Estado: há um trabalho instigando ódio contra inimigos reais, virtuais ou supostos - figurando materialmente no corpo, na voz, na palavra e na significação do sujeito, os sistemas totalitários de 'gestão' do social funcionam como técnicas que impedem a relação com si próprio.

Convém dizer com Deleuze (2000) que entramos em sociedades de 'controle' que já não são exatamente disciplinares. Elas funcionam não mais por confinamento e sim por controle contínuo e comunicação instantânea. Ele nos diz que Foucault (considerado o teórico das sociedades da disciplina e de sua técnica fundamental - o confinamento - na prisão, na escola, nas casas) é um dos primeiros a dizer que estamos deixando para trás esse tipo de sociedade, que já não somos isso. De certa forma não se deixou de falar da prisão, da escola, do hospital. Essas instituições estão em crise.

O que se está implantando (e às cegas) são novos tipos de sanções, de educação e de tratamento. O autor nos diz que a educação, por exemplo, será cada vez mais um meio fechado, distinto do meio profissional, em favor de uma terrível formação permanente, de um controle contínuo se exercendo sobre o operário-aluno ou o executivo-universitário. O necessário para escapar ao controle é que se venha criar interruptores, vacúolos de não-comunicação. Na sociedade de controle o seqüestro seria uma forma de delinqüência, uma espécie de 'pirataria', de 'vírus de computador', que se dá no espaço coletivo.

Por fim, é oportuno salientar, que em nosso trabalho, inscrevemos duas questões: qual a especificidade do seqüestro? Como a violência significa nessa situação?

Não acreditamos em respostas que possam 'doutrinar o conflito', pois o social, a vida social, não pode ser mensurada. Para nós, essas questões nos conduzirão a outras (os instrumentos não foram feitos para dar respostas, mas para colocar questões). Convém dizer que o acontecimento-seqüestro irrompe como uma força a desintegrar a vida. Ele trabalha nos limites das relações humanas. A tessitura do ressentimento tece e (des)tece a vida; as relações de si; as relações com o outro; e, com o outro de si.

5 - UM ACONTECIMENTO: O SEQÜESTRO

O nosso objetivo é construir um gesto de leitura para apreendermos a materialidade discursiva do seqüestro em suas especificidades. Instituí-lo como um fato de linguagem exige a necessidade de repensar o estatuto do fato.

Milner (1983:178), na reflexão da constituição do fato em lingüística, diz que não há fato sem teoria, pois o fato é elemento mínimo da teoria e esse provém de um procedimento ativo e experimental. *"Em certo sentido, o fato diz respeito à possibilidade de conectar validamente um fragmento de teoria e um fragmento de objeto (o que nós chamamos justamente um dado). Logo a questão do fato é igualmente uma questão de procedimentos de validação"*. O lingüista, ainda, ressalta que o fato pode ser um dado, mas o dado não pode ser um fato. Isso se dá porque a teoria pode ser refutada pelo fato, mas não pelo dado.

Entretanto, Milner (ibidem), "prende" o deslocamento do dado e do fato de linguagem no espaço da Ciência positivista e empiricista, pois ele examina a possibilidade de uma ciência da linguagem (testada a ferro e fogo) em uma epistemologia geral que para ter validade precisa ser verificada nos domínios da ciência da natureza, nas noções de refutação, de programa de pesquisa, de matematização e experimentação aplicadas rigorosamente. Só assim é possível a linguagem ter um estatuto científico.

Auroux (1983:207) destaca que o fato é uma questão filosófica tradicional *"o problema se dá no nó constitutivo das disciplinas, porque é uma condição para entender seu objeto. Objeto é um complexo que resulta da disponibilidade de dados, de crivação para cada estratégia e de determinação para o material teórico da forma dos fatos acessíveis, aceitáveis"*.

Orlandi (1996b) diz que o deslocamento do dado para o fato permite trabalhar o acontecimento lingüístico e o funcionamento discursivo. Para nós esse deslocamento representa a possibilidade e condição de compreender o fato como um objeto complexo que resulta da possibilidade de dados. Mas o que é o dado para a Análise de Discurso?

A autora menciona que o dado para a Análise de Discurso não é um valor operatório positivo, pois a Análise de Discurso não trabalha com a evidência, mas com o processo da

evidência. Isso se dá porque a Análise de Discurso é disciplina de entremeio e não herda das ciências positivas a noção de dado. A epistemologia da Análise de Discurso não é uma epistemologia positivista.

Enquanto disciplina da interpretação a Análise de Discurso está no entremeio, se funda entre disciplinas, mas como afirma Orlandi (2002) seu fundamento é a contradição, que se representa para além das relações dicotômicas. Sua singularidade é ligar a língua e a exterioridade, a língua e a ideologia, a ideologia e inconsciente.

Os dados são os objetos de explicitação de que se serve a teoria discursiva para se constituir como tal: na concepção discursiva os dados são os discursos. Os discursos, por sua vez, não são objetos empíricos, são efeitos de sentido entre locutores, sendo análise e teoria inseparáveis.

A construção do dado é um gesto teórico. E nesse sentido é nosso interesse construir um gesto de leitura para compreender o seqüestro significado na tessitura da potência. Paul Henry (1997b:51) afirma que "*É bem verdade que é ilusório colocar para história uma questão de origem e esperar dela a explicação do que existe. Ao contrário não há 'fato' ou 'evento' histórico que não faça sentido, que não peça interpretação, que não reclame que lhe achemos causas e conseqüências.*"

Dessa forma, estudar o seqüestro considerando-o como fato de linguagem que reclama sentido e gestos de interpretação ao nível simbólico, em uma prática discursiva no mundo, em que as discursividades trabalham um acontecimento que entrecruza diferentes formulações, é possibilitar ao pesquisador uma leitura na tensão em movimento decorrente de uma posição na interpretação.

Pêcheux (1988:56) diz que "*Só por existência todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho "mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes*".

Sabemos que a relação fato-dado no campo da ciência é uma questão epistemológica complexa. Não é nosso interesse uma discussão exaustiva sobre esses

estatutos. O importante é reafirmar que o dado é uma construção de um gesto teórico e que a epistemologia da Análise de Discurso não partilha da concepção positivista da relação fato-dado. Esclarecido esses pontos interessa-nos, agora, refletir o discurso como estrutura e acontecimento.

O acontecimento, ponto de encontro de uma atualidade e uma memória, em uma conjuntura dada, se dá como um elemento histórico, descontínuo e exterior. Por um lado, um acontecimento remete para o que é acidental, singular, descontínuo, para a diferença, a repetição, o contínuo, o não previsível, o que é um aspecto positivo, pois rompe com a imposição imaginária da necessidade de estabilização e, por outro lado, a injunção à interpretação busca integrá-lo, transformando-o em novos elementos da memória, à medida que reconhecemos uma filiação numa rede de sentidos.

Pêcheux (1999:56) afirma que a memória é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização: um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos.

Deleuze (1998:340) nos diz que o processo de atualização da memória rompe tanto com a semelhança quanto com a identidade do princípio. A atualização é sempre uma verdadeira criação. Ela não se faz por uma possibilidade pré-existente. A diferença e a repetição fundam o movimento da atualização. Nessa direção o processo identitário do sujeito não se dá em um espaço fixo ou a um estado do momento. A identificação é sempre um movimento, uma atualização dos sentidos e dos sujeitos em movimento.

Lacan (1992-1998),[20]no belíssimo texto *A carta roubada,*[21] elabora uma reflexão muito interessante: o domínio do símbolo que irrompe no real. Essa irrupção, na primeira versão é materializada na representação do jogo-aposta no pensamento simbólico. Nesse

[20] Fazemos referência aos textos: A carta roubada (1992) e o seminário sobre "A carta roubada" (1998), ambos publicados pela Zahar Editor.

[21] 'A carta roubada', um conto de Edgar Allan Poe, se passa na França durante a monarquia. O centro dessa história é a infidelidade conjugal: a rainha recebe uma correspondência secreta e tem essa carta roubada pelo ministro durante o despacho real. Ela vê a manobra do ministro que reconhecendo o conteúdo da carta retira uma outra de seu bolso e se apodera da correspondência secreta. A rainha nada pode fazer, já que o conteúdo da correspondência depõe contra ela. Para se safar dessa enrascada, pois o ministro pode usar a carta contra ela para obter favores, a polícia entra em ação, revira a casa do ministro meticulosamente durante 18 meses e nada encontra. Em cena entra o investigador Dupin (requisitado pelo chefe de polícia e responsável pelas investigações) que em uma outra manobra forja um incidente na rua para chamar a atenção do ministro e troca as cartas. Quando o ministro ler a carta da rainha encontrará os seguintes dizeres: 'Um desígnio tão funesto, se não é digno de Atreu, é digno de Tiestes'.

jogo o sujeito está em diversos planos presos em redes que se entrecruzam. Já no seminário a ordem simbólica é constituinte do sujeito e determina o percurso de um significante.

Esses textos são o momento em que Lacan trata da noção de repetição (reencontrar o objeto fundamentalmente perdido). A repetição marca no simbólico que a ordem do símbolo não pode ser concebida como constituída pelo homem: ela (a ordem) o constitui. Há uma rede em que nada passa e ao se tornar objeto preso nela há uma imbecilidade que não é nem individual e nem corporativa, mas subjetiva, pois o que está escondido nunca é outra coisa senão aquilo que falta em seu lugar.

"É que só pode dizer que algo falta em seu lugar à letra, daquilo que pode mudar de lugar, isto é, o simbólico. *Pois, quanto ao real, não importa que perturbação se possa introduzir nele, ele está sempre e de qualquer modo em seu lugar, o real leva colado na sola, sem conhecer nada que possa exilá-lo disso*" (cf. Lacan 1998:27).

Nessa direção a repetição não é um automatismo, pois os sujeitos tomados em sua intersubjetividade alinham-se em fila e modelam seu próprio ser segundo momento da cadeia significante que os está percorrendo. "*O deslocamento significante determina os sujeitos em seus atos, seu destino, suas recusas, suas cegueiras, seu sucesso e sua sorte, não obstante seus dons inatos e sua posição social, sem levar em conta o caráter ou sexo*". (Lacan, 1998:34).

Há na Análise de Discurso uma afirmação clássica: não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Entre os modos de produção social há um modo específico que é simbólico. A materialidade do simbólico é o discurso, pois os efeitos de sentido entre locutores são da ordem da articulação da língua e da história. O espaço simbólico é aberto: nele há possibilidade de o sujeito significar e se significar indefinidamente. (cf. Orlandi, 2001).

No jogo entre o antigo e o atual há sujeitos diversos em uma intersubjetividade complexa, cada sujeito devendo seu papel e sua função em sua série intemporal que ocupa em relação ao objeto virtual. Esse objeto virtual não pode ser tratado com um lugar fixo e algo identificável, mas ele é o lugar da falta.

Dessa forma a repetição, o eterno retorno, é da ordem dos simulacros, ou no dizer de Deleuze (1998:212), *'o simulacro funciona sobre si mesmo, passando e repassando pelos centros descentrados do eterno'*.

Todo dizer é afetado pelo simbólico, pelo sistema significante. Não há sentido nem sujeito se não houver assujeitamento à língua: para dizer o sujeito submete-se à língua. Orlandi (2001:101) nos diz que "*a evidência da identidade não deixa ver que esta resulta de uma identificação-interpelação do sujeito. A contradição 'sofrida' (o sujeito já é sempre sujeito) responde a contradição 'apreendida' e 'exibida' que se apresenta como um sintoma da contradição inerente, da discrepância entre um já-pensado 'antes, em outro lugar, independentemente' e o que se apresenta como origem espontânea de si. E é isto que faz com que, na análise de discurso, tratemos o próprio (do) sujeito, na filiação lacaniana, como processo significante: 'como processo (de representação) interior ao não-sujeito constituído pela rede significante*".

Convém salientar no acontecimento que é o discurso três momentos relevantes apontados por Orlandi (2001): (a) sua constituição a partir da memória do dizer; (b) sua formulação, em condições de produção e circunstâncias de enunciação específica e (c) sua circulação em uma conjuntura e condições dadas.

A formulação dá corpo aos sentidos. É nessa instância que a linguagem ganha vida e a memória se atualiza, que os sentidos se decidem e o sujeito se mostra ou se esconde. Ela é força material e matéria do equívoco. Todo corpo, toda tessitura já está sempre investida de sentido: o sentido e o sujeito se constituem ao mesmo tempo, por processos de subjetivação.

A instância da formulação é para nós um momento relevante, pois por ela se desenham as condições particulares da atualização, ou seja, o trabalho da memória que dá vida e corpo à linguagem. O gesto de interpretação (a força, o corpo material da linguagem investido na prática simbólica e histórica) constitui-se em um acontecimento singular: o corpo do sujeito presente no corpo da palavra (cf. Orlandi, 2001:10).

Pensar o seqüestro no plano da constituição, da formulação e da circulação dos sentidos é demarcar um espaço de significação específico. Nessa direção os sentidos são como se constituem, como se formulam e como circulam, seja qual for o meio e a maneira.

Queremos salientar que concebemos o seqüestro como um espaço de significação específico em que podemos observar na instância da subjetividade os sentidos possíveis sempre em jogo em uma posição-sujeito que emerge no-do acontecimento, pelo trabalho da ideologia, da memória e do esquecimento. A materialidade da ideologia é o discurso e a materialidade do discurso é a língua. Nessa relação a ideologia é ritual com falhas e a língua não funciona sobre si mesma, pois ela se abre para o equívoco.

Tomamos esse espaço de significação específico como o lugar do embate ideológico: o jogo identitário resulta na contradição sempre sofrida e sujeito e sentido se constituem. A situação seqüestro (enquanto instância da ideologia, trabalho da memória, jogos de filiações, movimentos e resistências) irrompe como um 'golpe' simbólico desencadeado por um corpo fantasmático que afeta os sujeitos. Enquanto acontecimento ele é um trabalho discursivo que se engendra silenciosamente em seus atores fantasmas para prefigurá-lo: dar-lhe forma e figura.

Na prática social do seqüestro consideramos a emergência do sujeito e dos sentidos permeado por um forte jogo de força e de poder. Comumente se fala da posição porta-voz instaurada nessa prática, ou seja, o sujeito que 'sofre' o seqüestro é porta-voz dos seqüestradores, servindo-lhes de objeto na negociação e mero instrumento de comunicação. Enquanto porta-voz o seqüestrado dá sua letra, voz e figura no processo de negociação.

Pêcheux (1990), em um trabalho sobre o porta-voz na revolução, marca essa figura ao mesmo tempo como ator visível e testemunha ocular do acontecimento: "*o efeito que ele exerce 'falando em nome de...' é antes de tudo um efeito visual, que determina esta conversão do olhar pela qual o invisível do acontecimento se deixa enfim ser visto: o porta-voz se expõe* (e na situação seqüestro na materialidade da letra e da voz) *ao olhar do poder que ele afronta, falando em nome daqueles que ele representa, e sob seu olhar*".

Para nós, nas condições de produção do seqüestro, a emergência da palavra não se dá em um processo em que o seqüestrado *fala em nome de* e é vigiado-controlado por alguém. Ele também não é um mero **escriba**, isto é, grafa e fala aquilo que o outro quer, deseja, espera, pensa e confia enquanto efeito a funcionar no mundo.

A emergência do sentido não é da ordem do falar de, mas do falar com: não se coloca a palavra diante do sujeito, muito menos no lugar do sujeito. Irrompe aí um **lugar**

(investido de sentido e poder) em que a palavra se dá **com o sujeito**. Com esta afirmação apontamos que o processo de subjetivação na situação seqüestro é uma questão de natureza, qualidade / acontecimento.

Há que se acentuar que o seqüestro não é um simples rapto, motivado pela extorsão e seguido de uma situação de negociação, visível pela letra e pela voz e muitas vezes administrado pela polícia. No acontecimento que é o seqüestro (em suas condições de produção) temos um complexo processo de constituição do sujeito e do sentido e não somente um 'jogo' de comunicação.

Ao considerarmos o seqüestro como um acontecimento cremos ser possível construir um gesto de leitura que se sustenta por um processo em que é necessário compreender como um discurso se realiza, como ele se formula (a partir de sua filiação a uma rede de memória) e como ele se coloca em texto (cf. Orlandi 2001).

É no interior desse complexo processo de compreensão que podemos subsidiar a nossa afirmação: no seqüestro a emergência do sentido não é da ordem do **falar de**. Se assim fosse o real estaria 'amarrado, domesticado'. A situação seqüestro seria um espaço homogêneo, lógico e mais ou menos estável. Essa estabilidade [frágil] seria um efeito do par lógico vida-morte que exerceria uma espécie de pressão-coerção nos sujeitos envolvidos na situação.

No seqüestro há uma situação delicada em que a vida do sujeito depende do bom andamento da negociação: não estamos em uma situação de diálogo, debate, ou uma situação qualquer, mas em um processo em que se tem a posse de algo, pertencente a uma ordem e mundo próprios e para se obter o objeto 'roubado' é preciso efetuar um pagamento.

Conceber o dizer na situação seqüestro funcionando por um efeito porta-voz/escriba que fala em nome de é denegar a possibilidade de deslocamento e resistência por todos os sujeitos envolvidos na situação. A emergência do sentido no seqüestro é da ordem **do falar com**: os sujeitos seguem o veio do simbólico engendrado no-pelo acontecimento. Aí está investida uma relação contraditória marcada pela incompletude, pela tensão e dispersão do sujeito e do sentido. Os 'lugares' que constituem os sujeitos são investidos de sentido.

A identidade nessa prática resulta de uma identificação-interpelação em que há jogo e movimento. Nesse mover-se os sujeitos e os sentidos experimentam mundo e linguagem, repetem, deslocam, permanecem, fragilizam-se, rompem fronteiras e limites.

Mobilizadas as considerações que inscrevem o seqüestro (fato de linguagem) como um acontecimento discursivo é oportuno ressaltar que nosso gesto teórico e analítico tem como ponto de escuta os três momentos de atualização do discurso: a constituição, a formulação e a circulação. Porém, as instâncias da formulação e da circulação possuem uma posição privilegiada, pois são os nossos pontos de escuta e de entrada no modo de constituição do sujeito, no sentido e na história.

Orlandi (2001:12) nos diz que não há porque, na análise, privilegiar uma dessas instâncias em relação à outra, pois '*os sentidos são como se constituem, como se formulam e como circulam*'. Porém, segue a autora '*só a fazemos por necessidade teórica ou por opção metodológica em relação a nossos procedimentos analíticos*'.

O privilégio a essas duas instâncias se justifica porque há um longo percurso entre o interdiscurso (memória do dizer), nível da constituição do discurso, e o texto (intradiscurso), nível de sua formulação (ordem das palavras, repetições, relações de sentido, paráfrases). Já a circulação é o lugar em que os dizeres são como se mostram. Sigamos o nosso percurso.

Para empreender a reflexão de nosso objeto de pesquisa pensamos a priori em dois caminhos distintos: um nos conduz ao dicionário, já o outro, a uma narrativa. A visita ao dicionário[22] nos reporta que o vocábulo seqüestro, do latim *sequestrare*, remete ao significado de: apartar, separar, mediar, enclausurar e apoderar-se de alguém ou de algum objeto ilicitamente. Por outro lado uma espiada, mas dessa vez na tradição grega, nos recorda um evento interessante...

No banquete do casamento entre Peleu e Tétis (a ninfa do mar) todos os deuses do monte Olimpo foram convidados, porém a única deusa não convidada foi Éris (a personificação da discórdia). Ela adentra sorrateiramente no banquete e faz surgir uma maçã de ouro com a inscrição "**a mais bela**". As três deusas do Olimpo, Hera, Atena e

[22] O verbete em que pesquisamos o vocábulo *sequestrare* se encontra no Novíssimo Dicionário Latino – Português. In: Saraiva , F. R. (1993) Rio de Janeiro, Livraria Garnier (10ª ed).

Afrodite, reivindicam de Zeus o fruto e com ele o título. Zeus que queria se ver fora dessa enrascada as envia a Páris, pastor do Monte Ida, filho de Príamos, rei de Tróia, para que ele fizesse a escolha.

Na luta pelo título, o suborno: em forma de sonho Hera promete a Páris riqueza; Atena sabedoria e habilidades militares; mas Afrodite o amor da mais bela mortal. Páris escolhe Afrofite e no desenrolar da história, com a ajuda da deusa, **seqüestra** Helena, a mulher de Menelau. Esse fato desencadeia a guerra de Tróia que durou mais de doze anos e é encontrada na Ilíada, uma das obras poéticas de Homero[23].

Retornar ao dicionário e à tradição mítica (aos mundos semanticamente estabilizados: evidências de um discurso cultural) é uma forma de acentuarmos que concebemos a força material da palavra como lingüística e histórica. A forma material seqüestro não tem um significado em si, ou seja, em seu conteúdo. É nos processos de constituição do sujeito e do sentido, em uma filiação a uma rede de memória, que seu estatuto discursivo material significa como força no mundo.

Atualmente esse acontecimento, o seqüestro, no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória, se reveste de uma complexidade e se constitui num fato singular. Na América Latina (especificamente a Colômbia) ele se reveste de uma dupla ferramenta: pela extorsão gera recurso que assegura aos grupos armados o financiamento de sua luta e ainda estabelece um nicho de controle sustentado no medo que proporciona um certo poder dentro da sociedade.

Gabriel García Márquez (1996) desenha em literatura o registro de vinte anos de casos-seqüestros no interior da Colômbia. Ele denomina o seqüestro com a expressão '*novela colombiana*', e ainda, o holocausto bíblico em que a Colômbia se consome.

Em se tratando do Brasil é possível observar que a história dos seqüestros assume estatutos diversos no fio da história de formação de nossa sociedade: na época da ditadura militar ele é um instrumento político de resistência; nas crises econômicas um meio de extorquir dinheiro, já nos tempos da contemporaneidade ele figura como um espectro (um

[23] Extraímos essa narrativa na leitura de duas obras: Homero, A Ilíada. Adaptação de Anita Cevidalli Salmone, Ed. Anhambi e Homero (1962) Ilíada. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Ed. Melhoramentos.

inimigo sem rosto) que assombra a sociedade e se auto engendra e se desfaz na contradição do social.

Convém mencionar que a grande motivação para a realização dos seqüestros seja a extorsão. As condições da vida social também são um efeito das políticas econômicas e de administração do cotidiano. Nos modelos de gerenciamento do social as políticas públicas-privadas não formam a sociabilidade: elas são imediatistas e repressivas. Há a tentativa de homogeneizar o real através dos espaços administrativos e sociais. A tessitura da violência, do ressentimento, não é 'natural' ela é um efeito da não metaforização das relações no corpo social (cf. Orlandi, 2001).

Ao designarmos o desencadeamento do seqüestro sob a figura do espectro entendemos por ela gestos, atos de um fantasma '*que retorna para perseguir os vivos: imagens de corpos gloriosos, convertidos em visões terrificantes de fantasmas-espantalhos atravessando a história*' (cf. Pêcheux, 1990:8). Além disso, a figura da identidade fantasma é interessante, pois no seqüestro ela não pode ser vista, mas se faz ser lida e ouvida.

Régine Robin (1997:36), ao se referir a Joan Fontcuberta[24], nos diz que a identidade fantasma se encontra sob um duplo registro: Narciso contra o Vampiro. Narciso se enamora de sua imagem contemplada no espelho d'água, já o vampiro está impossibilitado de contemplar sua imagem, pois o espelho não reflete nada. A autora ressalta nesse duplo registro um paradoxo - o suplício - de um narciso-vampiro, isto é, um possui o reflexo (a imagem) e o outro é desprovido dela.

Há aí um fantasma de si que se engendra em um jogo a conservar sua imagem e se encontrar na imagem do outro '*c'est toujours ce vampire-narcisse que l'on poursuit*' (ibidem:37).

Pensar uma identidade fantasma que irrompe na-da prática do seqüestro é de certo modo estar no domínio da fragilização da identidade, que se engaja em um embate de dissolução da existência e vontade de existir, de se conservar, de se alterar na falta da alteridade. Estamos assim no domínio do imaginário, lugar da excelência do eu, e no tenso domínio das formas que apagam as fronteiras entre o fantasma e o real destruindo a ordem do simbólico.

---

[24] Fontcberta, J (1996) La baiser de Judas. Photographie et vérités. Paris, Actes Sud.

Orlandi (2001) ressalta que a incompletude é índice da abertura do simbólico, do movimento do sentido e do sujeito, da falha, do possível. Nessa relação a identidade é um movimento na história e os sentidos são trajetos simbólicos e históricos não terminados.

Enquanto prática social o seqüestro produz o efeito de apoderar-se do corpo do outro: corpos carnais, materiais e simbólicos indissociavelmente. Ele é o lugar dos embates subjetivos, dos jogos identitários levados ao extremo, do esfacelamento do corpo social homogêneo. O silêncio estruturante (Orlandi, 1997) permite o movimento dos sentidos possíveis, impossíveis, proibidos e legitimados.

6 - O FANTASMA DE 16 DE DEZEMBRO

No dia 16 de dezembro de 1998, por volta das 21:45 minutos, na cidade Goiânia/Goiás, um Santana vermelho pára em frente a uma residência. Três homens encapuzados e fortemente armados com metralhadoras, fuzis e pistolas rendem um casal e um amigo. A princípio eles anunciaram um assalto e obrigaram a esposa da vítima a abrir o portão da residência. Já na saída informaram que se tratava de um seqüestro, exigindo a quantia de 5 milhões de dólares, e empreenderam a fuga. Esse trecho desenha o seqüestro de Welington José Camargo, irmão da dupla de cantores sertanejos Zezé di Camargo & Luciano, que permaneceu em poder dos seqüestradores durante 96 dias, sendo liberado no dia 21 de março de 1999.

Essa situação trouxe à tona dados singulares: nunca na história de seqüestros no Brasil houve um caso tão longo, difícil e cruel. Durante as negociações os seqüestradores tiveram o cuidado de fazer as ligações telefônicas sempre de terminais públicos, em nove Estados diferentes, na tentativa de impedir o monitoramento dos telefonemas. Eles também utilizavam pseudônimos ('Romário' e 'Sadam') para estabelecer o processo de interlocução. No desenrolar do caso, deceparam a orelha esquerda da vítima e a enviaram para a família. Em anexo havia um bilhete destinado ao apresentador Carlos Massa (o Ratinho) do SBT, que propôs em rede nacional de televisão a criação de um disque 0900 para arrecadar dinheiro e pagar o resgate.

É oportuno esclarecer, nesse momento, os aspectos metodológicos do trabalho por nós empreendido: nosso arquivo está constituído pelos bilhetes dirigidos à família de Welington no período de negociação do seqüestro; algumas conversas telefônicas entre os seqüestradores e o negociador; entre os seqüestradores e o cativeiro e também reportagens da imprensa que acompanhou o desenrolar do fato. Já com relação à organização e tratamento do material coletado[25] decidimos por *scanear* os bilhetes, pois é um gesto para dar visibilidade às condições de formulação e inscrição (o traço da letra) no simbólico.

[25] Registramos aqui, no corpo de nosso trabalho, um agradecimento à 9ª Vara Criminal – Crimes Punidos com Reclusão, da cidade de Goiânia-Goiás, em nome do juiz de Direito Marcelo Fleury Curado Dias, que permitiu o acesso, a cópia e a gravação do material coletado.

Optamos por organizar a análise no seguinte percurso: primeiro apresentaremos os recortes da imprensa. Logo após os bilhetes e, por fim, as conversas telefônicas. Essa ordem se justifica por considerarmos relevantes, num primeiro momento, dar visibilidade ao gesto de leitura que a imprensa faz dos acontecimentos, do modo como o discurso jornalístico produz sentido e memória.

Atualmente o espaço da mídia destina grande tempo de sua grade de horários aos programas destinados a dar visibilidade às mazelas sociais: temos uma banalização da violência e do crime, uma exposição das instituições destinadas à 'segurança' do cidadão e de certo modo um registro do urbano sempre significado no lugar do caos. A memória dos ressentimentos é 'cristalizada' nessa banalização.

José Arbex Jr. (2001) destaca em seu trabalho o show da amnésia e memória. Ele nos diz que a pós-modernidade instituiu um 'câncer da informação': a notícia assume estatuto de mercadoria altamente perecível e se torna antiga antes mesmo de sua divulgação. Nessa direção a televisão (e por que não a imprensa - ela também é afetada pelo movimento da notícia *on line*, 24 horas, via satélite...) tem a capacidade de 'criar' mundos reais, ou seja, mundos aos quais o olhar empresta uma realidade que se torna uma realidade vivida no íntimo dos telespectadores, com o seu consentimento. O espectador assim busca cada vez mais '*experiências enfáticas, iluminações instantâneas, megaeventos e espetáculos de grande sucesso, em vez de uma apropriação do conhecimento cultural*' (idem:91).

Mariani (1998) faz um interessante trabalho sobre o político e a imprensa. Nesta reflexão a autora trata do funcionamento do discurso jornalístico pela ótica da Análise de Discurso. O discurso jornalístico é considerado como uma modalidade de *discurso sobre* o que produz o efeito de tornar objeto aquilo sobre o que se fala. Nesse processo o jornalista projeta uma imagem de observador imparcial e marca uma diferença com relação ao que é falado podendo, assim, formular valores e emitir juízos como quem não se 'envolve' na questão. O que há é a textualização na-da narratividade do cotidiano.

A pesquisadora ressalta que a imprensa retrata o cotidiano e a história fragmentado nas diversas seções de um jornal e os fatos 'ganham' sentidos 'conectados' interdiscursivamente a um 'sempre-já-lá' dos assuntos em pauta. O discurso jornalístico contribui na constituição do imaginário social e na cristalização da memória do passado e

também na construção da memória do futuro: noticiar é tornar o acontecimento visível de modo a impedir que sentidos indesejáveis circulem, isto é, determinar *'**um** sentido, cujo modo de produção pode ser variável, conforme cada jornal'* (cf. Mariani, 1998:82).

Em sua constituição histórica, a instituição jornalística, em defesa do Bem, espelha-se na imagem do sujeito de direito[26]. Esse Bem se configura no cotidiano atravessado por uma memória dos direitos humanos, ou seja, há um já-dito do bem que se constitui em um já-ouvido no campo dos leitores.

Porém nem tudo é estável. No domínio do bem (que autora caracteriza como domínio do mesmo) há a recusa sistemática do Outro (imagem que ameaça, o Mal). Na tensão do movimento dos sentidos pode haver na ordem do discurso jornalístico tanto a retomada (o mesmo) como a diferença (o outro) no domínio da repetição.

É interessante destacar o que diz Mariani (idem:86):

> *"O discurso jornalístico vai atender à disjunção Bem/Mal construída em torno dessa moralidade ocidental cristã, separando em dois campos antagônicos os sentidos possíveis (ou, como diz Pêcheux, 1981), o sentido, o bom sentido, o sentido comum, o consenso) daquilo que não faz sentido. E o que não faz sentido, o non-sense, proibido e impossível, é o que não está adequado à esta ética, não compõe a moralidade judaico-cristão. A questão da informação é também uma questão de estado, que vai produzir uma política de silenciamento e anulação das diferenças."*

O silêncio e a diferença rejeitam, apagam e denegam a alteridade política na ordem do discurso jornalístico. Em se tratando do domínio da violência a imprensa dá visibilidade a essa instância 'recheando' o corpo social e assumindo nele formas 'legalizadas' que se reduzem a um uso publicitário, significando socialmente o crime.

---

[26] Claudine Haroche (1992) publica um importante trabalho de reflexão sobre a emergência do sujeito responsável, intercambiável, que está ligada à emergência do Estado. Assim, o poder, o estado, o direito coagem o sujeito e cada um à sua maneira insinua-se de forma discreta a classificar os indivíduos em categoria e amarrá-los, aprisioná-los em sua identidade. A forma *sujeito-de-direito*, 'nascida' do enfraquecimento da ordem religiosa não é mais capaz de enquadrar o sujeito, determiná-lo. Aliados aos avanços da expansão econômica do século XIII foi possível uma redefinição do sujeito e o Direito tornou-se determinante. O desejo do sujeito diz a autora *"é calado precisamente porque o sujeito procede da literalidade e da univocidade da Lei" (idem:190).* Enquanto o desejo do sujeito irrompe em relativa indeterminação, pela possibilidade da falta, da interdição, o poder , a Lei, reprimem o desejo.

Mariani ainda nos aponta um fato importante na ordem do discurso jornalístico: a narratividade. Este elemento que atua junto à memória discursiva se dá como '*um fio que tece e conduz o ecoar das repetições parafrásticas, impedindo o deslizar dos significantes e/ou resistências históricas, misturando passado, presente e futuro*' (idem:97). Esse fio invisível tece e conduz nos jornais as ressonâncias interdiscursivas que impedem ou redirecionam o deslizar dos significantes. Essa narratividade permite contar uma história coerente, sem falhas, com estruturação temporal, com encadeamento de causas e conseqüências, com personagens e cenários explicativos.

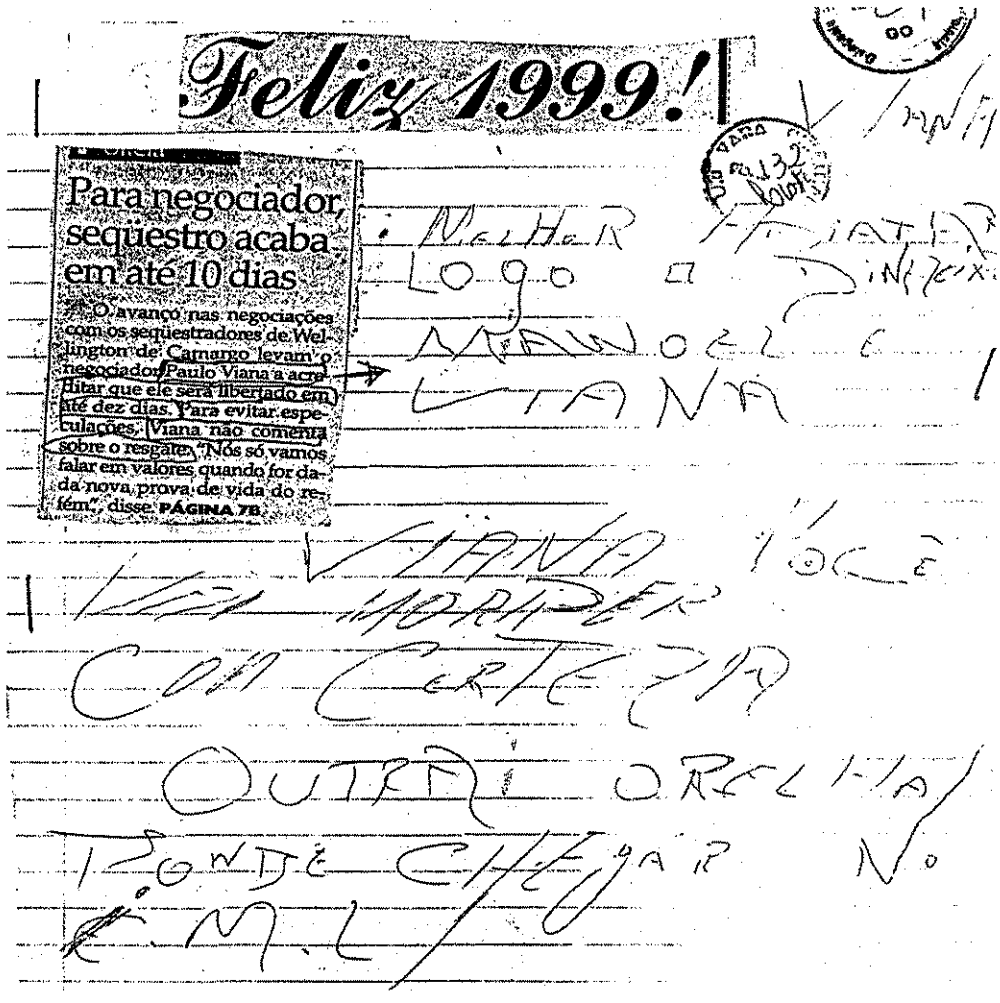
A narratividade imprime na ordem da fábula a informação, mas na ordem do jornalístico ela assume o estatuto da credibilidade. Entretanto, é necessário haver a novidade que se instaura no domínio do verificável e do compreensível. Nesse processo as narrativas jornalísticas, ao reatualizar a fabulação, contribuem para construir os efeitos de realidade, dos sentidos sempre já lá. '*Ao disciplinar a fabulação, o discurso jornalístico engessa as experiências sociais em uma ótica pré-determinada e ao mesmo tempo faz uma ortopedia semântica da linguagem*' (idem:105).

No dia-a-dia há uma narratividade da violência, mas como essa forma de significar o mundo irrompe na cena do seqüestro, tomado no espaço jornalístico, da circulação?

A violência tornou-se um espetáculo, o Brasil vive um estado de guerra civil, o criminoso ora é 'herói', ora nem merece ser qualificável, a polícia caiu em descrédito... Basta ligar a televisão ou abrir as páginas do jornal e ver-se-á no dia-a-dia esse funcionamento.

Antes de expormos as análises de algumas matérias de jornais e revistas, apresentaremos os recortes de jornais em posse dos seqüestradores e enviados à família.

O interessante desses recortes é a forma como o sujeito seqüestrador marca, pelo traço, sua inscrição no corpo da textualidade jornalística. No primeiro recorte a letra irrompe paralela à notícia, já no segundo o traço irrompe sobreposta à matéria. O traço parece um 'germe' a tomar um corpo, para ali se alimentar, dominar, destruir. Vejamos:



Podemos notar que no pequeno recorte de jornal há a reconstrução-atualização do evento (o seqüestro) no domínio da atualidade. O relato aí inscrito é voltado para uma apresentação geral do fato ocorrido. Na formulação '**levam o negociador Paulo Viana a acreditar que ele será libertado em até dez dias**' temos pela textualização jornalística um modo de informar os leitores do andamento das negociações e, pelo jogo de antecipação, que por essa formulação funciona, encaminha-se para os leitores os acontecimentos futuros.

Essa notícia recortada pelos seqüestradores já nos mostra que a imprensa é um observatório do desencadeamento do fato e, de certa forma, acompanhar esse observatório é 'ver' como o outro se significa frente ao acontecimento, à situação.

A fala do sujeito negociador destacada no corpo da notícia em aspas "**Nós só vamos falar em valores quando for dado uma nova prova de vida do refém**' irrompe a

atualização de sentidos outros, pois essa **nova** prova da vida do refém, pode, pela formulação dos sujeitos seqüestradores ser uma **outra orelha**. Nesse relato é posto em cena uma avaliação do andamento do seqüestro e isso só pode ser atestado com a fala do negociador. Vai-se constituindo na ordem do discurso jornalístico, pelo trabalho da memória em redes de filiação, a 'cristalização' do acontecimento e sua inscrição em mundo semanticamente normal.

Analisemos, agora, nosso segundo recorte:

Bando faz mais dois contatos e advogado crê num desfecho em dez dias

Negociador acredita que seqüestro termina logo

Família espera outra prova de que Wellington de Camargo está vivo para negociar o valor do resgate. Dupla retoma agenda de shows no dia 5 de janeiro

Depois de quatro dias sem dar sinal de vida, os seqüestradores fizeram dois contatos na noite de domingo com a família de Wellington José de Camargo, o irmão da dupla Zezé Di Camargo & Luciano de 16. O advogado Paulo Viana, escolhido pela dupla sertaneja para negociar o pagamento do resgate, afirmou ontem que sua expectativa é de que o refém seja liberta-do em no máximo dez dias. Sua previsão mais otimista arrisca em uma semana o prazo para o desfecho do caso.

Um indicativo de que as negociações estão bem adiantadas foi a decisão de Zezé e Luciano de retomar sua agenda de shows. Conforme anunciou a assessora de imprensa, Arlete Caldi, os dois começam uma turnê pelo Norte e Nordeste por Maceió (AL) no próximo dia 5 de janeiro. A excursão se estende até o dia 26.

A informação que circulou pela cidade de que o alto valor do resgate pedido pelos seqüestradores estaria emperrando a negociação foi desmentida pelo advogado Ello Viana. "Nós só vamos falar em valores quando for dada uma nova prova de vida do refém que deve ocorrer no próximo contato", assinalou. Essa prova, ensina Viana, pode ser um bilhete com informações de conhecimento apenas do refém e da família ou uma foto do seqüestrado exibindo a capa de um jornal da véspera.

Profissionais

O advogado afirmou que não há pressa dos seqüestradores em negociar o valor do resgate. Isso, segundo ele, é um indício de que se trata de uma quadrilha formada por profissionais. "Eles têm uma mercadoria que só interessa a um comprador, a família do seqüestrado. Ou seja, eles não podem oferecer o produto a outro comprador que não seja a família do refém", raciocinou.

Por enquanto, os sisameses estão separados. Enquanto Luciano acompanha a negociação no apartamento de seu irmão Emanuel de Camargo, Zezé e os demais familiares aguardam o desfecho do episódio numa chácara localizada nas imediações de Goiânia. O excesso de trotes nos primeiros dias do seqüestro causou série transtornos à família e retardou o início das negociações, pois o telefone ficava o tempo todo ocupado.

Diminuídos os trotes, o problema passou a ser os videntes, tarólogos, cartomantes e outros adivinhões que estão ligando para o apartamento de Emanuel para fornecer "pistas" do cativeiro de Wellington de Camargo. Os palpites são os mais absurdos possíveis e a família agradece a "ajuda", pois precisa do telefone desocupado o tempo todo.

advogado Paulo Viana não acredita num desfecho antes do dia 1º

Neste recorte de jornal é possível observar sob a fotografia formulações como: ***Viana mal negociador, morte, próxima vítima*** além dos destaques e grifos à caneta no corpo da matéria jornalística em que é ressaltada, a expressão ***Profissionais*** e a frase ***quadrilha formada por profissionais***.

Ao destacar ***quadrilha formada por profissionais*** no corpo da matéria, pela força formulação, exige-se que o outro que 'conversa-escuta' pela visibilidade da palavra no corpo do texto jornalístico 'leia' e saiba que está tratando com ***Profissionais***, ou seja, o sujeito seqüestrador inscreve-se como **profissional** no jogo da identificação. Há uma auto-designação sobre uma forma-aparência no jogo político frente ao adversário.

A auto-designação é um acontecimento da escritura de si: sujeito e sentido constituindo-se em um acontecimento para si mesmo. O sujeito se engendra em um espaço que lhe permite uma representação/experimentação identitária (cf. Robin, 1997). Essa identificação imaginária é da ordem do ajustamento sempre inacabado do sujeito consigo mesmo (cf. Pêcheux, 1997). Pelo desejo de pertencimento e visibilidade o corpo irrompe no confronto do político com o simbólico, inscrevendo-se portanto, o processo de construção e de subjetivação do sujeito.

Nesse outro momento da análise destacaremos quatro narrativas da ordem do discurso jornalístico: as três primeiras são do jornal *O Popular on line* e a última da revista *Isto É*.

É oportuno ressaltar que a Internet imprime no caráter material da notícia o movimento, o efeito de atualização da mensagem incessantemente e instantaneamente. A Internet instaura-se assim como o lugar de explosão, de uma nova maneira de ser ao mundo, de pensar o mundo e agir sobre ele. Ela é um lugar de interação, de experimentação de novas formas de comunidades cívicas, transnacionais (Robin, idem:263).

Vejamos o recorte de duas seqüências de 14 e 15 de março de 1999.

O Popular
ON-LINE

Domingo/14 de março/1999.

Mensagem cruel à família de Wellington

Um pedaço ***de tecido anatômico***, mais precisamente uma ***parte de cartilagem de orelha*** apontada como pertencente ao compositor Wellington José de Camargo, irmão dos cantores sertanejos Zezé Di Camargo e Luciano, seqüestrado no dia 16 de dezembro do ano passado, foi deixado no jardim da Televisão Serra Dourada, em Campinas. ***A peça***, acondicionada em uma sacola plástica, estava acompanhada de um bilhete endereçado ao repórter Jordevá Rosa. ***O material*** foi descoberto por volta das 6h30, depois que o porteiro da emissora recebeu uma ligação anônima informando sobre ***a encomenda macabra***.

A peça foi enviada ainda no final da manhã para São Paulo, para ser submetida a exame de DNA. O laudo, segundo previsões do secretário da Segurança Pública e Justiça, Demóstenes Xavier Torres, deverá estar pronto no final da tarde de amanhã. ***O tecido*** foi levado em um avião King Air do governo estadual cedido pelo governador em exercício, Alcides Rodrigues Filho, informou o secretário Demóstenes Torres. Segundo ele, ***a***

cartilagem será examinada para confirmar se de fato é humana e, caso seja comprovado, descobrir se pertence ao corpo do compositor Wellington Camargo.

Para essa confrontação, foram recolhidas amostras de sangue de um irmão de Wellington em Goiânia e de outro, em São Paulo, cujos nomes não foram fornecidos à imprensa. Um policial que acompanhou de perto todo o desenrolar do ***achado macabro*** garantiu que o tecido realmente é humano e foi da ***orelha esquerda da pessoa***. A peça estava envolta em um pedaço de toalha ensangüentada, armazenada dentro da sacola de plástico. Pelo estado de coagulação do sangue, ***o tecido*** foi arrancado cerca de três horas antes de ser encontrado no jardim da TV Serra Dourada.

O Popular
ON-LINE
Segunda-feira/15 de março/1999

Informações extra-oficiais confirmam que pedaço de cartilagem é de compositor ou parente próximo

ORELHA É MESMO DE WELLINGTON

O pedaço de cartilagem enviado pelos seqüestradores do compositor Wellington José de Camargo para pressionar a família de Zezé Di Camargo e Luciano é realmente de uma orelha esquerda e foi retirado do próprio Wellington ou de alguém próximo dele. 'como um irmão'. A conclusão é dos médicos geneticistas Anor Antônio de Oliveira Neto e Martin Whittle, que passaram a noite de sábado para domingo no Laboratório Genomic Engenharia Molecular, em São Paulo, analisando o material encontrado dentro de uma sacola em frente à Tv Serra Dourada no sábado pela manhã.
A família do compositor Wellington José de Camargo recebeu a notícia de que o pedaço de cartilagem encontrado na manhã de sábado é dele ou de um parente em primeiro grau às 14h30. Os pais, Francisco e Helena, e os irmãos ficaram muito apreensivos com a informação, mas no final da tarde já estavam mais tranqüilos porque, ***apesar da crueldade da mensagem, ela prova que Wellington está vivo.***

Na seqüência de 14 de março de 1999 é possível observar o deslize em torno da repetição, ou seja, temos: ***tecido anatômico***, ***parte da cartilagem de orelha***, ***a peça***, ***o tecido***, e também os pontos de chegada pelo deslizamento dos sentidos como em ***encomenda macabra***, ***achado macabro.*** O deslizamento do próximo em próximo e do próximo-outro permite pela historicidade que os sentidos sejam um e um-outro. A historicidade marca o jogo de força para absorver o acontecimento e pela tensão do um-outro abre o jogo da metáfora. Esse jogo aberto nos limites da textualização se dá como

um trabalho incessante (e inacabado) em um espaço simbólico em que o sujeito por sua função-autor trabalha a formulação, a reformulação, o horizonte possível do reconhecimento e do deslocamento do dizer (Orlandi, 2001:123).

Nosso outro destaque é na seqüência de 15 de março de 1999. A formulação ***apesar da crueldade da mensagem, ela prova que Wellington está vivo*** marca um gesto do vivido, do experimentado. Nós nos significamos naquilo que dizemos e o dizer deixa vestígios do vivido, do experimentado. O gesto de interpretação (que traz em si a corporalidade dos sentidos como dos sujeitos enquanto posições simbólicas historicamente constituídas) marca pela formulação os modos do sujeito significar. É possível aqui observarmos que ***encomenda macabra***, ***achado macabro*** no jogo do um-outro prefigura no domínio da atualização dos sentidos e dos sujeitos a ***crueldade da mensagem***.

Na ordem do discurso jornalístico é interessante acentuar que o processo de autoria se constitui com relação ao público em um forte jogo de poder já instaurado na prática social e institucional. Aqui o jornalista não é só um narrador, mas constrói um lugar para falar. Porém esse falar irrompe em um lugar enunciativo em que as posições sujeitos se engendram pelo acontecimento no tenso jogo de controlá-lo, dominá-lo e torná-lo estável.

O jogo da estabilidade é ainda mais árduo quando a 'cena' a ser tratada é o acontecimento-seqüestro, pois as narrativas dessa memória sempre presentes na imprensa atestam mais uma vez o forte lugar material da instituição policial. O silêncio, a informação, a tensão, é um universo que irrompe nessa prática social (o seqüestro) e a imprensa trabalha pelo jogo de formulações todo esse movimentar.

Em nosso próximo recorte é possível observarmos pela formulação o movimento da cena e uma 'agenda do futuro' para os leitores.

O Popular
ON-LINE
Sábado/20 de março/1999

Libertação do compositor, irmão de Zezé Di Camargo e Luciano, é esperada para as próximas horas

FAMÍLIA DE WELLINGTON PAGA RESGATE

O secretário de Segurança Pública e Justiça, Demóstenes Xavier torres, ***anunciou, à 1h 15 de hoje***, que a família do compositor Wellington de Camargo pagou o resgate de 300 mil dólares, por volta das 23 horas de ontem. ***A expectativa agora***, disse o secretário, ***é de que o refém seja libertado nas próximas horas***, conforme ficou acertado com os seqüestradores.

Suspeitas

Uma fonte da Polícia Civil admitiu ontem o que já era uma suspeita desde o início do seqüestro do compositor Wellington de Camargo: há alguém da família envolvido no caso. De acordo com o que o Grupo Anti-Seqüestro (GAS) apurou, não se trata de pessoa da linha frente da operação que mantém o irmão da dupla Zezé Di Camargo & Luciano há 93 dias no cativeiro. Sem revelar o nome do parente, essa fonte policial informa que o envolvido trabalha mais como informante da família.

O dia de ontem foi totalmente atípico na delegacia estadual de Investigações Criminais (DEIC), onde funciona o GAS. A movimentação se resumiu aos jornalistas que se postaram à frente do prédio à espera de novidades. ***O silêncio da polícia deixou no ar a suspeita de que as negociações estavam evoluindo e que o resgate poderia ser pago, o que aconteceu no início da madrugada de hoje***.

As marcas destacadas no recorte: ***anunciou, à 1h 15 de hoje ... A expectativa agora***, disse o secretário, ***é de que o refém seja libertado nas próximas horas*** figuram pela formulação a possibilidade da cena do seqüestro chegar ao fim. Há aqui a força da palavra que marca o acontecimento sem disfarce e para isso resume-o perfeitamente, semanticamente.

Além da tentativa de estabilizar o acontecimento, a notícia figura como um ritual narrativo e para produzir esse efeito o dizer se movimenta entre passado-presente-futuro. As formulações: ***Uma fonte da Polícia Civil admitiu ontem o que já era uma suspeita desde o início do seqüestro do compositor Wellington de Camargo: há alguém da família envolvido no caso ... O silêncio da polícia deixou no ar a suspeita de que as negociações estavam evoluindo e que o resgate poderia ser pago, o que aconteceu no início da madrugada de hoje*** assim 'agenda-se' para o leitor as possibilidades do desdobramento do acontecimento que é marcado na materialidade da narrativa como uma versão possível.

No enunciado ***O silêncio da polícia deixou no ar a suspeita de que as negociações estavam evoluindo e que o resgate poderia ser pago, o que aconteceu no início da madrugada de hoje*** a forma ***O silêncio da polícia*** se configura em outra instância de

significação do silêncio, isto é, há um jogo nas posições enunciativas do-no acontecimento que filia o sentido de silêncio em outro sítio de significação. O jogo em torno do sentido do ***silêncio da polícia*** 'agenda' a possibilidade do 'fim' da situação.

A ordem do discurso jornalístico, espaço material específico, é 'produzida' no confronto discursivo (jogo da memória) constituído por confrontos históricos, alianças e adesões que gerenciam as interpretações produzidas e tentam 'domesticar' o acontecimento.

Nosso próximo recorte é uma matéria da Revista *Isto É* tomada por nós também no domínio da narrativa. Isso porque a revista, em seu universo semanal, 'resume' e 'recorta' fatos do cotidiano de modo a informar em um amplo universo seus leitores para assim construir um espaço estável de informação.

Vejamos a matéria e os destaques que nela efetuamos:

ISTOÉ

Nº 1537 – 17 de março de 1999

Anatomia de um seqüestro

Depois de 90 dias, polícia acredita que está próxima de um final surpreendente para o drama da família de Zezé di Camargo e Luciano

MÁRIO SIMAS FILHO E MINO PEDROSA – *GOIÂNIA*

(1) ***Após quase 90 dias de investigação, a polícia está convencida de que no seqüestro do compositor Wellington José de Camargo – irmão dos cantores sertanejos Zezé di Camargo e Luciano – há a participação da própria família ou de alguém de sua intimidade***. Tanto a Polícia Federal como a Polícia Civil de Goiás chegaram a essa conclusão após uma longa e tensa reunião. (2) ***Sobre a mesa, foram colocadas dezenas de depoimentos, de gravações de telefonemas, fotografias, bilhetes escritos pelo compositor, resultado da reconstituição do momento do crime, relatórios sobre centenas de seqüestros ocorridos no Brasil e laudos periciais***. "Todo seqüestro começa a ser apurado a partir de algumas vertentes. Com as investigações, elas vão sendo eliminadas", explica o delegado Daniel Sampaio, chefe do Comando de Operações Táticas da PF. No caso Wellington, a polícia partiu de três hipóteses: crime praticado por grupo especializado, crime praticado por aventureiros e auto-seqüestro ou seqüestro auxiliado. Na reunião decisiva, as duas primeiras hipóteses foram descartadas.

O delegado José Pinheiro, responsável pelo inquérito, analisou mais de 100 seqüestros ocorridos no Brasil nos últimos dez anos e constatou que em nenhum deles o resgate foi mencionado no momento da captura da vítima. O mesmo raciocínio é elaborado pelo delegado Marcos Martins Machado, atual secretário-executivo de Segurança Pública em Goiás, que já trabalhou em 19 casos de seqüestro. "A abordagem da vítima foi completamente atípica", afirma Pinheiro. "Normalmente, os seqüestradores pegam suas vítimas na rua, com poucas testemunhas." O comportamento de Wellington fortalece o argumento do delegado, pois ele costuma andar sozinho, tanto de carro como em sua cadeira de rodas. Freqüenta lugares ermos e não raramente chega em casa tarde da noite.

História mal contada

(3) ***Conforme as investigações foram avançando, a captura de Wellington deixou de ser uma cena atípica para um seqüestro e passou a entrar no rol das histórias mal contadas.*** Na casa de Wellington e também na vizinhança, existem cachorros que costumam latir muito quando alguém estranho se aproxima. No dia do seqüestro, os cães não latiram. A polícia também descobriu que por volta das 21h30 daquele dia, um trailer que vende lanches, instalado bem na frente da casa do compositor, estava cheio. "Lembro que mais de 20 pessoas estavam aqui, inclusive um sobrinho de Wellington, filho da Marlene. Mas não percebemos nada de estranho", disse Wanderson Araújo, funcionário do trailer. "Dias depois é que um freguês comentou ter visto passar um carro vermelho com pessoas encapuzadas." Em janeiro, a polícia localizou um Santana vermelho abandonado nas proximidades de Cocalzinho (GO). Dentro do carro havia alguns capuzes e um maço de cigarros amassado. O carro está no pátio da polícia, mas até a sexta-feira 12 não tinha sido periciado. Um erro que a PF trata como primário. No depoimento que Ângela prestou à polícia, (4) ***ela afirmou, primeiro, que o carro dos seqüestradores era verde. Mais tarde, que o carro era escuro. Provas periciais também reforçam a tese de que a versão apresentada para a captura de Wellington tem problemas, pois não há vestígios de arrombamento no portão da casa nem de que alguém tenha pulado o muro.*** "Não sabemos como os seqüestradores entraram na casa", disse um dos policiais que trabalham no caso. O depoimento de Paulo pouco contribuiu, pois ele alegou que foi obrigado a ficar de cabeça baixa o tempo todo. "Com certeza a Ângela e o Paulo podem contar mais coisas", acredita o policial.

(5) ***A forma como os criminosos vêm negociando com os Camargo também serviu para afastar a hipótese de seqüestro profissional. Criminosos experientes costumam demorar de quatro dias a uma semana para fazer um primeiro contato, minando emocionalmente os familiares, o que facilita a negociação do resgate.*** **"Depois do primeiro contato, os bandidos profissionais fazem ameaças e têm pressa, pois manter alguém em cativeiro além de caro é perigoso. No caso de Wellington, eles seguiram apenas parte desse roteiro"**, diz o delegado Nilfo Sebastião Naves, chefe do Departamento de Investigações Criminais de Goiás. No primeiro telefonema, os seqüestradores disseram que no quilômetro 81 da rodovia que liga Brasília (DF) a Cocalzinho (GO), mesma região onde foi encontrado o Santana vermelho, havia um bilhete do Wellington, uma prova de que estava vivo. No

bilhete, o rapaz dizia estar bem de saúde, recebendo bom tratamento e revelava fatos de conhecimento restrito à família, como algumas das brincadeiras que os irmãos costumam fazer na fazenda. No mesmo pedaço de papel, os seqüestradores pediam que a polícia fosse afastada do caso e que a dupla sertaneja usasse os programas do *Gugu* e da *Ana Maria Braga* para enviar mensagens.

Ousadia

A mensagem de Wellington redigida sobre a manchete do jornal foi escrita no mesmo dia em que o contato foi feito. Como o telefonema aconteceu às 13h04 e o jornal só circula em Goiânia a partir das sete horas, a polícia constatou que o cativeiro está localizado em um raio de no máximo 150 quilômetros do apartamento de Emanuel. De novo, a polícia estranhou a forma atípica de agir desses seqüestradores. "Um bandido que coloca uma mensagem onde está centralizada a investigação ou é ousado demais ou está muito seguro de que não será abordado", diz um dos delegados que trabalha no caso.

(6) ***Para descartar a possibilidade de Wellington estar nas mãos de aventureiros, a polícia tem um argumento econômico.*** "Calculamos que o custo desse seqüestro, que já dura quase 90 dias, passe dos R$ 40 mil. Um pé-de-chinelo não teria como manter esse jogo", afirma o delegado Pinheiro. São pelo menos quatro os seqüestradores – três que invadiram a casa e um que estava no carro. Segundo o delegado, o grupo deve gastar cerca de R$ 500 por dia, com viagens, alimentação, telefonemas, remédios para Wellington, etc. Pelos grampos feitos nos telefones de toda a família Camargo, a polícia já descobriu, por exemplo, que o negociador está circulando por vários Estados. Suas ligações partiram de pelo menos nove cidades diferentes, como Brasília (DF), Guará (DF), São Paulo (SP), Campinas (SP) e do interior do Paraná. Os policiais também sabem que o negociador não viaja de ônibus. "Ele tem usado avião e carro", assegura um agente da PF. Dias antes do Carnaval, um dos telefonemas foi feito do Aeroporto Internacional de São Paulo. A ligação caiu. Menos de uma hora depois, ele ligou de novo. O rastreamento telefônico constatou que entre a primeira e a segunda chamada o negociador percorreu 90 quilômetros.

Na reunião da sexta-feira 5, além de concluírem que o seqüestro foi feito com a participação da família ou de alguém que tenha uma relação de intimidade com o seqüestrado, os policiais definiram uma nova estratégia para enfrentar a questão. No domingo 7 ela foi posta em prática. Quando os seqüestradores telefonaram, receberam um tratamento diferente. A conversa foi ríspida, curta e grossa. (7) ***"Vamos acabar logo com isso. Queremos o Wellington o mais rápido possível", disse Emanuel, batendo o telefone em seguida. No mesmo dia, os seqüestradores tentaram por duas vezes fazer novo contato, mas a postura de Emanuel continuou a mesma. "Estamos saindo da defesa e vamos para o ataque", afirmou um dos delegados que trabalham no caso***. Na última semana, a polícia tinha uma preocupação adicional: explicar à família que a solução do seqüestro de Wellington pode estar na própria casa dos Camargo ou na de alguém muito próximo. Se depender de Zezé di Camargo, a preocupação dos policiais não tem sentido. "O que mais quero é a solução do caso. Temos que chegar até o fim, mesmo que nisso haja a participação da família", disse o cantor. "Quem faz uma coisa dessas não merece minha consideração."

Tensão em família

Os efeitos do seqüestro de Wellington José Camargo na família dos cantores Zezé di Camargo e Luciano têm sido devastadores. O pai, Francisco, é quem aparentemente mais ficou debilitado com a longa ausência do filho. Luciano, também. O cantor, que faz a segunda voz da dupla, perdeu 12 quilos nos últimos meses e, pela primeira vez, desde que se juntou ao irmão, manteve-se afastado de Zezé durante 41 dias. Eles não se viram de 24 de janeiro até o domingo 7, quando se reencontraram nos camarins do Teatro Fênix, antes de se apresentarem no *Domingão do Faustão*. (8) ***Luciano não concorda com a estratégia adotada no caso e preferiu se afastar, deixando as decisões para os irmãos Zezé e Emanuel. Viajou, então, para Miami e em seguida fez um cruzeiro de uma semana pelas Bahamas, acompanhado de outros familiares e um séquito de sobrinhos e amigos dos sobrinhos. Neste período não falou nem com os pais. Zezé, por sua vez, enfrenta problemas dentro de casa. Sua filha Vanessa, de 16 anos, traumatizada com o desaparecimento do tio, optou por morar nos Estados Unidos. Em agosto embarca para a Califórnia onde irá morar e estudar.***

O universo da imprensa em geral emite juízos e valores, pois produz o efeito de poder dizer o todo transparentemente e para isso 'cola-se' fatos que falam por si. Essa narrativa não apenas informa, mas avalia uma situação. A enunciação nesse espaço material significa às margens e fronteiras pelo funcionamento da formulação **Anatomia de um seqüestro**. Instaura-se o efeito de poder dizer tudo tal qual um corpo analisado nos mínimos detalhes. É um modo de pelo dizer marcar a transparência do acontecimento pelo jogo de formulações.

Pêcheux (1988:168) fala que o acontecimento jornalístico atua pelo efeito *mise en scène*, ou seja, há um efeito que faz assistir à cena (ver-ler-analisar anatomicamente, um corpo, o acontecimento) fornecendo-impondo a realidade pela forma da ficção-narrativa ao sujeito.

Ao numerarmos e destacarmos no corpo da matéria alguns enunciados é possível acentuar um jogo em que um enunciado se liga ao outro. O recorte (1) ***Após quase 90 dias de investigação, a polícia está convencida de que no seqüestro do compositor Wellington José de Camargo – irmão dos cantores sertanejos Zezé di Camargo e Luciano – há a participação da própria família ou de alguém de sua intimidade*** é o enunciado base que enquanto formulação determina e presentifica o acontecimento na ordem material do espaço jornalístico. O interessante é notar que nos enunciados (de 2 a 7) o dizer é

construído e perpassado pelo lugar da polícia que interpreta 'digere' os fatos a figurar para imprensa. Comumente se diz que a imprensa ao noticiar o seqüestro 'atrapalha' seu andamento, porém é possível verificar na narratividade dessa situação que a polícia é dita, se diz, significa e é significada nesse-por esse espaço.

O dizer, no espaço específico da imprensa, sob a modalidade do discurso sobre, filia-se em uma memória dos ressentimentos, de modo a trabalhar e homogeneizar o conflito no social. Por outro lado há aí uma fronteira muito tênue, pois o ódio, a agressividade, o horror, ou seja, a potência da revolta não cessa de balançar a rede por um jogo de confrontações.

A seqüência 5 instaura um outro jogo de sentidos sob a figura do silêncio. Na seqüência que analisamos do jornal o Popular de 20 de março de 1999, o silêncio da polícia encaminhava para o fim da situação seqüestro. Aqui o silêncio é dos sujeitos seqüestradores. Vejamos:

(5) ***A forma como os criminosos vêm negociando com os Camargo também serviu para afastar a hipótese de seqüestro profissional. Criminosos experientes costumam demorar de quatro dias a uma semana para fazer um primeiro contato, minando emocionalmente os familiares, o que facilita a negociação do resgate. "Depois do primeiro contato, os bandidos profissionais fazem ameaças e têm pressa, pois manter alguém em cativeiro além de caro é perigoso. No caso de Wellington, eles seguiram apenas parte desse roteiro"***

Nos recortes os ***Criminosos experientes costumam demorar de quatro dias a uma semana para fazer um primeiro contato ... No caso de Wellington, eles seguiram apenas parte desse roteiro*** há um efeito que (des)constrói a evidência em que a polícia significa e atua. O sentido do silêncio dos sujeitos seqüestradores já é tomado no espaço de significação da polícia: há uma economia da palavra. Por outro lado o silêncio é um movimento e um lugar da resistência. O acontecimento discursivo é lugar do movimento, do confronto.

Observemos, agora, o desfecho da matéria, ou seja, a seqüência 8:

Luciano não concorda com a estratégia adotada no caso e preferiu se afastar, deixando as decisões para os irmãos Zezé e Emanuel. Viajou, então, para Miami e em seguida fez um cruzeiro de uma semana pelas Bahamas, acompanhado de outros familiares e um séquito de sobrinhos e amigos dos sobrinhos. Neste período não falou nem com os pais. Zezé, por sua vez, enfrenta problemas dentro de casa. Sua filha Vanessa, de 16 anos, traumatizada com o desaparecimento do tio, optou por morar nos Estados Unidos. Em agosto embarca para a Califórnia onde irá morar e estudar.

O interessante desse relato é que ele 'quebra' com o desenho do acontecimento (a anatomia do seqüestro), pois no corpo da palavra sentidos outros que estavam à margem investem na representação dos sujeitos envolvidos na situação como um todo e instaura-se um processo revestido de um 'glamour', uma espécie de histeria do carisma engendrado em nossa sociedade pelo espaço midiático, que se marca como um 'fora' no acontecimento, mas já está investido no processo de significação.

Mobilizamos na estrutura de nosso trabalho a análise dos recortes do espaço jornalístico, consideraremos, nesse outro momento textual, a análise dos bilhetes.

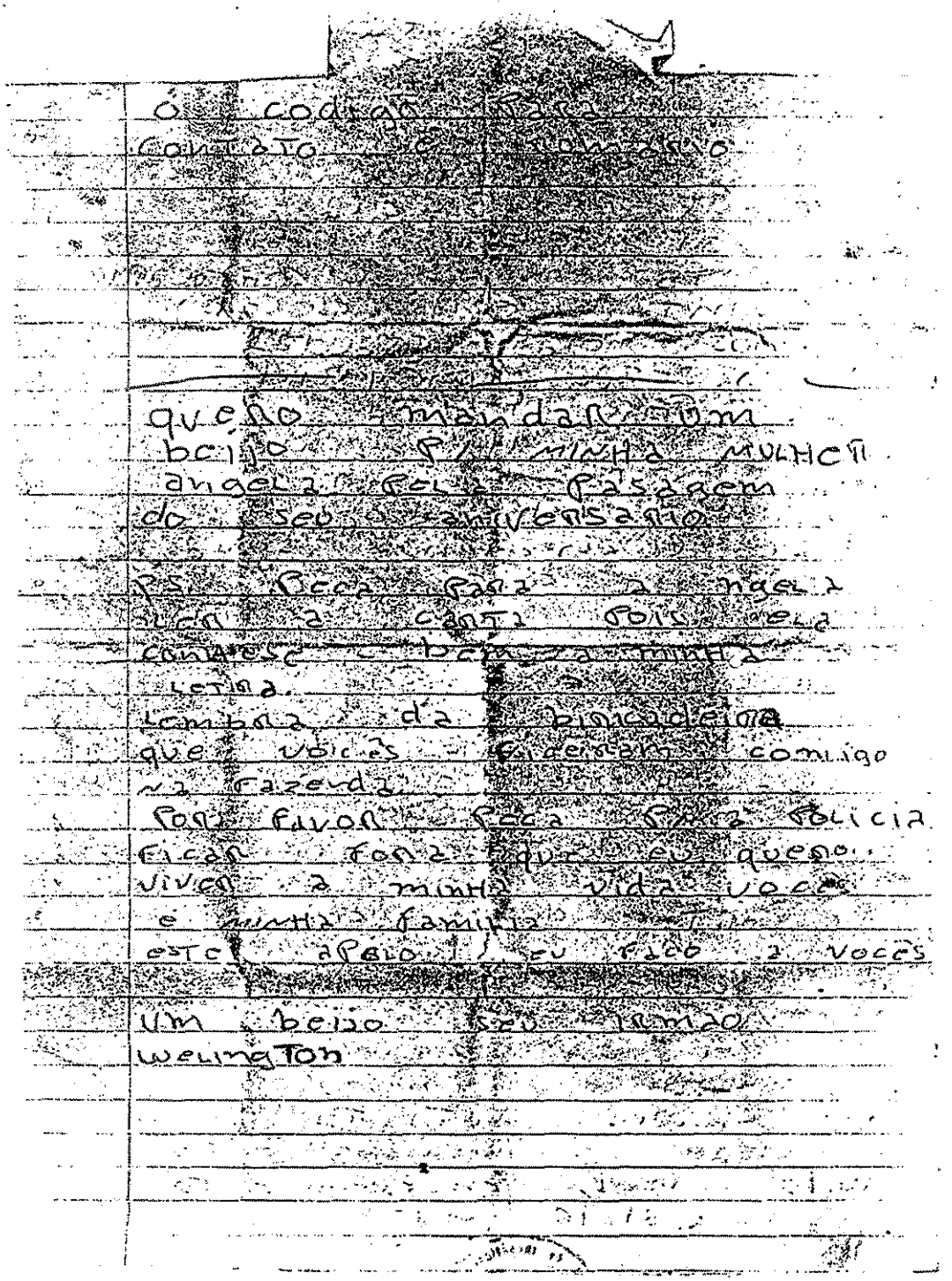
Ele (o bilhete), escritura material que toma a sua identidade enunciativa em um jogo histórico/social, é uma figura que se circunscreve na informalidade e na particularidade. Porém quais são os efeitos de sentido produzidos quando essa forma social de circulação de sentidos e de significação do sujeito toma corpo-forma em uma situação seqüestro?

Tomar o bilhete como forma material de escritura no funcionamento discursivo é concebê-lo como atividade estruturante de uma prática, para um interlocutor determinado, por um falante determinado, com finalidades específicas. O domínio do determinado não se refere à presença física ou à situação objetiva dos interlocutores, mas trata-se de formações imaginárias, de representação da posição do sujeito no discurso (cf. Orlandi 1987). O texto (na materialidade do bilhete) não é uma unidade fechada, mas um objeto simbólico que no processo de textualização tem pontos de deriva possíveis, deslizamentos que indicam diferentes possibilidades de formulação.

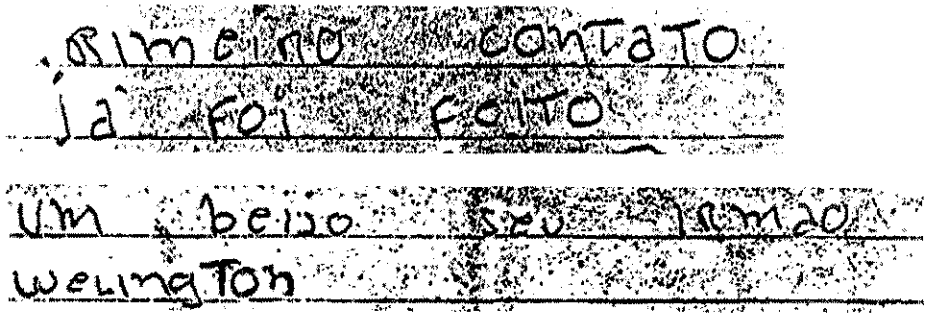
Observemos, então, o primeiro bilhete (na série de seis) que a família do seqüestrado recebeu, desencadeando o processo de negociação do seqüestro:

18-12-98

Primeiro contato
já foi feito
foi dito p/ não
envolver a polícia
e foi feito
completamente o contrario
a quantia em (dolar)
exigimos notas graudas
estas serão conferidas
nota por nota
p/ que não haja nem
uma fraude ou nota
falsa a liberação
dele (Wellington) será
após a conferencia
do dinheiro não existirá
mas contato o capital
estando na mão
você Zezé entre em
contato através do programa
televisivo do gugu ou
ana maria braga. até
o mento deste contato
estou sendo bem tratado
a partir deste contato
minha vida estará
em suas mãos
escrevi este bilhete
após ver o programa
da ana maria braga
verão varios artistas
vou citar 2 nomes
banda mel, encerramento
com Maurício Matar



Vejamos os recortes:



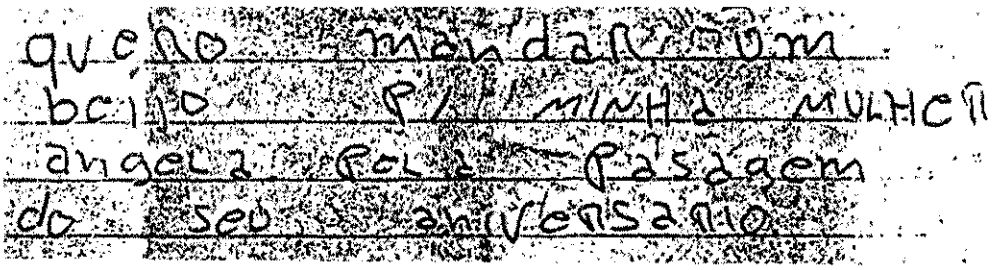
Primeiro contato
já foi feito
Um beijo seu irmão
Welington

O jogo de interlocução na prática de escritura do bilhete e da carta (embora tenhamos diferentes circunstâncias de identidade enunciativa para esta prática) centraliza-se na relação imaginária entre a posição remetente e a posição destinatário. Os efeitos de sentido se dão em um processo de retomada, inversão, deslocamentos, repetição em que os interlocutores jogam e cruzam marcando a especificidade e força de suas posições.

Dessa maneira os recortes **Primeiro contato já foi feito** e **Um beijo seu irmão Welington** chamam a nossa atenção para o modo de constituição do processo de interlocução. As marcas lingüísticas presentes neste fragmento definem as condições e o funcionamento do grau de formalidade, particularidade e tratamento que regem e instauram certa relação de interlocução.

É interessante notar também que a formulação **Primeiro contato já foi feito** marca uma tensão contraditória no espaço da memória, ou seja, é preciso inscrever o acontecimento e uma das maneiras de fazer isso é ressoar que o primeiro contato (momento da abordagem do sujeito seqüestrado) **já foi feito** e portanto não tem como o acontecimento não se inscrever ou ser denegado, absorvido. O seqüestro, prática simbólica, engendrada por uma gestualidade específica no acontecimento, tem sua corporalidade da/na linguagem.

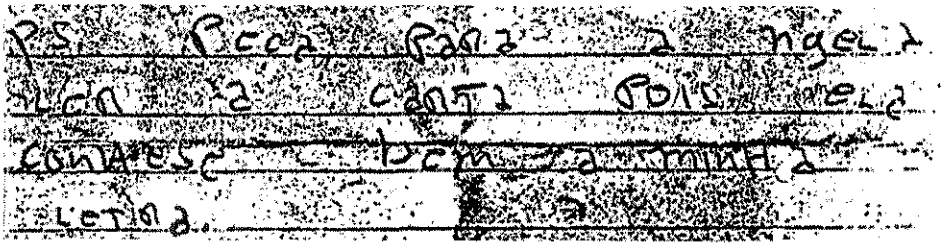
Analisemos outro recorte:



Nesse trecho é interessante observarmos que o enunciado **pela passagem de seu aniversário** é uma informação somente partilhada pelo sujeito seqüestrado e pelas pessoas de seu círculo pessoal. Do conjunto de formulações (atualização) somente ela poderia identificar-atestar a autoria do bilhete. No dia-a-dia não se pode esquecer a data de aniversário da esposa (esse esquecimento pode gerar um 'terremoto' conjugal).

A data de nascimento que está em nosso documento de identidade é um dado de gerência-organização do social, mas a data de aniversário é algo do domínio pessoal-familiar. De certo modo essa formulação, no fio do discurso, na ordem do enunciável, nos permite ouvir aquilo que irrompe na ordem do discurso e que constitui o sujeito como sujeito de seu discurso e assujeita-o. Essa inscrição é uma ruptura no fio do discurso que aí aparece como uma violência simbólica a penetrar, explodir no domínio da memória pessoal dos sujeitos, dominá-la e se servir dela.

Esse outro recorte, por nós apresentado, é uma 'luta' para inscrever o processo de identificação na autoria. Vejamos:



O interessante dessa formulação é que no domínio da textualização ela entra como um *post scriptum*, ou seja, ela é uma informação adicional que se quer destacar no corpo do texto: esqueceu-se de algo relevante (um dado importante) que merece e precisa ser recordado. Nessa formulação **ler a carta - conhecer a letra** há uma relação de paráfrase (substituição) em que o **ler a carta** desliza para **conhecer a letra** e esse deslize, no domínio

do mesmo, é um modo de se configurar a relação de sentidos com o(s) interlocutor(es) e pedir-lhes que o identifiquem pela escritura de si, materializada pelo traço.

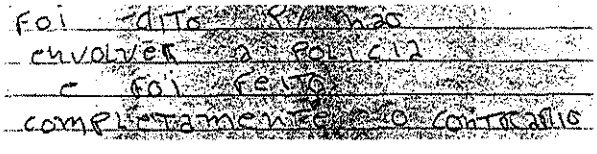
O dado essencial só poderia ser a letra. A formulação **ela conhece bem a minha letra**, ao figurar no primeiro bilhete, é uma forma de identificação do sujeito. A letra, o traço, não pode ser esquecido. O destaque não é só a figura da **letra**, mas também **ler** a letra. Nessa formulação **peça para a Angela ler a carta** o gesto de **ler** é um ato de se solidarizar com o sujeito e pela leitura torná-lo um significante 'real'. O sujeito não é uma farsa, um fantasma imaginário que tem sua letra forjada, mas pelo traço e pela leitura do traço a identidade é atribuída.

A letra é um traço de inscrição no simbólico, traço que marca o sujeito enquanto sujeito, em sua possibilidade de autoria frente à escrita (cf. Orlandi 2001:204). Cada um de nós se engendra enquanto escritura de si pelo traço, pela voz.

Ainda no enunciado **ela conhece bem a minha letra**, o que está em jogo não é só conhecer a letra, mas conhecer **bem**. A forma, o traço que se desenha pelo movimento da mão, aqui significa mais do que o conhecimento propriamente dito.

Lacan (1998:498) nos diz que a letra é um suporte material que o discurso toma emprestado da linguagem, pois a linguagem em sua estrutura preexiste à entrada de cada sujeito num momento de seu desenvolvimento mental, isto porque se o sujeito parece ser servo da linguagem, ele é mais ainda servo de um discurso, uma voz, em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito em seu nascimento, nem que seja sob a forma de seu nome. A letra, mais que um traço de entrada no simbólico, está onde não é, e onde não se pensa, o traço escapa no jogo do fio da língua. O traço é um acontecimento do discurso.

Observemos esse outro recorte:



Esse enunciado inscreve a tensão do diferente: **foi dito** - **foi feito** não figuram no mesmo espaço do movimento do dizer. A voz passiva inscreve uma simetria formal, mas os agentes não são os mesmos. Na formulação **foi dito** se introduzirmos a pergunta (*quem disse para não envolver a polícia?*), obtermos como resposta: *nós dissemos* (ou) *eles*

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES

disseram. Já na formulação **foi feito** se perguntarmos (*quem fez completamente o contrário?*), obteremos como resposta: *vocês*. Pela formulação de um dizer o sujeito atualiza o sentido, textualiza a memória, realiza um possível (Orlandi, 2001:16).

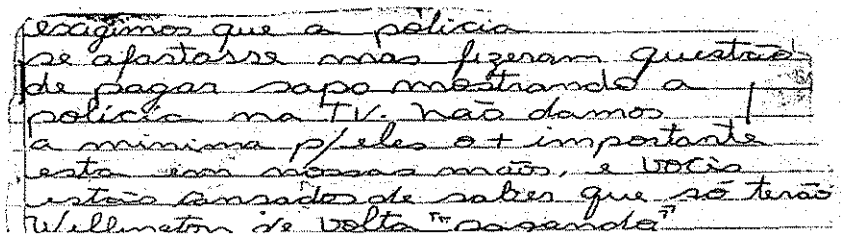
Temos aí um trabalho do movimento do dizer: a presença da polícia já irrompe na tessitura (textualização) da memória como o outro que no extremo não deve figurar no processo de significação que a enunciação instaura.

A **polícia**, no caso seqüestro, já entra em cena constituída na ordem do simbólico. Os sujeito seguem o veio do simbólico engendrados no-pelo acontecimento. O acontecimento do objeto simbólico nos afeta como sujeitos: a injunção a significar é um trabalho da linguagem e da força inexorável do mundo.

Orlandi (2001) nos diz que a materialidade dos lugares dispõe a vida dos sujeitos e a resistência desses sujeitos constitui outras posições que vão materializar outros lugares. A resistência não é uma força de oposição ou confronto. Ela é uma questão da falta, da diferença sempre já inscrita (idem). A determinação dos sujeitos e dos sentidos é histórica. Não é uma fatalidade mecânica. O lugar material de significação se dá na excelência do embate ideológico.

A polícia opera em uma instância técnica-teórica em que manipula o espaço de modo a fechar a rede: nada passa em sua sondagem. Enquanto corpo social responsável pela 'segurança' sua força técnica-teórica é uma ilusão, ou seja, toda espécie legítima de poder repousa sobre a instância do símbolo e a polícia, enquanto poder, já está lá significada. A força é uma ilusão (eficaz) que limita a ação da polícia. Em seu trabalho há uma noção imutável do real e não notam que sua busca irá transformá-la em seu objeto.

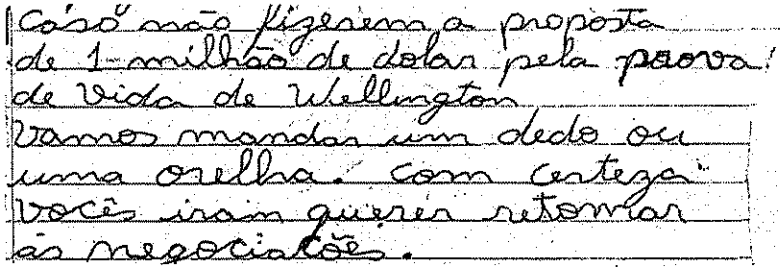
Há outro recorte em que é possível observarmos a posição que a polícia ocupa no embate material da palavra:



É interessante marcar aqui a refutação dos sujeitos seqüestradores à figura da polícia. Este enunciado em sua formulação é um gesto de ignorar o lugar que outro (a polícia) ocupa no estatuto do seqüestro. A formulação **fizeram questão de pagar sapo mostrando a polícia na TV** irrompe como uma figura de tensão no universo logicamente estabilizado que a polícia ocupa enquanto instituição (responsável pela segurança) no seio de uma formação social.

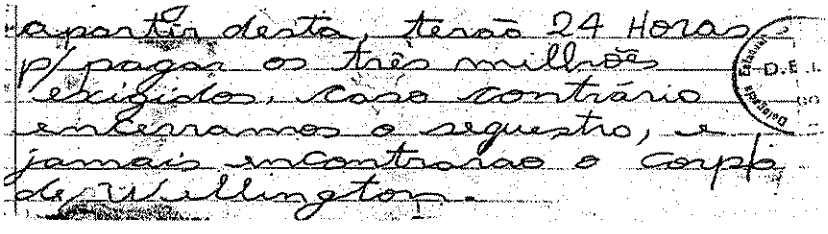
Já o enunciado **não damos a mimina p/ eles o + importante está em nossa mãos** é um gesto de resistência às formas de identificação e gerenciamento frente à 'força' material das instituições do Estado. Essa formulação é uma resistência à coerção dos modos de individuação da forma sujeito-de-direito. Resistir à individuação, à Lei, é procurar o seu castigo.

Mais um recorte:


Caso não fizerem a proposta
de 1 milhão de dolar pela prova
de vida de Wellington
vamos mandar um dedo ou
uma orelha. com certeza
vocês irão querer retomar
as negociações.

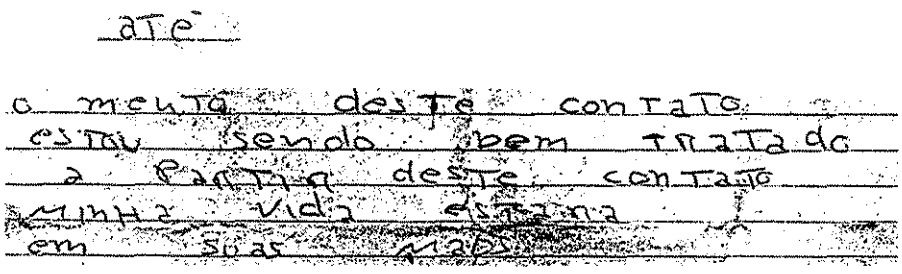
A tensão inscreve-se de forma feroz neste enunciado: a formulação **caso não fizerem a proposta de 1 milhão de dólar pela prova de vida de Wellington**, que aparentemente funciona como uma proposta, uma sugestão, assume estatuto de ordem: a vida (corpo simbólico/material) está suspensa em uma linha muito tênue. A negociação precisa ser retomada, pois **um dedo ou uma orelha** pode ser **a prova** de que a vida do sujeito seqüestrado está por um fio. Fio esse de linguagem.

Vejamos outro recorte:


a partir desta, terão 24 Horas
p/ paga os três milhões
exigidos. caso contrário
encerramos o seqüestro, e
jamais encontrarão o corpo
de Wellington.

Neste recorte a ameaça se faz presente: aquilo que não se quer ouvir ressoa no domínio da memória. Essa formulação sustentada no jogo da repetição emerge em um espaço em que as relações de poder e força estão sempre se simbolizando. A formulação **encerrar o sequestro – jamais encontrarao o corpo de Wellington** é o retorno incessante que produz o movimento, a tensão, afetando o modo dos sujeitos significarem e se subjetivarem frente a esta situação.

Outro recorte:



Nesse enunciado as formas lingüísticas em itálico estão no domínio do tempo e marcam a inversão na formulação.

***Até o mento* deste contato estou sendo bem tratado**
***a partir deste* contato minha vida estará em suas mãos**

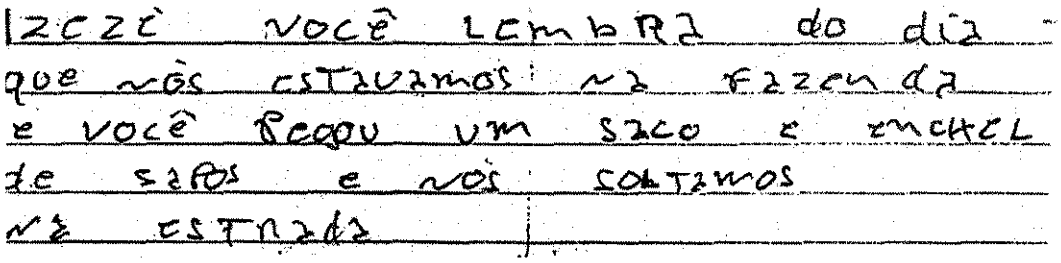
O interessante é que temos não só uma inversão de tempo, mas uma inversão dos lugares que a situação discursiva instaura. Enquanto *sujeito-de-direito* todos são responsáveis pelos próprios atos e, de certa forma, para com a autonomia da própria vida. A vida é um direito humano. Esse é um dizer que significa na discursividade do social.

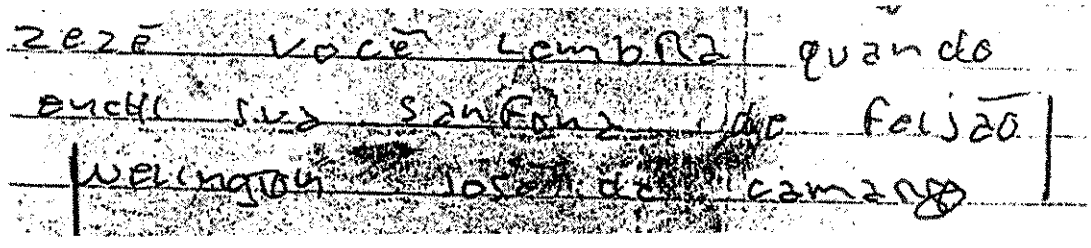
A formulação ***Até o mento* deste contato estou sendo bem tratado** institui uma inversão para com a responsabilidade da vida, ou seja, a família e os amigos passam a ser responsáveis pelos atos que põe em risco a vida do sujeito.

A inversão da responsabilidade para com a vida do sujeito seqüestrado desloca-se de um universo discursivo a outro pela força da formulação: em ***a partir deste* contato minha vida estará em suas mãos** produz-se o efeito de responsabilidade (ou ato de responsabilidade) sobre a vida, mas essa responsabilidade não é dos sujeitos seqüestradores (assassinos potenciais), mas dos outros sujeitos, ou seja, do negociador, da família, dos

amigos. O jogo de sentidos instaurados na formulação impõe a responsabilidade jurídica para com a vida. Uma das especificidades do acontecimento-seqüestro, a partir de suas condições de produção-enunciação, é o jogo de inversão que se dá nas posições discursivas engendradas da-na situação.

Nestes outros recortes temos a memória do espaço familiar funcionando fortemente. Vejamos:





O interessante dessas formulações é que sua unidade e força de atualização no movimento do sentido se configura no espaço da lembrança subjetiva. Temos na formulação a repetição e a tensão do mesmo: **você lembra do dia – você lembra quando** e aí se estabelece a força da vivência fraterna, amorosa, lúdica em que o sujeito e seu interlocutor partilharam, experenciaram enquanto forma de se significar no mundo. Esse é um momento de atualização dos sentidos e movimento dos sujeitos.

Esses enunciados produzem sentido na situação seqüestro à medida que o sujeito seqüestrado se coloca em cena. Pela enunciação o sujeito se põe em cena para 'mostrar-se', ao outro. O jogo das formulações **enchel de sapos – enchi sua sanfona** é um lugar de experimentação identitária que se dá por um 'gesto de lembrança'. A força do 'gesto de lembrança' desdobra-se pelo efeito metafórico na paráfrase: **enchel de sapos – enchi sua sanfona**.

Há que se acentuar a especificidade dessa atualização, da memória no jogo do acontecimento. A força da lembrança, o sentido dessa atualização, que se produz nesse **falar com** dos seqüestradores-seqüestrados, está ligada a duas particularidades do funcionamento discursivo do seqüestro: a primeira se dá com a questão da chantagem (gesto de extorsão), ou seja, o fato de pela formulação haver um apelo emocional ao passado, à infância compartilhada entre irmãos, no gesto das travessuras, é uma forma de se jogar também com a inversão da responsabilidade. A inversão faz o outro assumir a responsabilidade pelo ato de outrem, já que a vida de um ser querido está em risco.

A segunda particularidade se manifesta com a questão da identificação-reconhecimento: ela é um gesto de checar a identidade do seqüestrado, pois só ele poderia ter a lembrança dessas travessuras. Esse funcionamento é um mecanismo permanente na constituição do sujeito seqüestrado.

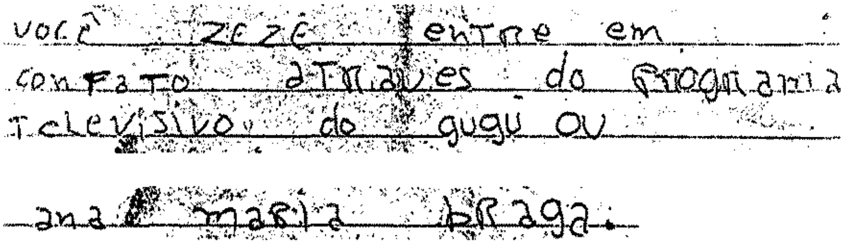
No acontecimento do seqüestro o gesto de lembrança se dá sob a ordem do simbólico. O sujeito não pode se experimentar, se auto-engendrar na figura da lembrança a seu 'bel prazer'. A lembrança emerge como uma escritura de si, ou seja, o sujeito ao se inscrever em uma rede de filiações se institui em uma forte relação com a alteridade: ele se pertence em si mesmo; como um outro e como um outro de si.

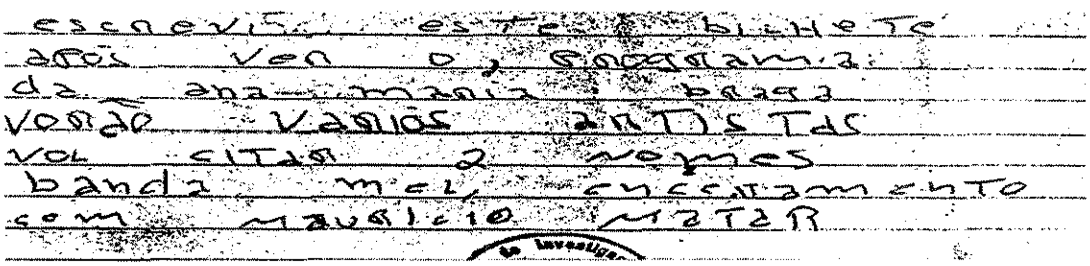
Orlandi (2001:83) nos diz que "o sujeito não (re) formula apenas em um sentido superficial, ele entra em relação com o corpo da linguagem, com o acesso ao acontecimento; ele desliza" . Esse deslize se dá pela força do significado da lembrança. A proposição da lembrança (enquanto uma questão: você lembra do dia ... você lembra quando) já coloca o sujeito no espaço do movimento, da alteridade, da filiação, enfim, no jogo da memória.

Concebemos o gesto de lembrança como um trabalho do simbólico que se corporifica do-no acontecimento. É pela formulação de um dizer que o sujeito atualiza o sentido, textualiza a memória, realiza um possível (Orlandi, 2001:16), e esse sentido é, para nós, a força da lembrança. No entanto essa força da lembrança é administrada por relações de poder: há sentidos que não podem ser esquecidos e há também os que não devem ser lembrados. A força da memória que irrompe pelo funcionamento da lembrança é um espaço

que trabalha com a dor, com esquecimento e não-esquecimento dos sentidos (cf. Loraux, 1988).

Observemos os outros recortes.


você zezé entre em
contato atraves do programa
televisivo do gugu ou
ana maria braga.


escrevi este bilhete
após ver o programa
da ana maria braga
vorão vários artistas
vou citar 2 nomes
banda mel, encerramento
com maurício matar

Nos autos do processo instaurado para investigação de crime de extorsão (seqüestro) é possível observarmos no registro da denúncia do ministério público, contra o grupo de seqüestradores, que a motivação para o seqüestro de Welington surgiu a partir de uma participação da dupla de cantores sertanejos Zezé di Camargo e Luciano, no programa *Domingo Legal* apresentado por Augusto Liberato, no SBT.

A televisão é um espaço em que cantores (e artistas em geral) 'aparecem' para divulgar seu o trabalho. Robin (1997) nos diz que a televisão se transforma em um efeito-espelho de nossos problemas do cotidiano. O espectador e seu sofá rompem a tela e as fronteiras entre o público e o privado caem. A televisão é um espaço de confissão catódica adaptado a um 'eu-flutuante' das sociedades pós-modernas frente a uma histeria do carisma.

O espaço televisivo tem pela formulação um outro domínio e significado. O enunciado **entre em contato atraves do programa do gugu ou ana maria braga** produz

o efeito de designar um outro espaço de negociação para o seqüestro. Como os cantores comumente estão no espaço midiático a televisão pode se tornar um lugar de negociação 'neutro'. A figura da televisão se inscreve porque por ela há um meio de os seqüestradores negociarem com mais segurança, isolando a atuação da polícia.

Instituir a televisão como um espaço de interlocução é de certo modo romper com as fronteiras entre o 'real' e a 'ficção'. Arbex Jr (2001:47) nos diz que a televisão tem a capacidade de criar mundos 'reais', mundos aos quais o olhar empresta uma realidade que se torna realidade vivida no íntimo dos telespectadores, com seu consentimento. A pós-modernidade transformou a relação da televisão (com ela mesma) e com seu público. A televisão 'tornou-se' a notícia. Ela (a televisão) enquanto espaço de interlocução pode transformar 'tudo' em um acontecimento, um show.

Vejamos outro recorte:

escrevi este bilhete após ver o programa da Ana Maria Braga vorão vários artistas vol citar 2 nomes banda Mel, encerramento com Maurício Matar

A reflexão de Orlandi (2001) sobre televisão e memória nos traz um sentido que aqui exploraremos: a forma **ver o programa da Ana Maria Braga** produz no enunciado um efeito documental de testemunha. Qualidade de estar presente, vivo, visível.

O importante dessa formulação é que temos se configurando no espaço discursivo não estabilizado do seqüestro um jogo nos modos de identificação do seqüestrado de forma a identificar-comprovar que ele está vivo.

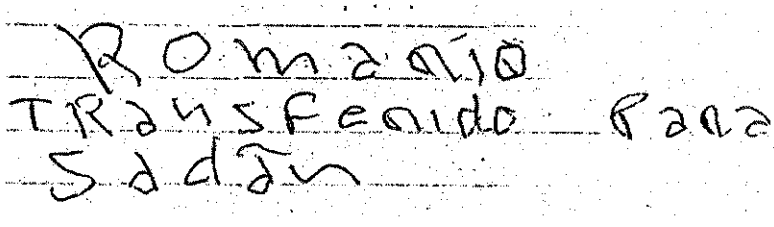
Esse efeito se dá pela temporalização do enunciado, ou seja, como os programas de TV têm a possibilidade de alcançar instantaneamente milhões de espectadores é uma possibilidade material de inscrever: estou vivo, pois antes de escrever este bilhete assisti ao programa da Ana Maria Braga, e atesto que entre muitos artistas lá estavam presentes a banda Mel e o cantor Maurício Matar. O interessante é que o nome do cantor que por coincidência estava na grade de programação da televisão é **matar**...

O jogo de temporalização que instaura o enunciado nos permite dizer que ele completa o movimento produzido pelas lembranças de infância: de um lado comprava-se que se trata do sujeito seqüestrado mesmo e de outro que ele se diz e se significa enquanto sujeito vivo no desenrolar do próprio programa.

É oportuno, ainda ressaltar, que a temporalização é um movimento fundamental na constituição desse lugar em que o sujeito seqüestrado se engendra enquanto um acontecimento para si mesmo (aqui ele fala de si para atestar sua identidade e dizer que está vivo). Essa forma de atestar a identidade e a própria condição de estar vivo organiza o jogo enunciativo e a textualização do seqüestro enquanto discurso.

Entretanto, se de um lado temos jogos que identificam o sujeito seqüestrado, temos também constituído modos contrários a esse jogo de constituição e identificação agora com o sujeito seqüestrador: ele não pode deixar 'descobrir' a sua identidade. Assim se estabelece um jogo de recriação da identidade (pela letra, pelo pseudônimo, pela voz. O que se dá nesse espaço é a excelência do vampiro-narciso que se possui e (des)possui a si mesmo na textualização discursiva do seqüestro. Observaremos esses processos em nossas próximas análises.

Como já explicitamos no corpo do trabalho, a tensão máxima que essa situação seqüestro atingiu foi no momento em que o grupo de seqüestradores decepou a orelha do sujeito seqüestrado e a enviou para a família, junto com um bilhete dirigido ao Ratinho (Carlos Massa – apresentador de programa de televisão). Os recortes que agora apresentaremos se configuram por essa condição de produção.



A senha de negociação antes do episódio da orelha era Romário e agora é Sadan. O interessante é que temos com a prática do seqüestro a instauração dos pseudônimos. Entendemos o pseudônimo como uma instância imaginária-necessária em que o sujeito autor se inventa, se cria, em um outro, em um duplo (cf. Robin 1997).

Guimarães (2002) analisa o processo de nomeação. O autor diz que o processo enunciativo da nomeação envolve lugares de dizer diferentes o que atesta o fato da nomeação ser uma enunciação que nomeia citando enunciações diversas. Cada designação recorta um lugar de dizer diferente. Dessa forma a nomeação '*cruza regiões diferentes do interdiscurso posição de sujeito diferente*' (idem:37).

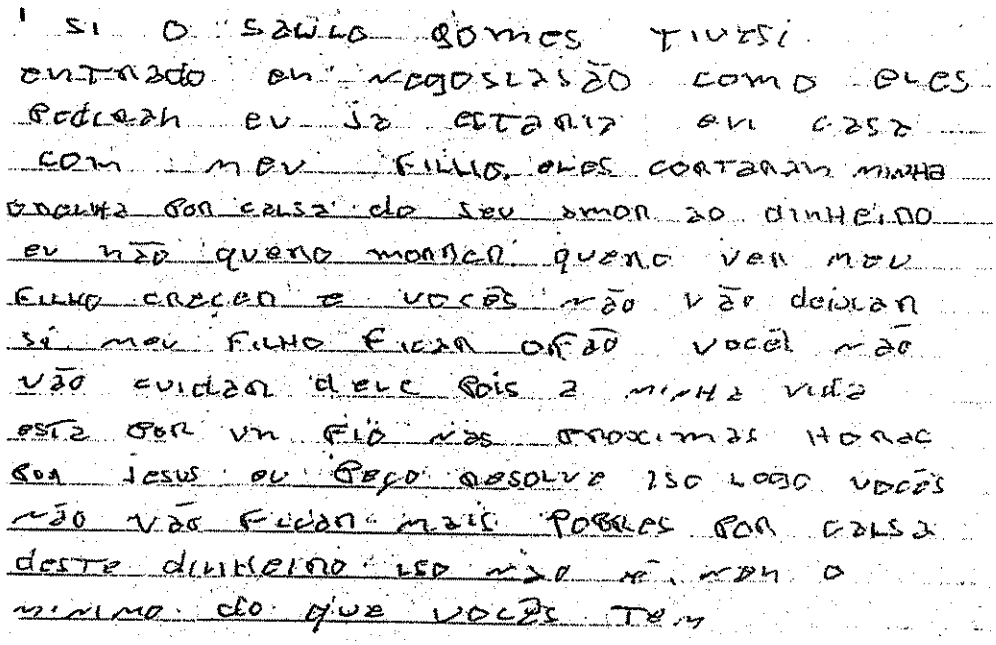
Nos pseudônimos estamos diante de um fato singular: a recriação do sujeito. Há uma luta que se configura no processo de autoria. O sujeito seqüestrador 'escolhe' o nome para assim se identificar. Os nomes **Romário** e **Sadan** não são nomes quaisquer: eles têm um estatuto social de identificação. Aos nomes **Romário** e **Sadan** é possível identificar um conjunto de indivíduos que possuem esse nome (na esfera civil, jurídica e pública).

No Brasil, por exemplo, temos um famoso jogador de futebol (o **Romário** - goleador, bom jogador...) e no Iraque temos uma outra figura pública (**Sadan** – o forte, o que desafia o poder). Nesse caso-seqüestro o nome **Romário** produz efeitos de sentido que caracterizam e estruturam o espaço de um sujeito negociador. Romário é a senha necessária para conversar, negociar, jogar. A partir do momento em que não é possível mais negociar a senha muda (desliza) para **Sadan**: aquele que não negocia, pois ele usa a força, o poder, o medo e a autoridade para obter o que deseja. Esse funcionamento é regido pelo imaginário.

Os sujeitos seqüestradores ao se nomearem (e o processo de nomeação não é ao acaso, mas trabalho da memória), os sentidos atrelados aos nomes vão desestabilizar as redes de filiação e sentido e sujeito se movimentarão. O que joga nesse enunciado não é só o poder de nomeação, mas o poder de se criar, recriar e **transferir-se** de nome, lugar e identidade. Enfim, o jogo do Narciso-vampiro, ou seja, aquele que se vê e não vê ao mesmo tempo.

A auto-nomeação, na figura dos pseudônimos, é outra particularidade específica da situação seqüestro, isso se levarmos em conta os processos de identidade jurídica gerenciada pelo Estado. A visibilidade do sujeito seqüestrador se dá em um processo simbólico em que a identificação do sujeito consigo mesmo, no jogo das filiações, irrompe no fio do discurso trabalhando os limites da identidade.

Vejamos mais um recorte:



Nesse enunciado o próprio traço já reflete a dor. Temos aqui uma formulação que pela tensão movimenta fortemente os lugares de identificação dos sujeitos: **eles cortaram minha orelha por causa do seu amor ao dinheiro eu não quero morrer quero ver meu filho crescer ... pois a minha vida está por um fio**

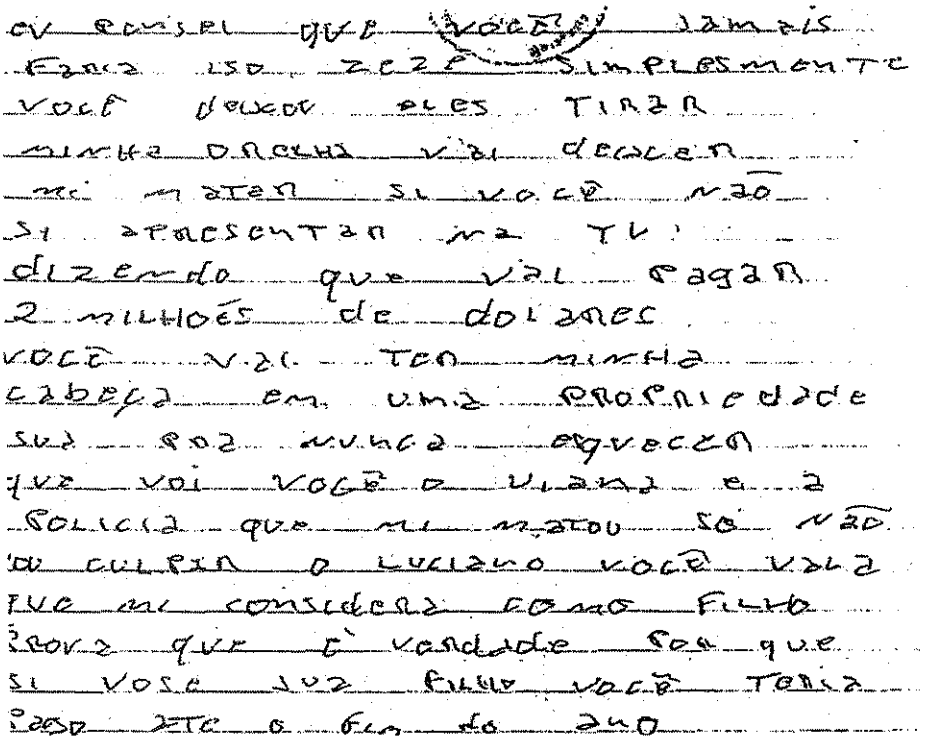
Charles Bally (1965:16) nos diz que *"a vida é um efeito, uma aspiração constante em direção a qualquer coisa"*. Mais do que uma inspiração a vida é um espaço, um efeito em que se situa o sujeito. A vida ao estar por um fio movimenta ferozmente a rede de sentidos e toma os sujeitos no espaço de significação do terror, do medo, da emoção, do fim.

É interessante notar como a repetição se inscreve no processo de atualização de sentidos no corpo do enunciado: **eu ja estaria em casa... não quero morrer... quero ver meu filho crescer... vão deixar meu filho ficar órfão** aqui os discursos do domínio estabilizado da esfera familiar irrompem formando um nó para estabilizar os sentidos da possibilidade da morte.

Cabe ressaltar que o efeito do terror, do medo, da dor mobiliza aqui questão da responsabilidade para com questão da vida do seqüestrado: temos novamente a inversão da responsabilidade pelo efeito da chantagem, isto é, a vida do sujeito seqüestrado que

potencialmente é de responsabilidade do sujeitos seqüestradores passa a ser de responsabilidade da família.

Vejamos outro recorte:

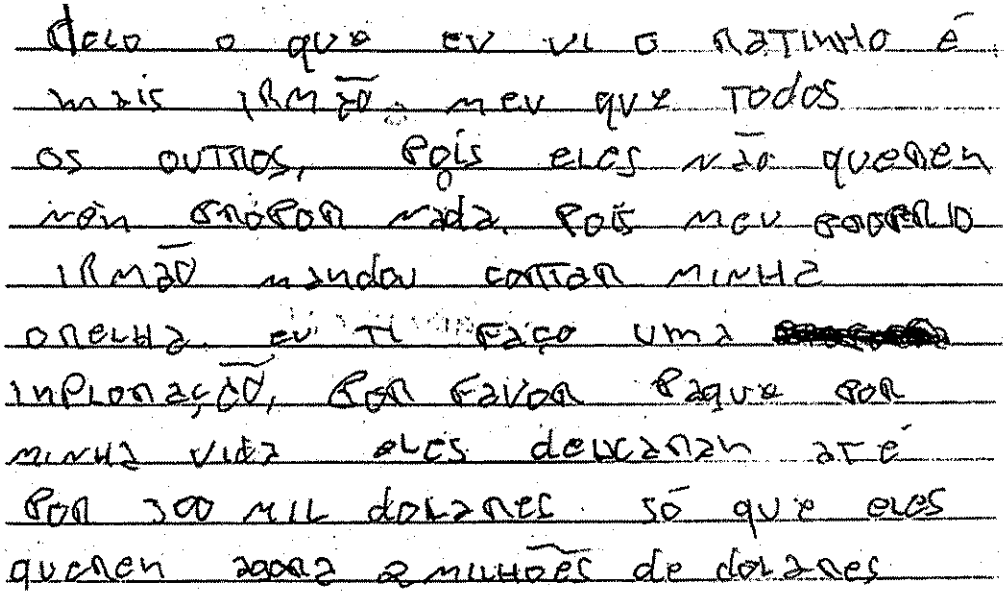


No corpo do trabalho afirmamos que o seqüestro instaura um efeito *falando com*, ou seja, o sujeito não é mero escriba e não se fala do lugar dele, mas com ele. Há uma forte tensão que irrompe neste enunciado, pois o poder da linguagem se exerce pelos lugares da interpretação. Há um jogo de inscrever um funcionamento e marcar um lugar de significação para os interlocutores. Assim, no jogo de sentidos temos: **você deixou eles tirar minha orelha.... você vai ter minha cabeça em uma propriedade sua... pra nunca esquecer que voi você o Viana e policia que mi matou so não vou culpar o Luciano**

Essa formulação funciona em um universo logicamente estabilizado inscrevendo-se em um jogo lógico: não pagar – morrer e ainda imputa a responsabilidade da vida sobre o interlocutor. Há a inversão das responsabilidades para com a vida do sujeito seqüestrado, ou seja, se o sujeito morrer a 'culpa' não é dos sujeitos seqüestradores e sim do negociador. Socialmente/religiosamente um irmão não pode, mesmo que indiretamente, ser responsabilizado pela morte do outro. Há um embate subjetivo, com a inversão dos papéis,

para com a 'obrigação' da vida. Esse embate é um instrumento de pressão que irrompe na situação seqüestro de modo a 'escravizar' o outro em um lugar de significação.

Em nosso próximo recorte há um jogo em torno da fraternidade entre os irmãos. O interessante é que o destinatário desse bilhete é o apresentador Carlos Massa, o Ratinho.


Pelo o que eu vi o Ratinho é mais irmão meu que todos os outros, pois eles não querem não gastar nada. Pois meu próprio irmão mandou cortar minha orelha. eu ti faço uma [redacted] imploração, por favor pague por minha vida eles deixam até por 300 mil dolares só que eles querem 2000 2 milhões de dolares

Nesse recorte há uma tensão na formulação **eu vi o ratinho é mais irmão meu que todos os outros ... pois meu próprio irmão mandou cortar minha orelha**. Nesse enunciado **mais irmão meu** o pronome parece deslocado de seu lugar de modo pela materialidade da formulação produzir o efeito de uma fraternidade-irmandade em excesso, a mais. Aqui a culpa, a responsabilidade pelo ato do outro (sujeito seqüestrador) novamente joga com os modos de identificação da família.

É importante reportarmos, mais uma vez, à questão da textualização do bilhete: ele é uma superfície-forma material em que a escrita se dá como uma forma-estrutura social. No corpo do recorte é possível observar uma ação interessante: temos na linearidade do enunciado uma palavra rasurada. De nossa parte consideramos essa rasura uma incisão material que ao irromper à superfície no processo de textualização deu-se como uma versão.

Temos então o enunciado: **Eu ti faço uma** (rasura) **imploração, pague por minha vida**

A palavra rasurada, ou melhor posta à margem, aos limites do sentido por um gesto de rabiscar é a palavra **proposta**. Reconstituindo as versões possíveis para o enunciado temos:

1- **Eu ti faço uma *proposta*, por favor pague por minha vida**

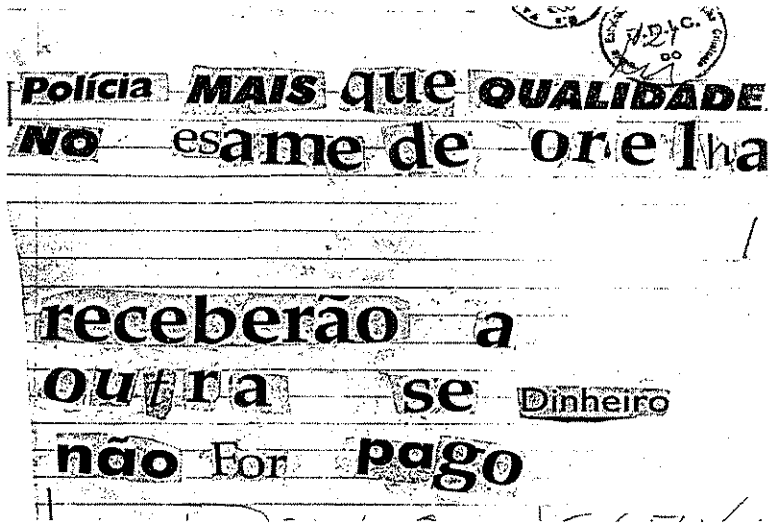
2- **Eu ti faço uma *imploração*, por favor pague por minha vida**

A possibilidade dos enunciados se dá no próprio engendramento da textualidade em que a palavra toma corpo pelo acontecimento da formulação. Há uma distância entre **proposta** (termo que no-do processo de formulação foi experimentada para depois ser interditada) e **imploração**: **proposta** irrompe o domínio da negociação, já **imploração** marca em seu próprio significante apelo, dor, pedido, prece.

No processo de textualização a forma da organização do dizer reflete o jogo das diferentes regiões de significação. Os significantes não estão soltos, eles se realizam na historicidade e se espacializam na medida em que se coloca o discurso em texto. A textualização do discurso se faz com falhas e desse modo o discurso pode se representar em diferentes versões (cf. Orlandi, 2001:94).

Para nós os dois enunciados **eu ti faço uma proposta – eu ti faço uma imploração** são figuras de sítios de significação distintos na ordem da sintaxe. Pelo efeito metafórico, pelo deslize, no jogo do um-outro, um sentido se inscreveu, uma versão irrompeu, mas a rasura indica que o dizer poderia ser outro. Na ordem da enunciação formam-se famílias parafrásticas que marcam uma outra possibilidade para o dizer.

Nos outros recortes é possível observar os embates que se dão com a figura do negociador e da polícia.



Neste recorte a inscrição material da letra (tamanho-forma-disposição linear) tem um estatuto significativo. As letras recortadas e dispostas no texto são, ao nosso ver, um modo específico de recriar a escrita e nela se recriar também. Trata-se de um fenômeno de recriação da identidade de sujeito seqüestrador (semelhante aos pseudônimos), porém a questão fundamental não é a identidade que transita na nomeação e sim o movimento da identidade pelo traço, pela letra.

Nesse recorte a formulação **polícia mais que qualidade no esame de orelha** é um modo de desqualificar e jogar com o interlocutor (a polícia). A formulação irrompe de modo a desestabilizar a polícia e jogar com os sujeitos que filiam nesse lugar. Maffesoli (1987:83) nos diz que '*a tensão, vivida às vezes na violência e no combate, é uma outra maneira de expressar a troca simbólica ou o coletivo*'. No mundo semanticamente 'normal' não há espaço para a tensão, tudo tem de funcionar em harmonia. 'Desestruturar' a normalidade é procurar o seu castigo: o criminoso que rompeu o pacto com a sociedade é inimigo da sociedade inteira.

A textualização, a colocação do discurso em palavras, tem uma relação necessária com o político. Em todo dizer há o confronto do simbólico com o político e isso significa que todo dizer tem uma direção significativa determinada pela articulação material dos signos com as relações de poder. Orlandi (2001:129) diz que essas relações se definem por sua inscrição em diferentes formações discursivas que representam diferentes relações com a ideologia, configurando o funcionamento da língua regida pelo imaginário.

Apresentaremos, neste outro momento, os recortes das conversas telefônicas entre os seqüestradores e o negociador, como também dos seqüestradores entre si. Aqui chamamos atenção que a visibilidade não é mais o **traço**, mas a **voz**. Há que se acentuar as condições de produção desse espaço de interlocução: aqui o contato é feito por telefone e o sujeito seqüestrador camufla a voz.

A ligação telefônica é um modo informal e particular de se inscrever uma conversa, uma fala, que tem em suas condições de produção a voz à distância. Por um 'fio' as pessoas partilham a instância do dizer, do simulacro dialogal, da argumentação. Nessa conversa também irrompe um jogo de imagens entre os sujeitos.

A voz, um mecanismo *anátomo-fisiológico* para uma resposta acústica, discursivamente assume um estatuto de visibilidade das posições sujeito frente ao outro. Sabemos que é impossível pensar a subjetividade sem o outro. O outro (Outro) nos arranca permanentemente de nós. Rolnik (1994:161) diz que a alteridade é uma dimensão invisível que a extrapola nossa identidade, pois estamos dissolvidos nos fluxos em que se operam novas composições de modo a provocar turbulências e transformações irreversíveis no contorno da subjetividade.

A voz é uma instância material que emerge processos de subjetivação. Ao se camuflar a voz, agudizá-la, torná-la grave, aperfeiçoá-la com técnicas vocais para o canto ou terapêuticas é um modo de se significar nesse fio material.

Para nós, a voz vem materializar múltiplos jogos de sentido. Ela é uma linha imaginária no simulacro do processo de significação e exerce efeito no processo de subjetivação. Qualquer quebra nessa linha imaginária poderá produzir efeitos "de algo fora do lugar" na relação entre os sujeitos[27].

Podemos pensar que a voz produz efeito no processo de identificação do sujeito. Enquanto instância simbólica ela é um lugar de experimentação dos sujeitos. Uma voz rouca, soprosa ou agudizada poderá surtir efeitos no processo de representação desse sujeito frente as suas relações. O sujeito ouve e fala pensando o efeito que o seu lugar, a sua

[27] Registramos aqui que essa formulação se deu em uma conversa com Renata Barros (fonoaudióloga que desenvolve um trabalho de terapia da gagueira com a escrita).

voz, produz no outro. Camuflar a voz, abafá-la com um pano, é também um modo de não se mostrar no dizer e de recriar formas de dizer.

Vejamos o recorte que é uma conversa telefônica entre 'Romário', pseudônimo do sujeito seqüestrador, e o negociador:

R: Alô N?
N: oi é ele
R: é o Romário
N: E Aí ... tudo bem Romário?
R: resolveu alguma coisa
N: nós estamos resolvendo... deixa eu falar alguma coisa Romário
R: hum...
N: a gente esta meio preocupado por causa desse telefone
R: fala logo...fala logo...
N: está falando muito pouco
R: fala logo...
N:a gente quer que você deixa de falar desse telefone um tempo...passa meia hora liga de outro telefone
R: hum...
N: pode ligar também
R: hum...
N: fala um pouco desse telefone vai pra outro lugar
R:hum...
N:faz de outro telefone
R:hum...
N:desliga faz de outro
R:hum
N: a gente precisa falar mais para resolver isso você fala muito pouco
R: não não (balbucia algo incompreensível)
N: a gente não consegue entrar em acordo pra resolver isso aí...
R: não por telefone eu não vou conversar com você mas vou deixar um endereço ...pra você ir de lá ta?
R: ahn?
N: endereço
R: é...
N: é ...vou também oi...
R: a estrada Brasília Anápolis
N: Brasília pra Anápolis
R: ANÁPOLIS quilômetro 50
N: de Brasília pra Anápolis
R: é quilômetro 50
N: quilômetro 50?
R: é
N: então tá bom...
R: e qual é a sua proposta ... QUERO SABER

N: aí pode me ligar de novo que eu já tenho outra uma coisa nova pra você...deixa eu pegar isso lá pra gente conversar com o pessoal...certo?

Vejamos um recorte:

N: a gente esta meio preocupado por causa desse telefone
R: fala logo...fala logo...
N: está falando muito pouco
R: fala logo...
N:a gente quer que você deixa de falar desse telefone um tempo...passa meia hora liga de outro telefone
R: hum...
N: pode ligar também
R: hum...
N: *fala um pouco desse telefone vai pra outro lugar*
R:hum...
N:faz de outro telefone
R:hum...
N:desliga faz de outro
R:hum

É interessante destacar na formulação da conversa telefônica que o seqüestrador na rede dos sentidos é aquele preenche o dizer com signos da escuta. A forma **fala logo... hum...** inscreve a eficácia do imaginário. Expor-se ao olhar do outro pela voz, nesta situação, implica pelas condições de produção do discurso, a rapidez do falar. Exceder o tempo na conversa é correr o risco de ser monitorado e capturado. Esse funcionamento é uma especificidade da situação seqüestro: há um a economia da palavra investida e significada com a relação ao silêncio.

Nesta formulação temos a tensão do mesmo no funcionamento parafrástico:

está falando muito pouco... a gente quer que você deixa de falar desse telefone um tempo... passa meia hora liga de outro telefone... pode ligar também... fala um pouco desse telefone vai pra outro lugar... faz de outro telefone... desliga faz de outro

pois o excesso da repetição 'martela' um sentido, um jogo de sentido. Os efeitos que aí trabalham são um modo de um retorno constante com que os sujeitos e os sentidos no jogo da repetição trabalham com o possível a significar.

Observemos o recorte em negrito:

N: **a gente precisa falar mais para resolver isso você fala muito pouco**

a gente precisa falar mais para resolver isso

você fala muito pouco

É interessante pensar esse recorte a partir da definição de formação imaginária de Pêcheux (1997:82). Estamos analisando a conversa entre seqüestrador e negociador e há lugares determinados na estrutura de uma formação imaginária que designa o lugar que S (seqüestrador) e N (negociador) atribuem a si e ao outro, a imagem que fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro em uma situação definida. Em um seqüestro a vida a ser negociada está por um fio.

A formulação **a gente precisa falar mais para resolver isso você fala muito pouco** a forma **falar mais** inscreve o efeito e necessidade de dialogar para resolver a situação. A forma **a gente** não marca apenas a necessidade de N falar, mas S e N precisam estar partilhando em quantidade a mesma instância do dizer.

A marca **você fala muito pouco** (verbo com dois advérbios de intensidade opostos em seu sentido) marcam a tentativa de persuadir o ouvinte para negociar. Esse processo de persuadir se inscreve de uma sutileza materializada na junção/confrontação da forma **muito pouco**.

O seqüestro já irrompe no domínio da memória funcionando pelo efeito da economia da palavra. Quanto menos se fala mais pressão se exerce sobre o interlocutor. É interessante nesse recorte o momento em que pela formulação o sujeito negociador pede a palavra: **N: nós estamos resolvendo... deixa eu falar alguma coisa Romário ... a gente precisa falar mais**. Essa formulação irrompe como uma evidente tentativa de desestabilizar o funcionamento da economia da palavra: quanto mais o sujeito negociador 'faz falar', mais o sujeito seqüestrador se mostra. Entretanto esse 'se mostrar' se compromete à medida que o sujeito seqüestrador joga com a camuflagem da voz. Na conversa, a interlocução não pode se romper. Enquanto há conversa há vida, mas a vida ainda continua no fio do silêncio.

Neste outro momento textual apresentamos uma conversa entre Romário (o seqüestrador) e o cativeiro e também a conversa de Romário e Emanuel (negociador). Observemos e contrastemos o conjunto das duas formulações:

1- Conversa entre Romário e cativeiro:

R- Alô! Eu falei para ele. **Você sua mulher numa camionete vermelha**, né, **com a luz dentro acesa**, né. É acesa. **Vai até o final, 30 por hora, vai e volta**, quê? Vai até o final. Ham, Ham. **Por numa caixa de papelão**? Então tá bom. (soletra caixa), novamente. Não vou escrever não é muita coisa, depois eu vejo, né. Ham, Ham, Ham. É, **ele sem camisa**, né, **a mulher no volante**. Né. Ham, ham, arram...tá bom...arram. (instruções de que alguém passa as instruções para ele, onde a pessoa deve levar o dinheiro) **banco do Brasil de Trindade**.

2- Conversa entre Romário e Emanuel:

R- Emanuel?
E- oi
R- **e aí, arrumou?**
E- **arrumei...**
R- arrumou, né: E aí o que, que é?
E- **É o Cristovaldo. Ele só foi na casa dele falar com a mulher dele e explicar tudo direitinho**. É o que entrega e trabalha para mim à noite, lá.
R- chama ele para sua casa, Oh! **Ele vai com uma camiseta branca, bermuda, tênis e com seu celular**.
E- meu celular tem hora que está cortando o sinal porque levou um tombo.
R- então tá bom.
E- agora outra coisa, você vai me ligar de novo né? Pra ter certeza, ô Romário
R- Ham
E- estou confiando em vocês, bicho, certo?
R- então tá bom!
E- **a semana passada já passou a crise. Agora quero ter certeza e a forma vai ser trazendo meu irmão**.
R- então tá bom.
E- depois explica tudinho, direitinho (Romário desliga).

Na conversa número 1 é possível observarmos pela narratividade do enunciado que Romário (seqüestrador) vai agendando com o colega (no cativeiro) que regras ditar ao seu negociador para que a situação seja resolvida. Interessante é notar nesse recorte, pelas formulações, aquilo que vai sendo desenhado:

Você sua mulher numa camionete vermelha ... com a luz dentro acesa ... Vai até o final, 30 por hora, vai e volta ... Por numa caixa de papelão ... ele sem camisa ... a mulher no volante

Já no segundo enunciado a atualização, ou seja, momento em que a memória discursiva, pela formulação, se faz materialmente na-da textualização, é momento em que

os corpos dos sujeitos se presentificam no corpo das palavras (cf. Orlandi, 2001:10). É momento em que o sujeito se diz naquilo que diz e também como diz.

O conjunto das formulações, materializados no simulacro dialogal, são uma mostra

R- e aí, arrumou? ...
E- arrumei ... É o Cristovaldo. Ele só foi na casa dele falar com a mulher dele e explicar tudo direitinho.
R- Oh! Ele vai com uma camiseta branca, bermuda, tênis e com seu celular.
E- a semana passada já passou a crise. Agora quero ter certeza e a forma vai ser trazendo meu irmão.
R- então tá bom.

desses aspectos do dizer, pois os sujeitos, no simulacro dialogal, experimentam, se assumem autor, e pela força da formulação investida na paráfrase, em momentos distintos da formulação, há o encontro-confronto (do corpo-a-corpo das palavras, pelo jogo da memória na textualização), em quem diz, fala, e ouve, indistintamente.

Vejamos, agora, duas conversas: uma entre Romário e negociador e a outra com Romário e o cativeiro:

1- Conversa entre Romário e Negociador
(19-03-99 às 18:30)
E- então tá bom.
R- vai para porta do Banco do Brasil de Trindade.
E- Banco do Brasil de Trindade.
R- e manda levar o celular. Tá bom?
E- Certo. Que eu ligo para ele.
R- Ah! E não deixa os homens ir...
E- **Como é que faz para pegar meu irmão Welington.**
R- **A partir do que recebeu pode aguardar que é qualquer horário. Nos inté faz uma ligação.**
E- **Tá do jeitinho que você pediu.**
R- **Então falou.**
E- **Eu pus o dinheiro numa mala... está embrulhado no jornal, vou por dentro da caixa de entregar dele e ta indo para o banco do Brasil de trindade. Ta legal?**
R- **tá bom (desliga)**

2- Conversa,entre Romário e cativeiro
(20-03-99 às 1:10)

R- Alô, eu acho que não é nem uma coisa daí, **que ia levar a hóstia ainda para aí**, é mais sabe o que é? **Ele falou que tem um cara muito próximo da família, pode ser até outra pessoa, mais tem um cara muito próximo da família.**
(não dá para ouvir)

R- Ó, ele não foi não, heim? Mais tem que ficar esperto. Ô bicho, tem que ficar esperto, senão acontece igual a (?), depois a perseguição, **que enquanto vocês estão com ele na mão você tem um ficha, soltou o bicho roda, então tem que ficar esperto.** Vocês tem que resolver tudo, que vocês tem que resolver tudo, para depois soltar. **Ele falou 'é para vocês soltar eles** (Emanuel pergunta) **eu falei que desde que você pagou, a qualquer momento, qualquer hora, vou dar uma ligada para avisar.** Mais será que vai estourar esse buchicho assim direto, essa história só se for com Kombi, João Paulo ta ruim, não, eu não tem perigo, eu não vou, eu vou ver com ela, acho que vai, eu na sei se a outra lá arruma que vocês acham? Será que é bom (não dá para ouvir)
R- É, né, então eu vou ver com ela e vou pra aí.

O interessante dessas conversas é que podemos observar a data e o horário em que elas foram gravadas pela polícia. Fazemos esse destaque, pois elas compõem o processo final de negociação. Wellington é libertado no dia 21 de março, após o pagamento de 300 mil dólares.

Na primeira conversa é possível observarmos no conjunto das formulações (abaixo e em negrito) que há

E- **Como é que faz para pegar meu irmão Welington.**
R- **A partir do que recebeu pode aguardar que é qualquer horário. Nos inté faz uma ligação.**
E- **Tá do jeitinho que você pediu.**
R- **Então falou.**
E- **Eu pus o dinheiro numa mala... está embrulhado no jornal, vou por dentro da caixa de entregar dele e ta indo para o banco do Brasil de trindade. Tá legal?**
R- **tá bom (desliga).**

a insistência marcada no dizer de se recuperar o sujeito seqüestrado, como também de efetuar o pagamento, de modo a não haver nenhuma interferência nesse processo.

Já na conversa número dois que se realiza entre o sujeito seqüestrador e o cativeiro há a interdição no dizer. Vejamos o trabalho das formulações:

que ia levar a hóstia ainda para aí ... Ele falou que tem um cara muito próximo da família, pode ser até outra pessoa, mais tem um cara muito próximo da família ...
que enquanto vocês estão com ele na mão você tem um ficha, soltou o bicho roda, então tem que ficar esperto ...
Ele falou é para vocês soltar ele (Emanuel pergunta) **eu falei que desde que você pagou, a qualquer momento, qualquer hora, vou dar uma ligada para avisar.**

Por a conversa ter a possibilidade de estar sendo monitorada, esse processo exerce força de interdição sobre as condições de produção do dizer. Nesse enunciado o dinheiro toma a figura de **hóstia.** Há a preocupação com o fato das pessoas que estão levando o

resgate não serem membros da família e sim um policial, o que gera perigos e problemas. É interessante aqui destacar que na formulação **ficha** e **bicho** recortam pelo processo parafrástico a mesma região do dizer: é preciso ficar esperto, pois se entregarmos o seqüestrado, sem o devido cuidado, a situação estará liquidada.

Convém salientar, no conjunto das análises discursivas até aqui apresentadas, que **a** textualização da situação seqüestro, se dá nestas instâncias do político, das relações de força na linguagem: o silêncio da polícia e dos sujeitos seqüestradores; o gesto de se pedir para ler a carta, para reconhecer a letra, como também, o recebimento da orelha (corpo do sujeito seqüestrado), o reconhecimento das lembranças e memórias do seqüestrado (para se ter certeza de que ele está vivo, ou seja, identificá-lo como sujeito vivo), e ainda, o fato deste processo de identificação estar marcado pelo espaço da imprensa-televisão.

Podemos dizer que as posições sujeitos em jogo nessa situação (saturada) de embate subjetivo e o sentido da interlocução à extorsão, determinam e organizam a interlocução, a materialidade do dizer, e os sentidos produzidos nela. É preciso reconhecer o sujeito seqüestrado e não reconhecer os sujeitos seqüestradores. Há uma assimetria explícita e codificada que faz variar o sentido, o efeito do dizer quando se situa de um lado ou de outro, quando se diz em uma posição (sujeito) ou em outra e, principalmente, quando se diz **com** o outro.

É possível verificar esse processo pelo jogo que se instaura: de um lado temos a materialidade da mensagem significada na letra, na orelha, para se reconhecer o sujeito e de outro lado temos os pseudônimos, as letras recortadas, a voz camuflada, a economia da palavra, a chantagem, a mídia, as ligações telefônicas de diferentes estados para não se reconhecer (em nenhuma hipótese) o sujeito em seu espaço.

Faz-se oportuno, no conjunto de nossas análises, ressaltar o trabalho do traço escrito e o trabalho da voz. É na materialidade do discurso que essas duas instâncias significam e que os sujeitos se dizem, se experimentam e são experimentados no-pelo mundo. Na letra e na voz e, entre a letra e a voz, há vozes e letras...

O acontecimento seqüestro engendra o trabalho do traço escrito como um modo de experimentação dos sujeitos. Na posição sujeito seqüestrado a letra é um gesto a identificar o sujeito, dar modos de reconhecê-lo. Já com relação à posição sujeito seqüestrador ela (a

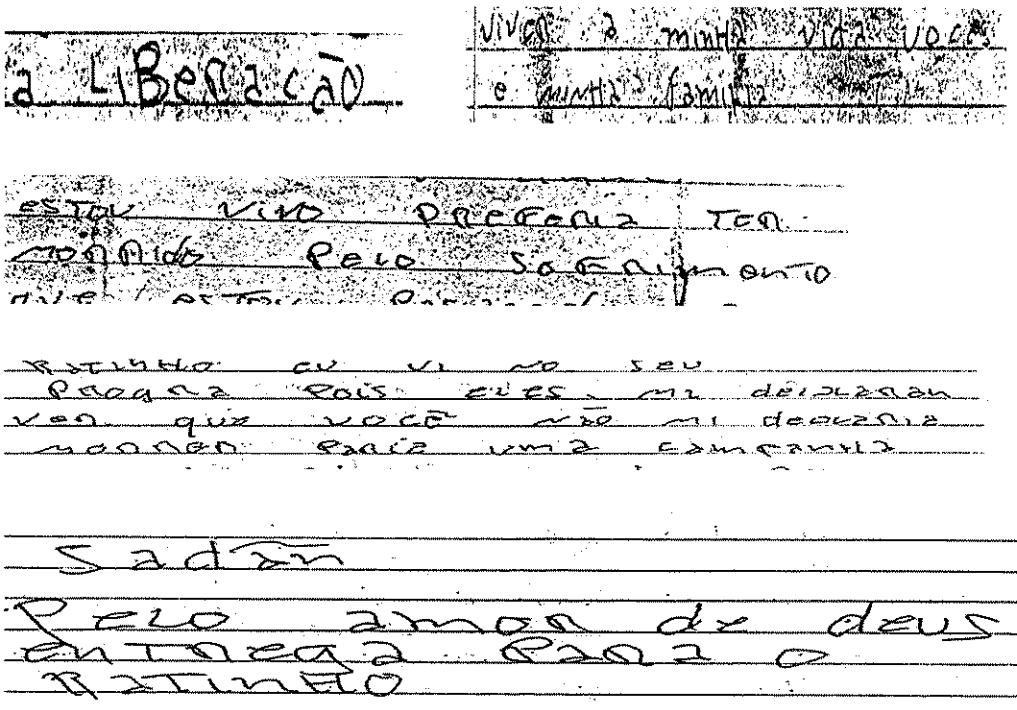
instância da letra) não tem apenas o estatuto do não reconhecimento, da não identificação. Há a resistência de se mostrar no traço e também na voz; estabelece-se na materialidade do discurso a recriação do sujeito pelo efeito da nominação e pela recriação do traço.

Nesse momento textual queremos dar uma atenção especial à letra. O conjunto de bilhetes por nós recortados e analisados traz inscrito em sua materialidade o jogo significante do traço, da grafia, da letra encarnada no papel, que ao voar e chegar ao seu destino (há um destino para a letra?) é e um trabalho da memória perfurada, doida e esburacada a dar corporalidade ao 'farrapo simbólico' que é o sujeito.

Nos verbetes da Endici[28] Orlandi faz algumas considerações interessantes sobre grafite, grafia, escrever, escrita e letra. No conjunto desses verbetes podemos apreender que escrita (a escrita do português do Brasil) foi uma construção, pois legitimamos uma escrita-escritura nossa, a letra (materializada no papel) é produto de uma textualização letrada cristã em que separa dicotomicamente erudito-popular, escrito-oral, comum-raro, porém esse processo de legitimação só inscreveu-se porque não transcrevemos nossa oralidade, mas criamos a metaforização da letra.

A questão da escrita-letra assume um estatuto no processo de identificação, de individualização e de subjetivação. Insculpir o traço nos espaços materiais é um acontecimento discursivo que joga incessantemente com os processos de subjetivação, identificação, e pertencimento do sujeito. Grafar, tremer a letra, aumentá-la, destacar o traço, apagá-lo a próprio punho, é um gesto de pertencimento e inscrição no movimento do sentido. Sujeito e sentido se constituem ao mesmo - trabalho da ideologia e do inconsciente - que nos tece e (des)tece nos processos de significação.

[28] Endici, Enciclopédia Discursiva da Cidade, é grosso modo, um projeto desenvolvido pelos pesquisadores do Labeurb (Laboratório de Estudos Urbanos da Unicamp), de uma enciclopédia discursiva do saber urbano.



O arquivo que organizamos para nosso gesto de leitura é um exemplar, um momento implícito/explícito da vida, da liberdade e da prisão, da história, das escolhas e limites das escolhas. O seqüestro é uma '(des)ordem' engendrado no acontecimento e pelo acontecimento. Ele (como um movimento devorador) se 'nutre' dos jogos identitários de inversão, de identificação e de experimentação da recriação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, colocamo-nos, de modo pontual, duas questões: qual a especificidade do seqüestro? E como a violência significa nesta situação? Porém, acreditamos ser oportuno acentuar que a relevância dessas questões só se dá se considerarmos o seqüestro como um acontecimento específico de significação engendrado pelo trabalho da ideologia.

Este esclarecimento se faz necessário porque o dizer na nossa ótica é práxis simbólica: sujeito e sentido constituindo-se ao mesmo tempo, pelo trabalho da ideologia e do inconsciente, têm sua corporalidade no encontro articulado da materialidade da língua com a materialidade da história.

O acontecimento seqüestro tem em suas especificidades um modo singular de significação: ele se estabelece no domínio da memória como um fato de 'emergência', pois trabalha o efeito do viver, da existência material e corpórea, nos limites das relações subjetivas e identitárias.

A compreensão discursiva desta prática permitiu-nos percorrer diferentes trajetos da-na textualização dos lugares materiais de significação dessa prática: o silêncio, a inversão da responsabilidade para com a vida, a (re)nomeação e os espaços enunciativos de interlocução: o bilhete, a letra, a voz , a imprensa-televisão.

O silêncio, como lugar material de significação, tem um estatuto discursivo singular: os jogos de filiação e de integração a uma memória que se abrem na instância da economia palavra, materializada na resistência ao dizer e na interdição de sentidos, figuram, em modos distintos. Num primeiro momento não falar, não se mostrar, funciona como uma evidência, algo próprio e estável da situação seqüestro, porém esse processo está constantemente aberto a um exercício contrário, ou seja, a polícia e a família devem lutar para reverter a economia da palavra. Nesse processo os sujeitos e os sentidos se movimentam no jogo de experimentação subjetiva estabelecidos nestes espaços distintos.

A tensão que se abre pela economia da palavra determina e organiza não só a interlocução e a materialidade do dizer e dos sentidos produzidos nela, mas também exerce trabalho nos modos de identificação do sujeito, pois é preciso não se reconhecer o sujeito de um lado, mas deve-se reconhecê-lo de outro. Podemos dizer que temos uma camuflagem do vampiro-narciso, isto é, uma luta para ser visto e uma luta para não ser visto. O dizer aqui é assimétrico, porque faz variar o efeito do dito quando ele se situa de um lado (para reconhecer) e de outro lado (para não reconhecer).

Merece destaque o jogo de inversão para com a responsabilidade da vida que põe em risco a vida de outro. Este processo se dá pela chantagem, pelo apelo emocional ao passado e às experiências do sujeito seqüestrado. Esse jogo faz com que a responsabilidade para com a vida do sujeito seqüestrado, 'dever' este dos sujeitos seqüestradores (assassinos em potencial) seja dado inteiramente à família. O que faz com que o efeito da chantagem e do apelo emocional exerça seu funcionamento é o trabalho da memória ressentimentos, já que o movimento constante entre a destruição da vida e sua manutenção tem a ver com os modos de estruturação da vida social. Não é possível compartimentalizar a ordem da vida e principalmente das relações com a vida. A tendência à destruição, à agressão, à crueldade é um dado da vida psíquica, um dado do social. Um mundo livre do completo ressentimento é uma ilusão. Os atentados simbólicos à vida resultam de uma metaforização mal sucedida da vida social.

O espaço enunciativo (intersubjetivo) de interlocução do seqüestro é outro acontecimento discursivo material singular: pela escritura do bilhete, o dizer se configura em um **lugar** material de significação em que a ordem da palavra se dá **com** os sujeitos. O momento em que os sujeitos (tanto o seqüestrado como o seqüestrador) se mostram, pela formulação, pelo corpo material da palavra. Porém, o gesto de mostrar-se se dá também de maneira oposta, ou seja, eles se apresentam de maneira muito diferente. Um precisa ser reconhecido e o outro precisa se recriar, se (re)nomear, se camuflar, para não ser reconhecido. De um modo específico essa instância é também da ordem da resistência: aqui o traço, o gesto da mão a grafar, a insculpir, a rasurar são signos de resistências materializados pelo simbólico.

Há que se destacar o acontecimento que é a voz: uma linha imaginária, que na situação seqüestro, no momento em que o sujeito seqüestrador fala, aparece significada pelo gesto da camuflagem. Entendemos o gesto de camuflar a voz como um jogo de sentidos, de resistência frente ao outro. 'Mudar' (a/de) voz significa se inscrever em um jogo imaginário em que o outro 'não pode e não deve' reconhecer a identidade (do sujeito) que essa instância material significa. Emerge por esse corpo material, no jogo das formulações, o signo do silêncio, a economia da palavra e a 'emergência' de se dizer. Os sujeitos e os sentidos aí se deslocam, se movimentam pelo fio e resistem nele e por ele.

Cabe aqui ressaltar que o domínio da imprensa-televisão, como também, o das conversas telefônicas realizadas no deslocamento de Estado para Estado, é um gesto de reinventar, de camuflar o espaço imediato de enunciação. As posições sujeito em jogo no acontecimento seqüestro determinam os modos de interlocução e os espaços materiais do dizer.

O acontecimento do seqüestro no espaço material da imprensa-televisão, na ordem do discurso jornalístico, funciona na evidência dos mundos semanticamente estabilizados. Há um jogo que se dá entre os processos de homogeneização-banalização do acontecimento, pois esses processos aparecem significados por um efeito de transparência do mundo e, tanto um quanto o outro, já significam como fatos cristalizados. Não há espaço para o conflito. O espaço de interlocução materializado nessa instância se constitui como acontecimento em que o público já aparece significado. Há um movimento narrativo do efeito homogeneizar-banalizar o acontecimento seqüestro (em noticia ou show) estabelecendo-se como um 'ritual' a romper os domínios entre o público e o privado e entre o real e o fictício.

É importante acentuarmos o embate discursivo-material que se engendra no acontecimento seqüestro: há aí um lugar investido de sentido e poder que joga com a fragilização da identidade. A existência do sujeito está por um fio, e o embate se dá, pois é preciso 'manter' a vida, pela conversa: enquanto há linguagem há vida. Não se pode deixar matar: esse é um lugar em que a discursividade da memória dos ressentimentos exerce os modos de filiação.

O embate ainda irrompe com o jogo de inversão de responsabilidade, com os modos de subjetivação no traço, na voz e com a experimentação-escritura dos lugares de significação na instância da auto-designação (pelo efeito da nomeação ou do pseudônimo) e pelo gesto de lembrança. Esses lugares são uma forma da fragilização da identidade.

Por fim, o gesto de seqüestrar, de apartar, de extorquir, reveste-se de uma complexidade (há uma situação de 'emergência', pois a vida não pode se des(fazer) simbolicamente, materialmente e corporalmente). Talvez a especificidade social dessa prática discursiva esteja na não metaforização, na não significação dos sentidos e dos sujeitos, no efeito da história, no efeito do social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Althusser, L. (1979) Materialismo Histórico e Materialismo Dialético. São Paulo: Global.

---------- (1985a) Freud e Lacan. Marx e Freud Edições Graal, 2ª ed, Rio de Janeiro.

----------. (1985b) Aparelhos Ideológicos do Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Althusser L., Rancière J., Macherey P. (1979) Ler o Capital. Rio de janeiro: Zahar Editores.

Ansart, P. (2001). História da Memória dos Resentimentos. In: Memória e (Res)sentimento, Bresciani , S. e Naxara, M. (orgs). SP: Editora da Unicamp.

Arbex Júnior, J. (2001) Showrnalismo: a Notícia como Espetáculo. São Paulo: Casa Amarela.

Arendt, H. (1998) Da Revolução. Tradução: Fernando Dídimo Viera. Editora Ática, 1988.

---------- (1994). Sobre a Violência. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

Auroux, S. (1983) Constituition du fait en histoire et linguistique. In: Histoire et Linguistique, Éditions de la Maison des sciences de L´homme, Paris. p:201-209.

Bally, C. (1965) Le langage et la vie: publications Romanes et Françaises, Librarie Droz, Genève.

Baudrillard, J. (1985) À Sombra das Maiorias Silenciosas/ o fim do social e o surgimento das massas. São Paulo: Editora brasiliense.

Courtine, J. J. (1981) Analyse du discours politique. In Langages 62, Larousse.

Deleuze, G. (1998) Diferença e Repetição. Tradução: Luiz Orlandi; Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal.

---------- (2000) Controle e Devir. In: Coversações. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro. Ed. 24.

Foucault, M. (1987a) As Palavras e as Coisas. São Paulo: Martins Fontes.

---------- (1987b) Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão. Petrópolis: Vozes.

----------. (1997) A Arqueologia do Saber. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forence Universitário, 5ª ed.

Frege, G (1949). Function and Concept. Translations from the Philosophical Writings of Gottlob Frege, Geach, P & Black, M. (eds), pp.21-41

---------- (1978) Lógica e Filosofia da Linguagem, São Paulo, Cultrix.

Freud, S. (1978a) O Futuro de Ilusão . São Paulo: Abril Cultural.

---------- (1978b) O Mal-estar na Civilização. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. São Paulo: Abril Cultural.

Gadet, F. (1978) La double faille. Actes du Colloque de Sociolinguistique de Rouen.

Gadet, F.e Pêcheux, M. (1981) La langue introuvable . Paris: Maspero.

---------- (1998) Há uma Via para Lingüística fora do Logicismo e do Sociologismo. In: Escritos 3. Nudecri/Labeurb/Unicamp.

Guespin, L.(1976) Types de discours, ou fonctionnements discursifs? Langages 41.

Guimarães, E. (2002) Semântica do Acontecimento: um Estudo Enunciativo da Designação. Campinas, SP: Pontes.

Henry (1992) A Ferramenta Imperfeita: Língua, Sujeito e Discurso. Tradução: Maria Fausta P. De Castro. Campinas: Ed. Unicamp.

Henry, P. (1975) Constructions relatives et articulations discursives. Langages 37. Paris: Didier-Larousse. Trad. Bras. "Construções Relativas e Articulações Discursivas" In: *Caderno de Estudos Lingüísticos* (19):43-64, Campinas, SP: IEL-UNICAMP, 1990.

----------. (1993). Sentido, Sujeito, Origem. In: Discurso Fundador, E. P. Orlandi (org). Campinas: Pontes.

----------. (1997a) Os fundamentos Teóricos da "Análise Automática do Discurso". In Gadet e Hack (org) Por uma Análise Automática do Discurso: uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed da Unicamp.

----------. (1997b) A História Não Existe? In: Gestos de leitura, E. P. Orlandi (org). Campinas: Ed. Unicamp.

Lacan, J. (1992). O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

----------. (1998) Escritos. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

Lagazzi-Rodrigues, S. (1998) A Discussão do Sujeito no Movimento do Discurso. Tese de doutorado, IEL, UNICAMP.

Loraux, N. (1988) De L'annistie et son contraire. IN: Usages de l'oublie, au Colloque de Royaumont, éditions du Seuil. p: 23-47

Maffesoli, M. (1987) Dinâmica da Violência. São Paulo: Editora revista dos Tribunais.

---------- (1981) A Violência Totalitária. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Maldidier, D. (1997) Elementos para uma História da Análise de Discurso na França. In: Gestos de leitura, E. P. Orlandi (org). Campinas: Ed. Unicamp.

---------- (2003) A Inquietação do Discurso- (Re)ler Michel Pêcheux Hoje. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes.

Mariani, B. (1998) O PCB e a Imprensa: os Comunistas no Imaginário dos Jornais (1922-1989). Rio de janeiro: Revan; Campinas, SP: Unicamp.

Marques, G. G. (1996) Notícia de um Seqüestro. Trad. Eric Nepumeceno. Rio de Janeiro: Record.

Milner, J. C. (1987) O Amor da Língua. Porto Alegre: Artes Médicas.

---------- (1983) La constituition du fait en linguistique In: Histoire et Linguistique, Éditions de la Maison Des Sciences De L'Homme, Paris. p:177-190

Nietzsche, F. W. (1982) A Genealogia Da Moral. São Paulo: Moraes.

Oliveira, M. A (1996) Reviravolta Lingüística-Pragmática na Filosofia Contemporânea. São Paulo: Edições Loyola.

Orlandi, E. P. (1987) A Linguagem e seu Funcionamento. Campinas, SP: Pontes.

---------- (1990) Terra à Vista. São Paulo: Cortez/Unicamp.

---------- (1996a). Discurso e Leitura. São Paulo: Cortez.

---------- (1996b) Interpretação. Rio de Janeiro: Pontes.

---------- (1997) As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos. Campinas, SP: Ed. da Unicamp (4ª ed).

---------- (1998) O Próprio da Análise de Discurso. In: Escritos 3. Nudecri/Labeurb/Unicamp.

---------- (1999). Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos. Campinas: Pontes.

---------- (2001). Discurso e Texto: Formulação e Circulação de Sentidos. Campinas: Pontes.

---------- (2002) . A Análise de Discurso e seus Entremeios: Notas de sua História no Brasil. In: Cad. Est. Ling. Campinas (42) 21-40.

Pêcheux, M. (1983) "Sobre os Contextos Epistemológicos da Análise de Discurso". IN: Contextos Epistemológicos da Análise de Discurso. Escritos, 4. Campinas: Labeurb/ Nudecri-Unicamp, 1999.

Pêcheux, M. (1971) La semantique et la coupure saussureanne: Langue, Langage, Discours. Langages 24 pp. 93 -106.

----------. (1983) Análise de Discurso em Três Épocas. In: Os fundamentos teóricos da "Análise Automática do Discurso". In Gadet e Hack (org) (1997) Por uma Análise Automática do Discurso: uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed da Unicamp.

---------- (1990) Delimitações, Inversões, Deslocamentos. IN: Cad. Est. Ling., Campinas (19) 7-24.

---------- (1983). O Discurso: Estrutura ou Acontecimento. Trad: E. P. Orlandi, Campinas, SP.

----------(1988). Semântica e Discurso: uma Crítica à Afirmação do Óbvio. Campinas: Ed. Unicamp.

----------. (1997c) Ler o Arquivo Hoje. In Gestos de Leitura, E. P. Orlandi (org). Campinas: Ed. Unicamp.

---------- (1998) Sobre a (des-) Construção das Teorias Lingüísticas. In: Línguas e Instrumentos Lingüísticos. Campias: Pontes.

----------(1999). Papel da Memória. Trad: J. H. Nunes. Campinas, SP: Pontes.

Ricouer, P. (1991) O si-mesmo como um outro. Campinas: Papirus.

Robin, R. (1997) Le Golem de l'écriture – De l'autofiction au cybersoi. Montréal (Québec): XYZ éditeur.

Rolnik, S. (1994) Cidadania e Alteridade: o Psicólogo, o Homem da Ética e a Reinvenção da Democracia. IN: A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo, Cortez.

Saussure, F. (1997) Curso de Lingüística Geral. São Paulo: Cultrix.

Souza, W. M. (1993) Radiografia do Seqüestro. São Paulo: Ícone.